

DM

**Aspetos Sociolinguísticos  
da Exposição a Conteúdos Digitais Brasileiros  
em Crianças com 5 e 8 anos**

Estudo de uma amostra de 100 crianças  
de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Joana Raquel Rodrigues Ferreira**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

julho | 2022

**Aspetos Sociolinguísticos  
da Exposição a Conteúdos Digitais Brasileiros  
em Crianças com 5 e 8 anos**

Estudo de uma amostra de 100 crianças  
de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Joana Raquel Rodrigues Ferreira**

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS

ORIENTAÇÃO

Aline Maria Pinguinha França Bazenga

## AGRADECIMENTOS

A realização da presente dissertação contou com importantes apoios e incentivos, os quais estarei eternamente grata. A todas as pessoas que me ajudaram neste longo percurso, a minha profunda gratidão.

À Professora Doutora Aline Bazenga, um muito obrigada, pela sua excelente orientação, pela enorme ajuda, apoio, motivação, disponibilidade, colaboração e dedicação. Desde o primeiro dia da escolha do tema até ao último estive sempre disposta a ajudar e a ensinar.

Um agradecimento à Secretaria Regional da Educação, Ciência e Tecnologia, às escolas que me acolheram, nomeadamente as escolas da Calheta, Santa Cruz, Funchal, Santana e Porto Santo, a todos os professores, encarregados de educação e principalmente a todas as crianças que participaram de boa vontade e alegraram este estudo.

Aos meus pais, irmão e avó, por sempre me apoiarem e me motivarem a continuar a estudar e nunca desistir, por me educarem e tornarem a pessoa que sou hoje.

À minha Mafaldinha, que foi a grande inspiração desta dissertação.

Ao meu namorado, Henrique, o meu grande apoio, um grande obrigada por tudo.

Ficarei eternamente grata por todos aqueles que pelo meu percurso académico passaram e fizeram de mim uma pessoa melhor e mais sábia.

## RESUMO

*Esta dissertação, desenvolvida no âmbito do 2º Clico em Linguística: Sociedades e Culturas, tem como principal foco a exposição das crianças a conteúdos digitais brasileiros e os possíveis efeitos que este tipo de contacto exerce a nível linguístico. Pretende-se analisar o conhecimento e uso de expressões linguísticas da variedade do português do Brasil (PB) por crianças que têm uma variedade do português europeu (PE). A análise tem por base uma amostra de crianças madeirenses de 10 escolas públicas e privadas, duas em cada um dos cinco concelhos da Região Autónoma da Madeira (RAM), selecionados (Calheta, Funchal, Santa Cruz, Santana e Porto Santo), com cinco (ensino pré-escolar) e oito anos (3ºano do 1º ciclo do ensino básico). Num total de 100, as crianças são entrevistadas e submetidas a dois testes linguísticos: Teste Nº1- Associação de palavras do PB a imagens e Teste Nº2 – Equivalência Lexical entre palavras do PB e do PE. A pesquisa conta ainda com questionários dirigidos aos encarregados de educação (EE), através dos quais se pretende analisar a relação ou não de fatores de natureza social – nível de escolaridade dos pais e grau de interação da criança com os pais e outros membros do agregado familiar, tipo de escola frequentada (pública ou privada) e localidade (Município) da escola – e o desempenho linguístico demonstrado pelas crianças. Para além destes fatores, são também considerados o sexo (feminino /masculino) e a idade/escolaridade das crianças.*

*Os resultados apontam (i) para a relevância destes fatores de natureza extralinguística e (ii) melhor desempenho da amostra de crianças do terceiro ano, em paralelo com maior autonomia de acesso a dispositivos digitais, maior tempo de exposição de efeitos da exposição das crianças a programas brasileiros do YouTube, conforme maior for a idade da criança, em paralelo com a sua crescente consciência da variação linguística do português. O trabalho contribui, assim, para um melhor conhecimento deste fenómeno sociolinguístico recente, que se traduz pelo uso de palavras e expressões da variedade do PB nas interações de crianças portuguesas, residentes na ilha da Madeira e do Porto Santo.*

**Palavras-chave:** Exposição a Conteúdos Digitais Brasileiros; Crianças (pré-escolar e 3º ano Ensino Básico); Variedades do Português do Brasil e do Português Europeu; Região Autónoma da Madeira; Desenvolvimento Sociolinguístico, *YouTube*.

## ABSTRACT

*This dissertation, developed within the scope of the 2nd Cycle in Linguistics: Societies and Cultures, has as its focus on the exposure of children to Brazilian digital content and the possible effects that this type of contact has at a linguistic level. The aim is to analyse the knowledge and use of linguistic expressions of the Brazilian Portuguese (BP) variety by children who have a variety of European Portuguese (EP). The analysis is based on a sample of Madeiran children from 10 public and private schools, two in each of the five municipalities of the Autonomous Region of Madeira (RAM), selected (Calheta, Funchal, Santa Cruz, Santana and Porto Santo), with five (pre-school education) and eight years (3rd year of the 1st cycle of basic education). A total of 100 children are interviewed and submitted to two linguistic tests: Test No.1 - Association of BP words to images and Test No.2 - Lexical Equivalence between BP and EP words. The research also has questionnaires addressed to the parents, through which it is intended to analyse the correlation or not of factors of a social nature - level of education of the parents and degree of interaction of the child with the parents and other members of the household, family, type of school attended (public or private) and location (Municipality) of the school – and the linguistic performance demonstrated by the children. In addition to these factors, the sex (female/male) and age/education of the children are also considered.*

*The results of this essay point to (i) the relevance of these factors of an extralinguistic nature and (ii) a better performance of the sample of third-year children, in parallel with greater autonomy of access to digital devices, longer exposure time to the effects of children's exposure to Brazilian YouTube programs as the child grows older, in parallel with their growing awareness of the linguistic variation of Portuguese. This work thus contributes to a better understanding of this recent sociolinguistic phenomenon, which translates into the use of words and expressions from the variety of BP in the interactions of Portuguese children, living on the islands of Madeira and Porto Santo.*

***Keywords: Exposure to digital Brazilian content; Children (pre-school, 3rd year of the 1st cycle of basic education); Use of Brazilian Portuguese in European Portuguese; Autonomous Region of Madeira; Sociolinguistics; YouTube.***

<b>RESUMO.....</b>	<b>3</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>4</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1 Abordagem Sociolinguística da Variação .....</b>	<b>14</b>
1.1.1 Perceção e Atitudes Linguísticas .....	15
1.1.2 Fatores Sociais .....	16
<b>1.2 Variedades Linguísticas do Português.....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem .....</b>	<b>23</b>
1.3.1 Aquisição da Língua Materna pelas Crianças .....	23
1.3.2 O Papel das Interações Sociais .....	25
1.3.3 O Papel do Brincar (ao Faz de Conta) .....	26
<b>1.4 Efeitos da Exposição a Conteúdos Digitais .....</b>	<b>27</b>
<b>1. METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
<b>2.1 Seleção das Variáveis .....</b>	<b>30</b>
2.1.1 Crianças .....	30
2.1.2 EE .....	31
2.1.3 Escolas .....	32
<b>2.2 Amostras.....</b>	<b>33</b>
2.2.1 Amostra das 100 Crianças .....	33
2.2.2 Amostra dos EE.....	35
<b>2.3 Instrumentos para Recolha de Dados: Da Aplicação dos Inquéritos ao Estudo Experimental.....</b>	<b>36</b>
2.3.1 Questionários aos EE.....	36
2.3.2 Estudo Experimental: Entrevistas com as Crianças e Aplicação de Dois Testes .....	37
<b>2.4 Tratamento dos Dados .....</b>	<b>39</b>

<b>3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>41</b>
<b>3.1 Percepções dos EE .....</b>	<b>41</b>
<b>3.2 Estudos Experimentais com Crianças do Pré-escolar e do 3º ano .....</b>	<b>58</b>
3.2.1 Teste N°1- Associação a Imagens .....	58
3.2.2 Teste N°2 - Equivalência Lexical .....	66
<b>3.3 Amostra de 18 Crianças cujos EE afirmam não visualizar conteúdos do YouTube em PB.....</b>	<b>72</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>84</b>

## LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

### Figuras

<b>Figura 1.</b> Mapa da Divisão dos Dialeto Portugueses .....	22
<b>Figura 2.</b> Mapa da Ilha da Madeira e do Porto Santo .....	33

### Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Variáveis e Respetiva Codificação para a Amostra de 100 crianças.....	31
<b>Tabela 2.</b> Distribuição dos 100 Informantes, de Acordo com as Variáveis Sociais neste Estudo .....	34
<b>Tabela 3.</b> Distribuição dos 192 EE .....	35
<b>Tabela 4.</b> Respostas à Pergunta “Quais são os Canais de YouTube Brasileiros a que o/a seu/sua Filho/a Assiste?” .....	43
<b>Tabela 5.</b> Respostas à pergunta “Já Ouviu o seu Educando Dizer Alguma das Palavras do Português do Brasil Abaixo Indicadas?” .....	44

### Gráficos

<b>Gráfico 1.</b> Respostas a Q.B.7. “Classifique as Afirmções de Não Concordo a Concordo”.....	43
<b>Gráfico 2.</b> Respostas à Q.B.9. “Quais são os canais de YouTube brasileiros a que o/a seu/sua filho/a assiste”.....	47
<b>Gráfico 3.</b> Respostas à Q.A.7. “Grau de Escolaridade do EE” - Escola Privada e Escola Pública.....	48
<b>Gráfico 4.</b> Respostas à Q.B.7 “Classifique as Afirmções de Não Concordo a Concordo”- Escola.....	49
<b>Gráfico 5.</b> Respostas à Q.B.11. “Já Ouviu o seu Educando Dizer Alguma das Palavras do PB?” - Escola Privada e Escola Pública.....	50
<b>Gráfico 6.</b> Respostas à Q.B.3. “Algum destes dispositivos é apenas utilizado pela criança? Se sim, quais?”- Ensino Superior e Ensino Básico.....	51
<b>Gráfico 7.</b> Respostas à Q.B.7. “Classifique as Afirmções de Não Concordo a Concordo” - Ensino Superior vs Ensino Básico.....	51
<b>Gráfico 8.</b> Respostas a Q.B.11. “Já Ouviu o seu Educando Dizer Alguma das Palavras do PB?” – Ensino Superior e Ensino Básico.....	53

<b>Gráfico 9.</b> Respostas à Q.A.3. “Grau de Escolaridade do EE” – Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta.....	54
<b>Gráfico 10.</b> Respostas à Q.A.9. “Se o Educando tem Irmãos Indique Quantos” – Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta.....	55
<b>Gráfico 11.</b> Respostas à Q.B.3. “Algum destes dispositivos é apenas utilizado pela criança? Se sim, quais?” - Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta.....	56
<b>Gráfico 12.</b> Respostas à Q.B.4. “Quanto tempo o/a seu/sua filho/a despende por dia na utilização destes dispositivos?” - Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta.....	57
<b>Gráfico 13.</b> Respostas à Q.B.6. “A criança tem interesse por algum destes conteúdos em PB?” - Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta.....	58
<b>Gráfico 14.</b> Resultados gerais: Palavras em PB ditas no Teste Nº1 .....	59
<b>Gráfico 15.</b> Teste Nº1- Resultados das crianças (Pré-Escolar e do Terceiro Ano).....	60
<b>Gráfico 16.</b> Resultados do Teste Nº1- Escola Pública vs Escola Privada.....	61
<b>Gráfico 17.</b> Teste 1- Resultados por Género (Masculino vs Feminino).....	62
<b>Gráfico 18.</b> Teste 1- Resultados dos Municípios.....	63
<b>Gráfico 19.</b> Dados do Teste 1 e do Questionário dos EE dos Alunos da Pré-escolar.....	66
<b>Gráfico 20.</b> Dados do Teste 1 e do Questionário dos EE dos Alunos do Terceiro Ano.....	67
<b>Gráfico 21.</b> Contabilização da Equivalência Lexical Correta no Teste 2.....	68
<b>Gráfico 22.</b> Teste 2- Resultados da Pré-escolar e do Terceiro Ano.....	69
<b>Gráfico 23.</b> Teste 2- Resultados da Pré-escolar e do Terceiro Ano às Palavras Galera e Zueira.....	70
<b>Gráfico 24.</b> Teste 2- Resultados da Escola Pública e da Escola Privada.....	71
<b>Gráfico 25.</b> Teste 2- Resultados do Género Masculino e Feminino.....	71
<b>Gráfico 26.</b> Teste 2- Resultados dos Municípios.....	72

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

EE – Encarregados de Educação

PB – Português do Brasil

PE – Português Europeu

Pu – Pública (escola)

Pr – Privada (escola)

RAM – Região Autónoma da Madeira

FNC – Funchal

PXO – Porto Santo

STZ – Santa Cruz

CLH – Calheta

STN – Santana

## INTRODUÇÃO

A presente investigação surge no âmbito da Dissertação de Mestrado do 2º Ciclo em Linguística: Sociedades e Culturas da Universidade da Madeira (2021/2022). Neste estudo, procura-se articular os conhecimentos da Sociolinguística Variacionista, através de uma investigação baseada em dados qualitativos e quantitativos retirados através de questionários e entrevistas. A seleção do presente tema surge durante a unidade curricular de Sociolinguística, realizada no primeiro ano do Mestrado.

O estudo analisa os aspetos linguísticos relacionados com o efeito do contacto com conteúdos digitais brasileiros, nomeadamente através da plataforma *YouTube*, em alunos de cinco e oito anos de escolas públicas e privadas da Região Autónoma da Madeira, observando o conhecimento e uso de expressões do português do Brasil.

No âmbito da língua portuguesa é observado, para além da variação de natureza social ou de estilo, um outro tipo de diferenças, as que distinguem duas variedades geográficas e sociais do português (Mateus e Cardeira, 2007), presentes neste estudo: a variedade do português do Brasil (PB) e a variedade do português europeu (PE). Estas duas variedades, entram em contacto através de meios digitais, como a visualização de vídeos no *YouTube*. Embora o português seja a língua oficial tanto do Brasil como de Portugal apresenta formas diferentes de usos, devido, entre outros aspetos, ao facto de em ambos os casos as histórias de contacto com outras línguas serem distintas. As diferenças léxico-semânticas entre as duas línguas são notórias no vocabulário e no significado de algumas palavras de uso quotidiano (Santos, 2014).

Apesar da temática de estudo, que envolve a influência da exposição a conteúdos digitais, ainda não ser objeto de muitas pesquisas desenvolvidas, é de notar o seu interesse, sendo possível encontrar vários artigos científicos, relacionados com os efeitos da exposição a conteúdos digitais por crianças. Um exemplo desta situação é o contributo de Alroqi (2018), que analisa a influência da exposição aos media por crianças e as suas consequências no desenvolvimento da linguagem, assim também como o seu impacto na interação entre pais e filhos. De sublinhar ainda, o artigo de Calvert e Wilson (eds), (2008) e no artigo de Green, Holloway, Stevenson, Leaver Haddon (2021), publicações que abordam e expõem a mesma temática, numa perceção mais abrangente e atualizada, com contributos recentes.

A tese de doutoramento de Alroqi (2018) explora o desenvolvimento da linguagem de crianças associado a vários fatores: tempo, conteúdos e contexto de exposição aos media. Os efeitos, a nível linguístico, dos conteúdos visualizados pelas

crianças, são maiores quanto maior for o tempo de *screen time* não controlado pelos pais. Assim sendo, conforme *Liebeskind* (2013), existe uma relação entre as interações dos meios de comunicação social com os pais e filhos, ambos diretamente ligados com o ambiente em casa, exercendo, assim, uma influência nas competências nos desempenhos linguísticos.

O artigo de Nardy, Chevrot e Barbu (2013) reflete sobre a variação da língua e os aspetos sociolinguísticos que influenciam a aquisição de uma certa variedade de uma língua, tais como a classe social, o género, a idade, o contexto e a escolaridade. Apresenta também um modelo de aquisição da linguagem estratificado segundo idades. Este artigo enquadra-se na área da Sociolinguística Variacionista, cujo fundador, Labov reflete sobre os aspetos extralinguísticos que influenciam a variação e a mudança na língua.

A presente investigação tem por objetivo observar se existe ou não uma relação entre a exposição das crianças aos vídeos do *YouTube* brasileiros e a utilização de vocábulos do PB e interpretar os resultados de acordo com os fatores da ordem sociolinguística. Assim, a dissertação está centrada nos seguintes tópicos e objetivos:

1. Observar se, com uma maior escolarização, as crianças têm mais consciência da variação linguística e, deste modo, fazem menos recurso a léxico do PB;
2. Investigar se o recurso a palavras do PB é mais notório em crianças do género feminino do que no género masculino;
3. Averiguar se existe uma relação entre o grau de escolaridade dos pais e o uso de termos do PB pela criança;
4. Apurar se a dicotomia rural e urbano, ou seja, se a localização da escola nos dois ambientes / contextos tem influência ou não no desempenho das crianças.
5. Confirmar se existem diferenças de natureza linguística entre os alunos das escolas públicas e das escolas privadas, relacionando com a classe social;
6. Avaliar se existe uma conexão entre o acesso autónomo e o tempo de exposição a dispositivos com acesso ao *YouTube*, e o uso de expressões do PB;
7. Examinar se a perceção dos pais é adequada sobre a prestação dos seus filhos.

É pertinente estudar esta influência devido ao facto de se tratar de uma realidade que corresponde e é recorrente nos dias de hoje: a era digital. Atualmente, é facilitado o acesso pelas crianças às novas tecnologias da comunicação, através de smartphones e tablets, permitindo, assim, que as mesmas tenham liberdade na pesquisa de conteúdos. O *YouTube* é um dos exemplos de plataformas mais utilizadas e visualizadas pelas crianças,

devido ao facto de possuir uma extensa diversidade de conteúdo, adaptado a todas as idades e gostos. O conteúdo desta plataforma destaca-se pelo recurso aos fatores audiovisuais utilizados, que captam a atenção das crianças e, desta forma, o tempo em frente ao ecrã aumenta. Devido ao acesso facilitado, o tempo de exposição aos ecrãs aumenta, assim como as consequências inerentes. Pelo contacto com o PB através dos vídeos do *YouTube*, esta variante torna-se primeiro familiar, sendo depois utilizada como um meio de comunicação.

Deste modo, são tidos em conta os aspetos sociolinguísticos da exposição a conteúdos digitais brasileiros, por crianças dos 5 e 8 anos, falantes de PE. Procurando verificar a existência ou não de algum tipo de aquisição linguística de traços do PB, nomeadamente de tipo lexical, por influência à exposição dos conteúdos em PB.

É igualmente relevante a escolha da amostra a ser estudada, em particular os níveis de ensino selecionados – o ensino pré-escolar e o 3º ano do 1º ciclo do ensino básico – por coincidirem com diferentes idades das crianças, respetivamente 5 e 8 anos, e diferentes fases do seu desenvolvimento em termos de consciência linguística. Esta seleção é realizada para fundamentar a hipótese de que quanto maior é a escolarização numa variedade do português, neste caso no PE padrão, menor é o recurso a expressões brasileiras no desempenho linguístico das crianças nas suas interações verbais. Com esta hipótese, as crianças mais escolarizadas têm maior consciência social da variação linguística e, por esse facto, controlam mais o uso de formas linguísticas não incluídas no padrão da sua língua materna, optando por não as utilizar em contexto escolar.

Esta dissertação divide-se essencialmente em três partes, precedidas da Introdução e seguidas da Conclusão e das Referências Bibliográficas e dos Anexos. A primeira parte é dedicada à revisão teórica sobre vários conceitos e tópicos, tais como “sociolinguística da variação”, “perceções e atitudes linguísticas”, “fatores sociais”, “variedades linguísticas do português”, “desenvolvimento cognitivo e da linguagem”, “aquisição da língua materna pelas crianças”, “o papel das interações sociais”, “o papel do brincar ao faz e conta” e por fim os “efeitos da exposição a conteúdos digitais - que se entrecruzam no desenho da investigação realizada. Segue-se o segundo capítulo, em que se descreve passo a passo e se fundamenta a metodologia utilizada, nomeadamente a seleção das variáveis, das amostras, dos instrumentos utilizados na recolha dos dados e do seu tratamento.

Por fim, o terceiro capítulo em que se dá conta dos resultados obtidos, relativamente às perceções dos Encarregados de Educação (doravante EE), aos estudos

experimentais realizados com as crianças e, por fim, os que se relacionam com uma amostra de 18 crianças cujos EE afirmam que os seus educandos não visualizam conteúdos do *YouTube* em PB.

## **1. REVISÃO DA LITERATURA**

Neste primeiro capítulo, serão apresentados conceitos teóricos subjacentes a este projeto de investigação. Os fundamentos teóricos mais relevantes encontram-se associados a quatro tópicos, correspondendo a quatro secções: secção 1.1 – Abordagem Sociolinguística da Variação; 1.2 Variedades Linguísticas do Português; 1.3 – Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem e 1.4 – Efeitos da Exposição a Conteúdos Digitais em Crianças.

### **1.1 Abordagem Sociolinguística da Variação**

A Sociolinguística é um ramo da linguística que conjuga as categorias sociais, como o género, nível socioeconómico, escolarização, faixa etária e espaço geográfico dos falantes de uma língua, com categorias linguísticas em uso por esses falantes. Desta articulação surgem vários os perfis sociais, relacionados com o seu desempenho linguístico, observando-se, assim, numa determinada comunidade, vários padrões de usos linguísticos. Conforme Haddar (2008), esta é “uma disciplina linguística autónoma, com um objeto de estudo e instrumentos metodológicos concretos, potenciadores de contributos únicos para a compreensão da inter-relação entre língua e sociedade”. Deste modo, a sociolinguística pretende relacionar as variações da língua com as categorias sociais, para deste modo identificar quais os grupos de fatores sociais responsáveis pela variação linguística em estudo, para além dos fatores de natureza linguística.

A Sociolinguística Variacionista, fundada por William Labov, defende que a variação da língua utilizada no quotidiano (numa determinada comunidade de fala (Labov, 2007) está relacionada com as características sociais dessa mesma comunidade (Labov, 1972). O conceito de comunidade de fala está assente na ideia de um grupo de falantes que partilha as mesmas crenças relativamente a normas e expectativas quanto aos usos linguísticos. Desta maneira, é possível uma comunidade diferir de outros grupos ou comunidades de fala (Labov, 1972). De acordo com Botassini (2015), a Sociolinguística Variacionista está relacionada a determinadas atitudes linguísticas, manifestadas por um grupo ou por uma comunidade de fala, fazendo assim predefinir um determinado comportamento linguístico. Neste estudo, cuja variável dependente incide sobre os efeitos do contacto com conteúdos digitais brasileiros em crianças madeirenses, é de prever a sua variação conforme os fatores sociais e educacionais da família onde estão inseridas as crianças, os seus valores e normas de conduta. As atitudes podem estar associadas aos

traços comportamentais e ser divididas em condutas positivas ou negativas (Botassini, 2015). As crenças são integradas por elementos cognitivos, como percepções e conhecimentos e fatores sociais e educacionais que podem, neste caso influenciar ou não o comportamento das crianças (Botassini, 2015).

As atitudes comportamentais das crianças também podem ser observadas através de diferenças das comunidades de fala, ou seja, da sua integração em grupos sociais distintos (Botassini, 2015). As crianças com 8 anos inserem-se em comunidades de fala distintas das crianças de 5 anos, e assim sendo, poderão manifestar variações sociolinguísticas distintas, de acordo com as regras de uso da sua comunidade/grupo.

### ***1.1.1 Percepção e Atitudes Linguísticas***

Haddar (2008) define percepção linguística como um conjunto de ideias que o indivíduo possui sobre todos os aspetos relacionados com a língua, como por exemplo, dialetos ou variedades de uma língua, falar bem ou mal uma língua, etc. A percepção é algo próprio e característico sobre uma realidade adaptada a cada um, que varia consoante o sujeito (Haddar, 2008). O utilizador de uma língua avalia e tira conclusões ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes. Passando a citar Haddar (2008: 51):

Esta percepção linguística está relacionada com o modo como a variabilidade da fala de um sujeito pode transmitir informação sobre si mesmo e afetar não só como a mensagem é percebida, mas também a reação a ela e ao próprio. E, de facto, em paralelo com a aparência física, o modo de falar de um indivíduo é encarado como um importante cartão de identificação pessoal que revela ao mundo quem é, de onde é e como é, que indica até a sua profissão, estrato social ou escolaridade.

A percepção está associada às crenças que cada indivíduo possui sobre a língua, isto é, aquilo em que acreditam, e processa-se num plano individual (Haddar, 2008). Para Barcelos (2007), as crenças são algo antigo, pois desde que homem pensa ele também acredita, e assim sendo tem uma crença em algo. As crenças são caracterizadas como sendo dinâmicas, sociais e individuais (Barcelos, 2007). São dinâmicas pois mudam com o tempo, sociais visto que são construídas num contexto social, através da interação com o outro e ao mesmo tempo individuais, porque cada indivíduo possui as suas crenças sobre determinado assunto e as suas experiências são processadas de uma forma peculiar (Barcelos, 2007).

As percepções e crenças influenciam as atitudes linguísticas. Estas resultam das crenças e percepções e são condicionadas por fatores sociais (Haddar, 2008). As atitudes

linguísticas são geradas de forma inconsciente, resultam de experiências individuais em ambiente sociais, influenciadas, por isso, pela sociedade (Haddar, 2008).

No presente estudo, é possível confrontar se as percepções e crenças dos EE estão de acordo com as produções e atitudes dos seus educandos. Esta relação é realizada a partir das crenças dos EE, pressupostas no questionário, e na produção e atitudes das crianças nos dois testes inseridos na entrevista que lhe foi feita.

### ***1.1.2 Fatores Sociais***

Como referido anteriormente, a Sociolinguística estuda a língua, tendo e conta os fatores sociais. Na revisão da literatura sobre a aquisição da variação sociolinguística, no âmbito do desenvolvimento da linguagem, tendo por foco crianças e não os falantes adultos, realizada por Nardy, Chevrot e Barbu (2013), fica patente que a aquisição da variação pelas crianças é ainda um domínio pouco central nos estudos variacionistas, onde predomina a investigação sobre falantes adultos. Referem que a questão central no processo do desenvolvimento da linguagem e da aquisição sociolinguística da língua materna que se coloca é saber como é que as crianças conseguem construir os seus conhecimentos linguísticos, apesar de integrarem um ambiente linguístico extremamente variável e socialmente estruturado. Dito de outro modo, procuram-se resposta que expliquem a integração do conhecimento sobre o mundo social e do conhecimento sobre a linguagem, como se estruturam mutuamente no desenvolvimento sociolinguístico da criança. Com base nos estudos observados, os autores salientam a importância do ambiente social, do género e da idade. Relativamente ao ambiente social (familiar), estes autores afirmam:

the social differences observed in uses of sociolinguistic variables are constructed on the basis of children's linguistic environment of origin. Thus, this would mean that adult sociolectal usage is transmitted to children within the family environment that provides the requisite material for linguistic development. (Nardy, Chevrot & Barbu, 2013: 263)

O ambiente social influencia, nomeadamente, o desenvolvimento lexical a partir dos 2 anos de idade, o que significa que as diferenças sociais nos usos linguísticos podem ser vistas como resultantes das primeiras fases da aprendizagem das línguas, nas quais o socioleto do adulto é transmitido à criança dentro do ambiente familiar, fornecendo-lhe o estímulo necessário para o seu desenvolvimento linguístico. No que diz respeito às diferenças relacionadas com o género, os autores constatarem uma grande heterogeneidade

nos resultados na literatura sobre esta matéria. Num primeiro grupo de estudos, as crianças entre os 2 e 4 anos, independentemente do seu sexo apresentam os mesmos padrões sociolinguísticos e as diferenças ligadas ao género seriam posteriores, emergindo através do contacto com o grupo de pares (Kerswill, 1996). Um segundo grupo de estudos mostra um efeito de género semelhante às tendências gerais observadas em adultos, ou seja, os meninos produzem mais variantes não padrão do que as meninas, o que poderia estar relacionado com o ambiente familiar, com as diferenças no discurso da mãe quando se dirigem aos seus filhos (Foulkes, Docherty & Watt, 2005). Um terceiro grupo de estudos nota uma tendência diferente: os rapazes parecem produzir variantes mais padrão do que as raparigas, ao contrário das tendências habituais dos adultos. A variável idade também influencia a aquisição sociolinguística. A partir dos 6 anos e até aos 10 aos 12 anos regista-se um aumento de variantes padrão em situações formais. Nestas situações, é de supor que a entrada no sistema educativo (com cerca de 6 anos) bem como a descoberta e aprendizagem da forma escrita podem ser fatores que favorecem o aumento das variantes padrão no discurso das crianças. Os autores concluem, dizendo:

it would seem that the question of evolution with age deserves to be examined in two stages: firstly over the pre-school period (increase in non-standard variants in family interactions) and secondly, over the school period (increase in standard variants in formal situations). (Nardy, Chevrot & Barbu, 2013: 274)

No presente estudo, para além das variáveis idade e género das crianças e nível de escolaridade dos EE, foram consideradas as variáveis como a localidade das escolas e o tipo de ensino, público ou privado. Estas variáveis, bem como a variável nível escolaridade dos EE, são assumidas como constituindo a variável classe social também ela relacionada com a variável ambiente familiar.

A variável social idade é uma das variáveis com grande importância para os estudos variacionistas, pois quando relacionada com o objeto de estudo, é possível observar os seus efeitos nos resultados (Freitag, 2000). Nesta investigação, as faixas etárias consideradas foram a dos cinco anos e a dos oito anos, as dos alunos da pré-escolar e do terceiro ano, respetivamente. Em concordância com Araújo Freitas, Freitas & Rocha (2021), no seu estudo, parte-se da hipótese de que existem diferenças entre a prestação das crianças com cinco anos e a das crianças com oito anos. Com o aumento da idade, as diferenças na linguagem entre as idades diminuem e as funções são desenvolvidas de modo a estabilizar as competências linguísticas, o que acontece por volta dos oito anos

(Araújo Freitas, Freitas & Rocha, 2011). Conforme Chambers (2003), a infância é a faixa etária que mais está propensa a influências e tensões familiares.

A variável social género corresponde a uma identidade desenvolvida a partir de contacto social e cultural (Gorski, 2006). O género masculino e o género feminino têm as suas diferenças quanto às suas atitudes linguísticas. Consoante a perspetiva tradicional, o género feminino tem a tendência a ser mais conservador e a utilizar variantes menos inovadoras; já o género masculino, por outro, não é tão conservador. Isto quer dizer que utiliza variantes inovadoras, mesmo que estas sejam estigmatizadas (Labov, 1972). De acordo com estudos sobre a relação entre o género das crianças e o estatuto socioeconómico da família, as prestações entre os dois géneros são distintas (Barbu, Nardy, Chevrot, Guellai, Glas, Juhel & Lemasson, 2015). Quando o estatuto socioeconómico da família é baixo, a prestação linguística do género masculino é inferior à do género feminino (Barbu, Nardy, Chevrot, Guellai, Glas, Juhel & Lemasson, 2015). Neste trabalho, no capítulo de análise e discussão dos dados serão analisadas as diferenças entre os dois géneros no grupo de crianças nos resultados obtidos.

A variável nível de escolarização está associada ao nível socioeconómico e à prestação a nível linguístico (Freitag, 2011). Assim sendo, a escolarização é um dos indicadores de classe social e é um dos fatores de estratificação social (Freitag, 2011). Os indivíduos que possuem escolaridade superior tendem a utilizar mais a norma, assim como o uso correto da língua e uso linguístico de prestígio (Freitag, 2011). Segundo Hart & Risley (1995), os pais com menor escolaridade possuem menos tempo de interação com os seus filhos, o que também influencia o desenvolvimento da sua linguagem. Por outro lado, pais com mais escolaridade, de nível superior, possuem mais tempo de interação e um maior desenvolvimento linguístico, proporcionando mais estímulos linguísticos de qualidade à criança. Em conformidade com Weigel, Martin & Bennett (2006), os pais com o nível de escolarização superior estão relacionados com melhores desempenhos linguísticos por parte das crianças.

No presente estudo são consideradas as diferenças entre EE com o ensino básico, com o ensino secundário e com o ensino superior, partindo da hipótese de que os níveis de escolarização têm influência na prestação dos seus educandos. De acordo com Papalia, Feldman & Olds (2001), o contexto familiar de uma criança influencia os resultados escolares; as crianças obtêm melhores resultados quando o ambiente familiar é considerado favorável ao desenvolvimento da linguagem. Assim sendo, o estatuto socioeconómico e a classe social têm impacto no comportamento da criança.

Do mesmo modo, é tido em conta a diferença entre a escolarização dos dois anos selecionados: pré-escolar e terceiro ano. Os alunos da pré-escolar ainda não sabem ler nem escrever, mas neste ano é feita uma preparação tendo em vista a sua transição para o primeiro ano do primeiro ciclo, no sentido de estarem bem preparados para a próxima fase de aprendizagem, que inclui a aprendizagem da leitura e da escrita. Já os alunos do terceiro ano encontram-se num patamar onde já sabem ler e escrever. Por essa razão possuem uma maior consciência linguística da variedade normativa transmitida através da escolarização e da diversidade linguística.

Uma outra variável social selecionada foi a tipologia de escola frequentada pelas crianças. As diferenças entre a escola pública e a escola privada são apresentadas em alguns trabalhos. A escola pública é mais económica do que a privada. Por esta razão, os EE que possuem uma condição financeira mais favorável optam por pôr os seus educandos na escola privada e os com uma condição financeira menos favorável preferem a opção da escola pública (Vinha, 2012). Em alguns estudos, é possível verificar que as escolas privadas possuem melhores resultados escolares do que as escolas públicas, pois os seus alunos provêm de famílias com o estatuto económico mais alto do que os alunos das escolas públicas (Dronkers, 2007).

Por fim, o último fator social selecionado foi a localização das escolas, classificadas em duas variantes: urbana e rural. A sociolinguística estuda a produção da língua em comunidades distintas em espaços geográficos diferentes (Labov, 1969). Os estudos nesta área científica distinguem a linguagem urbana, mais inovadora, da linguagem rural, mais conservadora (Labov, 1969). Assim, relacionado com este parâmetro, formulou-se a hipótese que a aprendizagem linguística também seria distinta em função do ambiente natural e social em que ocorre, ou seja, o meio rural e o meio urbano. O meio rural é considerado mais desfavorável pois possui menos recursos e o meio urbano mais favorável, pelo inverso, por proporcionar mais estímulos às crianças. Em ambiente urbanos, as crianças têm um maior leque de oportunidades educacionais e uma maior exposição a estímulos (Lemay, 2006). Com isto em mente, os habitantes das zonas urbanas seriam menos tradicionais do que os habitantes das zonas rurais, caracterizados por serem mais conservadores.

## **1.2 Variedades Linguísticas do Português**

Todas as línguas têm a sua variedade padrão. A norma é estandardizada e considerada apropriada no discurso oral e escrito, de uma situação particular, dentro de

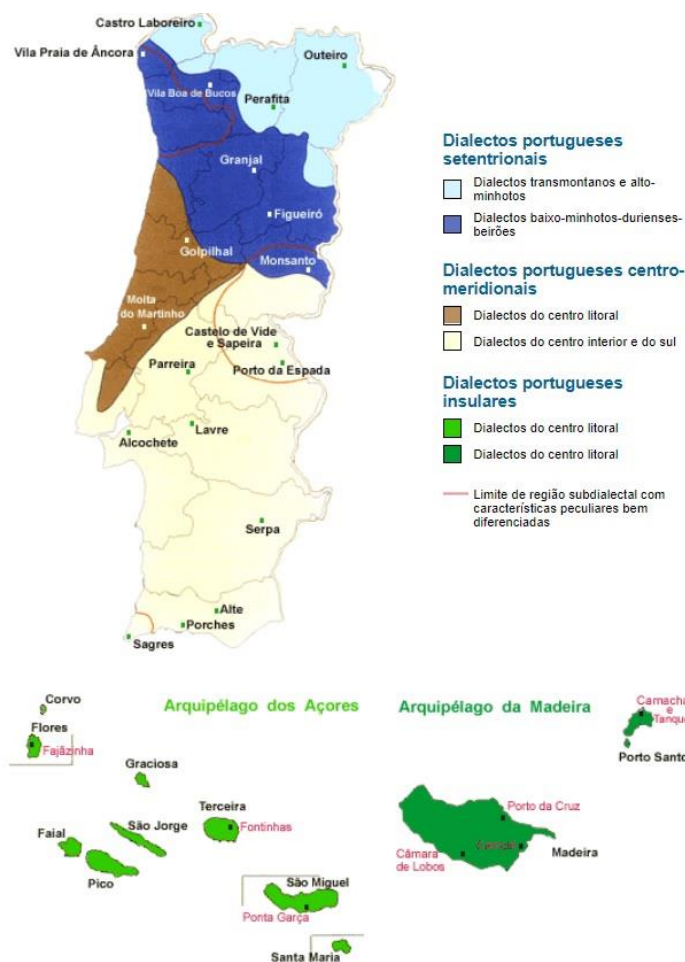
um grupo ou comunidade particular (Mateus & Cerdeira, 2007). No entanto, a língua não é homogénea e existem variedades mais prestigiadas, como as que mais se aproximam da norma, e outras menos prestigiadas, por estarem mais afastadas do padrão (Sim-Sim, 1998; Mateus & Cerdeira, 2007).

É comum a existência de variedades linguísticas em qualquer sistema linguístico. Trata-se, aliás, de uma característica de qualquer língua. A sua variação está relacionada com diversos fatores linguísticos, como o espaço geográfico (variação diatópica), os diferentes níveis sociais (variação diastrática) e o tempo de mudança (variação diacrónica), (Mateus & Cerdeira, 2007). É com base na variação observada na língua, na sua intrínseca heterogeneidade, que William Labov criou as bases de uma Sociolinguística da Variação. No presente estudo, a variação da linguagem é tida em conta para a análise dos dados.

A língua portuguesa, como qualquer outra, possui diversas variedades geográficas, sendo possível encontrar diversos dialetos por todo o país (Portugal). De acordo com a classificação dialetal proposta por Cintra (1971), o PE está dividido em três tipos de dialetos: os dialetos setentrionais (dialetos transmontanos e alto-minhotos e dialetos baixo-minhotos-durienses-beirões), os dialetos centro-meridionais (dialetos do centro litoral e dialetos do centro interior e do sul) e os dialetos insulares (dialetos do centro litoral e dialetos do centro litoral). Segura (2013) apresenta, em síntese, algumas propriedades linguísticas que caracterizam os diferentes grupos de dialetos do PE. Na Figura 1, é possível observar um mapa com os dialetos referidos anteriormente.

## Figura 1

Mapa da Divisão dos Dialectos Portugueses (Cintra, 1971; 1986; Adaptado por Cruz e Saramago, 2001)



Fonte: <http://cvc.institutocamoes.pt/hlp/geografia/mapa06.html>.

Dentro das variedades geográficas do PE, a variedade madeirense, incluída no grupo de dialectos insulares, é marcada por um conjunto de traços próprios, a nível lexical (Rebello & Nunes, 2016), sintático (Bazenga & Andrade, 2016) e fonético (Segura, 2013). Alguns traços fonéticos mais marcantes são mencionados em Segura (2013: 106-110). De entre eles:

- (1) A palatalização do /l/, quando precedido da vogal [i] ou da semi-vogal [j], oral ou nasal:
  - a. Aquilo, pronunciado “aquilho”
  - b. Família, pronunciado “família”
- (2) A semivocalização do /s/ em [j] ou [i] em final de sílaba e em final de palavra:
  - a. “os bichos”, pronunciado “ui bichos”
  - b. “rapaz novo”, pronunciado “rapai novo”
- (3) A inserção de uma vogal “a” ou “e” junto das vogais acentuadas [i] e [u]:

- a. "fino", pronunciado "faino"
- b. "menino", pronunciado "meneino"

(4) A formação de ditongos crescentes em sílaba acentuada de uma palavra:

- a. "inverno", pronunciado "invierno"
- b. "comer", pronunciado "comuer"

No que se refere ao léxico há assinalar palavras como "bilhardar" (coscuvilhar), "joeira" (papagaio de papel), "semilha" (batata), entre muitos outros, de uso regional (Rebelo & Nunes, 2016).

Para além de Portugal, existem mais países onde o português é a língua oficial ou nacional, tendo em conta a existência de diferentes variações. Como língua nacional, é no Brasil que é falado o PB, com variações distintas das que ocorrem em variedades do PE (Ferronha, 1992). Os seguintes países adotaram o português como língua oficial: Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (Ferronha, 1992). Assim sendo, a língua portuguesa refere-se a todas estas variedades.

No presente estudo, é abordado o PB como uma variedade que pode influenciar a fala das crianças do PE, através dos vídeos do *YouTube* do Brasil. O PE e o PB distinguem-se entre si, para além do ponto de vista lexical, a nível da sintaxe, da morfologia, da fonética e da semântica. Na sintaxe, no PE, a posição padrão do pronome átono é depois do verbo, ou a ênclise, como por exemplo "amo-te" e existe a utilização diferenciada das formas dos pronomes sujeito e complemento (Mattos e Silva, 2013). Enquanto no PB, a colocação do pronome átono é antes do verbo, ou próclise, como em "te amo". Este objeto direto "te" pode ainda ser realizado com recurso à forma do complemento indireto "lhe", "eu lhe amo", algo que não ocorre no PE. No que toca a morfologia, no PE o verbo "ir" segue-se pelas preposições "a" e "para", tal como "vou ao cinema" e "Vou para o cinema". Quanto ao PB, o verbo "ir" é seguido pelas preposições "em" e "para", como "vou no cinema", "vou para o cinema". Em relação à fonética, existem sons diferentes para as mesmas palavras, escritas da mesma forma; no PE, as palavras "gente" e "diante" soam no PB como "gentchi" e "djiantchi", ou seja, ocorre a palatalização das consoantes oclusivas /t/ e /d/ quando seguidas da vogal [i] ou da semivogal [j], fenómeno que não ocorre em Portugal.

O presente estudo debruça-se maioritariamente nas áreas do léxico e da semântica lexical da língua portuguesa. As duas variedades em contacto, PB e PE, possuem vocábulos com diferentes significados e vocábulos que não integram o arquivo lexical de uma das variedades. Um exemplo do primeiro caso, o de um vocábulo com um diferente

significado é “bala”, que em PE significa, de acordo com o dicionário da Porto Editora, um “projétil metálico, esférico ou alongado, próprio para ser disparado por arma de fogo” e que em PB é utilizado com outro significado, o de rebuçado. Também existem vocábulos utilizados no PE e desconhecidos no PB, como é o caso de “peúgas” e “montra” e, inversamente, estão atestados vocábulos no PB e desconhecidos no PE, como é o caso, por exemplo, de “trem” e “mamadeira”.

### **1.3 Desenvolvimento Cognitivo e da Linguagem**

O desenvolvimento da linguagem está sujeito a diversos fatores, de entre eles, a relação da aquisição da língua materna e com as interações sociais, sejam estas com os progenitores ou com os pares. Segundo Duarte (2008), a consciência linguística é “um estágio intermédio entre o conhecimento explícito, caracterizado por alguma capacidade de distanciamento, reflexão e sistematização, é a chamada consciência linguística” (p.18).

#### ***1.3.1 Aquisição da Língua Materna pelas Crianças***

Segundo alguns estudos mencionados por Saxton (2017), a aquisição da linguagem começa antes de a criança nascer, isto é, durante a gestação. Nesta fase, o feto é capaz de processar sons da fala humana. É sensivelmente a partir dos 12 meses que as crianças começam a dizer as primeiras palavras (Saxton, 2017). Após a primeira palavra, as que se seguem, surgem, em média, uma nova por semana, até que entre os dois e seis anos, cerca de 10 novas palavras são aprendidas todos os dias (Clark, 1993). O desenvolvimento, consoante Peixoto (2007), é um processo composto por três fases fundamentais. A fase perlocucionária, que é marcada desde que a criança nasce até cerca dos nove meses. Como o seu nome indica, representa a fase em que a criança não consegue elaborar qualquer tipo de comunicação consciente, mesmo que despoleta respostas pelos seus progenitores (Peixoto, 2007). Segue-se a fase ilocucionária, sensivelmente a partir dos nove meses, que se caracteriza por um desenvolvimento da comunicação, a criança já é capaz de utilizar gestos e sinais pré-verbais, com intenção e consciência que irá despoletar respostas dos seus ouvintes (Peixoto, 2007). Por último, na fase locucionária, a partir dos 12 meses, a criança começa a utilizar palavras de forma a comunicar com intenção (Peixoto, 2007).

A aquisição da língua está sempre em desenvolvimento e é essencial ter em conta o progresso nas diferentes componentes da linguagem, como a semântica, a fonologia e a pragmática. No presente estudo, o foco são as crianças com cinco e oito anos, idades selecionadas para a amostra, e conseqüentemente a ter em conta na análise dos dados. É

possível notar diferenças entre estas duas idades; os mais novos ainda não sabem ler nem escrever e os mais velhos já estão familiarizados com a leitura e a escrita e dominam ambas operações. Ao nível da semântica, as crianças com cinco anos são capazes de estabelecer associações semânticas, introduzem os antónimos e sinónimos e possuem uma noção do espaço e do tempo (Rombert, 2013). Já as crianças a partir dos oito anos, possuem um vocabulário mais vasto e são capazes de definir as palavras pelas suas funções e características (Rigolet, 2000; Rombert, 2013). No que diz respeito à fonologia, aos cinco anos, o discurso é mais perceptível para pessoas que não são familiares com a criança (Sanclemente, Rondal, Wiig, Busquets, & Giné, 2000) e podem suprimir alguns fonemas (Rigolet, 1998). Com oito anos, a criança já produz todos os fonemas da sua língua e é capaz de dividir as palavras em fonemas (Rombert, 2013). Tendo em conta a pragmática, aos cinco anos tem consciência dos erros cometidos na fala e são capazes de mudar o seu discurso quando não são compreendidas (Rombert, 2013; Sanclemente, Rondal, Wiig, Busquets & Giné, 2000). Tendo oito anos, inicia e espera pela sua vez num diálogo, modifica e mantém temas de conversa, respeita diferentes opiniões e compreende e utiliza frases na forma passiva (Rombert, 2013; Sanclemente, Rondal, Wiig, Busquets & Giné, 2000).

Na aquisição da sua língua materna as crianças também adquirem variedades situacionais, geográficas, sociais da língua em questão, e sabem em que situações utilizar cada uma (Chambers, 2003). Utilizam a variedade que ouvem no seu dia a dia, quer seja em contextos informais ou em contextos formais. As crianças adquirem a língua a partir daquilo que ouvem e do meio à sua volta (Lieven, 2008). Vários fatores são influenciadores no desenvolvimento da linguagem de uma criança, nomeadamente o agregado familiar e o seu ambiente e variáveis sociolinguísticas, como o nível de escolaridade e socioeconómico dos pais.

No âmbito da aquisição da variação sociolinguística, no campo da investigação variacionista, Labov (1964) realizou um estudo onde comparou o desempenho de 58 crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os 8 e os 19 anos e divididas em 5 faixas etárias, com a dos adultos da sua comunidade. Esta investigação permitiu observar que, à medida que a idade aumenta, as crianças aproximam-se das normas adultas. Com base nestes resultados, Labov (1964: 91-93) apresenta um modelo de desenvolvimento para a aquisição do inglês falado padrão que compreende seis etapas. As primeiras 4 fases correspondem à infância e adolescência e são resumidamente descritas a seguir.

Fase 1: Aquisição da Gramática básica (antes dos 5 anos). Esta primeira fase corresponde ao domínio das principais regras gramaticais e do léxico da língua materna (o inglês, no estudo em questão) e ocorre sob a influência linguística dos pais da criança.

Fase 2: O vernáculo (idade 5-12) A criança aprende o uso do dialeto local através do contacto com o seu grupo de pares. A influência linguística do grupo de pares substitui a dos seus pais.

Fase 3: Percepção social (início da adolescência). Embora a criança ainda utilize exclusivamente o vernáculo do seu grupo de pares, ela torna-se progressivamente consciente da importância social deste dialeto à medida que entra em contacto com outras formas de fala. A partir dos 14 aos 15 anos, as crianças começam a apresentar padrões de avaliação social semelhantes aos dos adultos.

Fase 4: Variação estilística (final da adolescência). O adolescente começa a aprender a modificar o seu discurso usando formas padrão em situações formais.

O modelo de aquisição para o inglês padrão sugerido por Labov (1964) supõe que a consciência da importância social do uso (cf. Fase 3, cerca de 14-15 anos) precede a capacidade de modificar a fala em situações formais. O modelo situa, portanto, a capacidade de modificar a utilização de variantes padrão de acordo com a formalidade da situação aos 16 aos 17 anos. O modelo supõe que antes dos 5 anos todas as crianças aprendem a mesma "gramática básica" e adquirem o vernáculo mais tarde, após o contacto e interação com o seu grupo de pares.

### ***1.3.2 O Papel das Interações Sociais***

Em conformidade com Papalia, Feldman & Olds (2001), as interações sociais são consideradas essenciais, pois é assim que é realizada a inserção no contexto comunicativo do discurso. As primeiras interações sociais de uma criança dão-se, por norma, no seio da sua família e são os pais os grandes influenciadores no seu perfil. É através da observação que as crianças aprendem e desenvolvem a linguagem e um dos aspetos influenciadores do desenvolvimento da língua é a estimulação realizada pelos pais ou pelos cuidadores da mesma. Segundo diversos autores, os pais são o pilar da educação das crianças, porque é com eles que começam ou não por ter interesse, por exemplo, pela leitura (Manzano, 1988).

Todos os aspetos das interações sociais, nomeadamente as realizadas num meio mais familiar, afetam de uma forma ou de outra o comportamento das crianças. Atendendo ao ambiente social, as dificuldades que surgem na performance linguística da

criança podem ser despoletadas por determinados fatores, nomeadamente, características do discurso ouvido, padrões de interação de adulto com a criança e especificidades do contexto não linguístico em que ocorrem as interações (Sim-Sim, 1998). Assim sendo, o desenvolvimento da linguagem é influenciado não só por características genéticas, como também pelas interações sociais e características do agregado familiar.

No que toca ao agregado familiar, o número de irmãos também é um fator influenciador. Estudos comprovam que nos meios urbanos, o agregado familiar é mais reduzido e, por conseguinte, com um maior intervalo entre irmãos, o que torna mais fácil o foco nas carreiras por parte dos pais e consequentemente uma maior atenção para cada criança e mais rendimentos (Papalia, Feldman & Olds, 2001). Por outro lado, as crianças que possuem um agregado familiar extenso terão uma maior possibilidade de desenvolver atrasos na linguagem e na aprendizagem, pois a atenção dos pais é escassa, assim como os estímulos (Cachapuz & Halpern, 2006).

Como referido anteriormente, a classe social em que o agregado familiar está inserido é um fator influenciador no desenvolvimento da linguagem da criança. (Andrada, 1989). Pais com um nível socioeconómico baixo resultam em menores capacidades linguísticas de todo o agregado (Andrada, 1989).

Por fim, é de assinalar o trabalho de Evans & Tomé Lourido (2019) relativamente ao desenvolvimento da consciência linguística e a perceção da variação fonética ligada ao contacto com diferentes sotaques, por estar relacionado com este estudo, no qual se procura observar os efeitos do contacto de duas variedades do português (PE e BB) em crianças madeirenses. No estudo de Evans & Tomé Lourido (2019), as crianças bilingues revelaram melhor desempenho do que as crianças monolingues em tarefas de perceção fonética e categorização de padrões de sotaques. Estes resultados sublinham o papel importante do ambiente familiar / social da criança e da sua experiência linguística no desenvolvimento da capacidade de extrair e utilizar padrões de variação para categorizar os falantes de acordo com o seu sotaque.

### ***1.3.3 O Papel do Brincar (ao Faz de Conta)***

O ato de brincar, por parte das crianças, é um bom componente para o desenvolvimento da linguagem e aprendizagem, pois ativa a sua criatividade e, por conseguinte, o seu conhecimento. Na escola, o recreio é considerado um espaço importante, pois é onde o brincar ocorre e consequentemente as interações sociais entre pares (Casey, 2010). É através do brincar que a criança separa os medos, angústias e

problemas (Pereira, 2017), pois a brincadeira é um espaço seguro para a liberdade de expressão e o imaginário, dentro de um mundo faz de conta (Mello & Valle, 2005). Por estas razões, as brincadeiras entre os colegas da escola são mais permissivas do que as ações controladas dos pais e são nelas que as crianças se sentem mais à vontade.

Ao brincar as crianças reproduzem o seu quotidiano e aquilo que estas têm mais contacto no seu dia a dia. Conforme Vigotski (2001), a imitação está associada ao brincar e não é considerada apenas uma reprodução, mas uma recriação, no plano individual, do que é elaborado no plano social. A linguagem verbal constitui-se um elemento integrante, pois as crianças assumem diferentes personagens e adquirem a linguagem destas mesmas personagens (Costa & Gontijo, 2011). Os programas visualizados na televisão e internet influenciam as brincadeiras, pois as crianças reproduzem aquilo a que mais assistem (Araujo & Reszka, 2016). Também é a partir do brincar que as crianças compreendem as regras sociais, ao se depararem com situações sociais onde é necessário tomar decisões (Cunha, 2007). Tendo em conta a reprodução e a imitação no brincar, neste trabalho segundo os dados das crianças entrevistadas e dos questionários dos pais, é feita referência à utilização do PB nas suas brincadeiras, sendo esta referência influenciada pela visualização dos vídeos do YT *Youtube* em PB, enquanto práticas de reprodução / recriação dos mesmos.

#### **1.4 Efeitos da Exposição a Conteúdos Digitais**

Nos dias de hoje, a tecnologia é considerada um bem essencial e está disponível à grande maioria dos indivíduos. O século XXI faz parte da “era digital” e consequentemente o acesso a conteúdos digitais é facilitado, incluindo para as crianças. Nas casas atuais, é normal a existência de mais do que um dispositivo eletrónico com acesso à internet, como o telemóvel, computador, tablet, televisão, *PlayStation*, *Wii* e *Xbox*.

Segundo Rideout (2017), em média, desde que a criança nasce, até aos 23 meses, passa 42 minutos em frente de ecrãs, por dia. Crianças dos dois anos até aos quatro anos, passam duas horas e 39 minutos por dia, em frente de ecrãs (Rideout, 2017). À medida que a idade aumenta, o tempo de exposição também tem tendência a aumentar. Segundo o estudo Ofcom (2011), realizado junto de crianças e jovens britânicos, o tempo de exposição é de três horas e meia por dia, em crianças dos cinco aos sete anos, enquanto as crianças dos oito aos 11 anos é de quatro horas e meia por dia; já os jovens dos 12 aos 15 anos passam quase seis horas por dia. É visível que o *screen time* torna-se progressivamente maior e desta forma influencia a vida das crianças e dos jovens.

Os dispositivos mais utilizados pelas crianças com menos de cinco anos são a televisão e o tablet (Köksalan, Aldım & Göğebakan (2022); Ponte, Simões, Batista, Castro & Jorge (2017) e a maior parte do conteúdo assistido pelas crianças, em geral, são vídeos (Rideout, 2017). Se bem que a televisão tenha ganho uma finalidade diferente, como servir de barulho de fundo, enquanto utilizada em paralelo com o tablet ou o telemóvel (Dias & Brito, 2018). Em Portugal, segundo Cruz, Franco, Anunciação & Cunha (2020), “os conteúdos mais consumidos são no YouTube, onde também seguem um *youtuber* da moda (Lucas Neto)”, sendo este *youtuber* um dos mais famosos a nível de conteúdo infantil do PB. Na presente dissertação, é abordada a influência destes vídeos produzidos em PB.

A utilização destas tecnologias, com recurso à internet, pode ser benéfica quando bem utilizada, pois poderá melhorar resultados escolares, na medida em que existe, assim, mais informação interativa que facilita a integração de todo o tipo de crianças (Ponte & Vieira, 2008). Como qualquer outro fator sociolinguístico, o *screen time*, quando em demasia, regista efeitos negativos visíveis nas crianças, tais como problemas de atenção (Christakis, Zimmerman, DiGiuseppe & McCarty, 2004) e atrasos na linguagem (Zimmerman, Christakis & Meltzoff, 2007). O contexto e meio ambiente em volta da criança influenciam o tipo de palavras que esta utiliza (Papalia, Feldman & Olds, 2001). Se o tempo despendido por dia a assistir a conteúdos no *YouTube* em PB for muito elevado, o tipo de palavras do PB utilizadas pela criança provavelmente irá ser frequente.

São encontradas diferenças entre o nível socioeconómico das famílias e o consumo de ecrãs. De acordo com Ponte, Simões, Batista, Castro & Jorge (2017), as crianças inseridas em famílias com baixos rendimentos consomem mais televisão, enquanto crianças de famílias com rendimentos superiores, utilizam mais outros aparelhos digitais com acesso à internet. Mesmo assim, de forma geral, todas as crianças possuem acesso de igual forma aos dispositivos digitais, mesmo fazendo parte de níveis socioeconómicos diferentes (Dias & Brito, 2018).

## 1. METODOLOGIA

Esta investigação foi realizada em várias fases, desde a escolha dos locais de recolha das amostras, até à realização das entrevistas e a sua análise. O processo de investigação iniciou-se com a seleção de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira. São selecionados os municípios que continham pelo menos uma escola pública e uma privada, para uma melhor comparação.

Foi enviado para todas as escolas, um resumo da investigação, com a autorização da Direção Regional da Educação (Anexo I). Assim que as escolas autorizam a participação na investigação é enviada a Declaração de Consentimento Informado dos EE para que seja distribuída pelos Participantes na Investigação (Anexo II) bem como a Declaração de Consentimento Informado dos EE, enquanto Representantes Legais dos Educandos que serão entrevistados (Anexo III). Com estes documentos é também enviado o link para a realização do questionário online na plataforma *Qualtrics*.

Após o preenchimento do questionário *online* e os EE terem assinado o consentimento, procedeu-se à análise dos questionários para proceder à seleção das crianças para a entrevista e realização dos testes. A entrevista foi realizada a cinco crianças de cada nível de escolaridade, ou seja, 10 crianças de cada escola, num total de 100. Obtiveram-se, deste modo, todos os dados necessários para proceder à sua análise, quantitativa e qualitativa, e procurando ter em conta os princípios metodológicos da sociolinguística.

Ao longo da investigação, surgiram alguns problemas. O questionário *online* necessitou de ser reformulado devido à falta de respostas às perguntas nove e dez, de resposta livre, respetivamente, “Quais são os canais de *YouTube* brasileiros que o seu educando/a assiste?” e “Sabe se o seu/sua educando/a utiliza palavras em Português do Brasil? Se sim, indique quais.”. Estas questões foram modificadas para escolha múltipla, e foram apresentadas várias opções seguida de uma última opção “outro/a”, que ao ser selecionada obriga a uma especificação por parte do inquirido. Um outro imprevisto reside no facto de algumas escolas não terem o número de alunos estipulado para a realização da entrevista (cinco). Assim sendo, para se chegar a um total de 100 alunos, foi necessário compensar a falta de alunos de uma determinada escola com outros do mesmo tipo de escola.

Nas secções seguintes serão descritos com mais detalhe cada um dos aspetos metodológicos considerados para esta investigação.

## 2.1 Seleção das Variáveis

Para o presente estudo, foram selecionadas as seguintes variáveis extralinguísticas: a) *género* (masculino e feminino); b) *idade* (5 anos e 8 anos); c) *nível de escolaridade dos pais* (três níveis de escolaridade – Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior); d) Localidade ou *Município da escola* (Calheta, Funchal, Porto Santo, Santa Cruz e Santana) e e) *Tipo de escola* (Pública ou Privada). A Tabela 1, a seguir apresenta as variáveis selecionadas e a respetiva codificação.

**Tabela 1**

*Variáveis e Respetiva Codificação para a Amostra de 100 crianças*

Variáveis independentes selecionadas		Designação
a) <i>Género</i>	Feminino	F
	Masculino	M
b) <i>Idade</i>	5 anos	A
	8 anos	B
c) <i>Nível de escolaridade dos EE</i>	Ensino Básico	1
	Ensino Secundário (10º, 11º e 12º ano)	2
	Ensino Superior (1º, 2º e 3º Ciclo)	3
d) <i>Município das escolas</i>	Calheta	CLH
	Funchal	FNC
	Porto Santo	PXO
	Santa Cruz	STZ
	Santana	SNT
e) <i>Tipo de escola</i>	Pública	Pu
	Privada	Pr

As designações da coluna da direita (Tabela 1) foram utilizadas para codificação da amostra de 100 crianças que participaram neste estudo e para posterior análise dos resultados obtidos nos dois testes aplicados durante as entrevistas, com recurso ao *software excel* da Microsoft.

### 2.1.1 Crianças

As crianças encontram-se estratificadas em *género* e a *idade*. Partindo por base a literatura sobre o desenvolvimento linguístico que aponta para diferenças entre as crianças que se encontram na pré-escolar e as que frequentam os primeiros anos do 1º ciclo do ensino básico, a hipótese subjacente à escolha destas variáveis é que as produções

das crianças envolvidas no estudo devem variar consoante o género (masculino ou feminino) e a idade/escolaridade (5 anos /pré-escolar e 8 anos/ 3º ano).

Relativamente à variável *idade*, para além de ela corresponder a fases distintas do desenvolvimento da linguagem, tem também em conta os efeitos da aprendizagem formal da língua materna. Com a aquisição da leitura e da escrita a criança acede à norma padrão da língua materna, uma variedade que não coincide em maior ou menor grau com a variedade oral adquirida, consoante a classe social e a região, por exemplo, em que a criança está inserida. Tendo esta realidade em conta, os alunos do 3º ano (oito anos) já terão experienciado a variação da sua língua materna, tendo, por isso, uma maior consciência sociolinguística, das várias formas de falar em diversas situações. Deste modo, as crianças da pré-escolar (cinco anos), ainda sem saber ler e escrever, não tiveram ainda a possibilidade de aceder à variedade normativa da língua, e a perceção do que é ou não padrão. Por essa razão, possuem um discurso mais livre e despreocupado. Após a aquisição da leitura e da escrita, é imposta a norma padrão da língua materna.

Apesar da lacuna existente de estudos que relacionam a aquisição da linguagem e a sociolinguística, ou seja, estudos sobre a variação linguística em crianças, teve-se em conta a variável género, uma categoria biológica e objeto de construção social, cuja relevância tem sido apontada em estudos sociolinguísticos sobre falantes adultos. Nestes estudos observa-se uma tendência para a relação entre género e variação linguística, mostrando-se o género feminino mais conservador das formas normativas e o masculino mais predisposto à utilização de formas inovadoras. Nesta investigação, procura-se observar se esta diferenciação em género também está patente nos resultados obtidos nos testes aplicados, se as crianças do género femininos exibem um comportamento linguístico distinto do das crianças do género masculino.

### **2.1.2 EE**

O nível de escolaridade dos EE é outra das variáveis consideradas como fator que pode condicionar o desempenho das crianças, numa perspetiva de se tratar de um fenómeno variável. Parte-se do pressuposto que pais com menor nível de escolaridade, possuem menor controlo e menos regras sobre a visualização de conteúdos digitais dos seus educandos. Enquanto os EE com um maior nível de escolaridade têm noção dos aspetos negativos do *screen time* e, assim sendo, reduzem o tempo de visualização e o conteúdo é controlado.

É realizado um questionário aos EE (Anexo IV), com o intuito de apurar o seu nível de escolaridade e de o correlacionar com a sua consciência linguística. Procura-se também saber se têm ou não uma noção de quanto tempo os seus educandos despendem na utilização dispositivos eletrónicos, quais são os tipos de vídeos a que assistem, os seus canais de *YouTube* preferidos e se utilizam ou não palavras do PB. Na pergunta sete do questionário, em que os pais inquiridos devem classificar quatro afirmações (“Penso que a Internet é educativa”, “Os vídeos do *Youtube* em português do Brasil são mais dinâmicos e acessíveis”, “Penso que o / a meu / minha filho(a) aprende muito vendo o *Youtube*” e “O meu educando aprende mais vocabulário com os vídeos do Youtube em português do Brasil”), de acordo com uma escala de *Likert*, que vai do “discordo totalmente” ao “concordo totalmente”, pretende-se analisar as suas perceções sobre a relação do seu educando com a internet e conteúdos digitais em PB, a consciência linguística associada, a serem correlacionada com o nível de escolaridade.

### **2.1.3 Escolas**

Na metodologia utilizada, foi também selecionada a variável tipo de escola (escolas públicas e escolas privadas). Tendo em conta a revisão literária, ainda que a existência de estudos sobre as duas tipologias de escolas seja escassa, existem diferenças entre as mesmas. Na escola pública, é possível encontrar alunos de todas as classes sociais, embora se destaquem as de classe baixa e média. A escola privada, dando o exemplo de quatro das cinco escolas presentes no estudo, eram de carácter religioso, associado a um conceito de sociedade mais conservadora e tradicional, onde geralmente se encontram alunos de classe social mais alta.

Por conseguinte, para um melhor termo de comparação, foram selecionados unicamente municípios que contêm escolas públicas e privadas. Para esta variável, teve-se em conta a localidade nos municípios, de que resultou um conjunto de escolas com características mais urbanas e outras, mais rurais. Deste modo, foram selecionados três municípios a sul - Calheta, Funchal e Santa Cruz- um dos municípios a oeste (Calheta), a capital insular (Funchal) e um a este (Santa Cruz); um município a norte – Santana - e um da outra ilha do arquipélago da RAM - Porto Santo. Neste estudo, as escolas selecionadas no município de Santa Cruz, são escolas instaladas em localidades consideradas como sendo rurais, situadas fora da “cidade”, desta forma, quando o mesmo município é referido como rural, advém desta mesma escolha.

Na Figura 2, é possível observar o mapa da RAM, que apenas incluí a Ilha da Madeira e a Ilha do Porto Santo. Os municípios sublinhados a preto são os que foram selecionados para o presente estudo.

**Figura 2**

*Mapa da Ilha da Madeira e do Porto Santo*



*Nota.* Os municípios selecionados para a realização do estudo estão sublinhados a preto.

Fonte: <https://madeira.best/guide/facts-about/madeira-island-towns-and-municipalities>

## 2.2 Amostras

Foram constituídas duas amostras, uma de 100 crianças (2.2.1) e uma amostra dos seus 100 EE (2.2.2). Esta amostra foi retirada do conjunto dos 192 EE participantes no inquérito de acordo com princípios de seleção que serão explicitados nesta segunda secção.

### 2.2.1 Amostra das 100 Crianças

Para esta investigação, a amostra para a realização de entrevistas, nas quais serão aplicados os dois testes previstos é composta por 100 crianças de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira (5 escolas públicas e 5 privadas), distribuídas equitativamente em função das variáveis *género*, *idade* e *tipo de escola* e *localidade /município*. Inicialmente, pretendia-se selecionar 20 alunos de cada município, 10 por cada tipo de escola (pública e privada). Nos 10 alunos de cada escola, 5 são do ensino pré-escolar, com cinco anos e 5 são do 3º ano do 1º ciclo do ensino Básico, com 8 anos.

No entanto, tal como se pode observar na Tabela 2, foi necessário proceder a alguns ajustes face a problemáticas encontradas durante o processo de seleção de crianças

nas escolas autorizadas a participar no projeto. O escasso número de alunos em algumas escolas, por um lado, e a não adesão por parte dos EE ao preenchimento do questionário, por outro, o que por sua vez reduziu as hipóteses de seleção de alunos para a realização de entrevistas, levou a que fossem consideradas outras possibilidades, de modo a manter um total de 100 crianças como inicialmente projetado. As alterações encontram-se assinaladas em algumas células da Tabela. Nestas células, estão visíveis dois números: os números à esquerda são os ideais e os da direita correspondem aos participantes efetivos da amostra.

**Tabela 2**

*Distribuição dos 100 Informantes, de acordo com as Variáveis Sociais neste Estudo*

Município da Escola	Escola Pública				Escola Privada			
	Género		Idade		Género		Idade	
	M	F	5 anos	8 anos	M	F	5 anos	8 anos
Calheta	*5/4	*5/6	5	5	5	5	5	5
Funchal	5	5	5	5	*5/3	5	5	*5/3
Porto Santo	5	*5/6	*5/4	*5/6	*5/7	5	5	*5/8
Santa Cruz	*5/10	5	*5/9	*5/6	5	5	5	5
Santana	*5/2	*5/3	*5/2	*5/3	5	*5/4	5	*5/4
Total de Informantes	26	25	25	25	25	24	25	25

*Nota.* Os valores assinalados na tabela, indicam as alterações realizadas na fase experimental, isto é, na prática, da distribuição de alunos por escola e município.

Os municípios de Santana e do Funchal contam com 14 e 18 alunos, respetivamente, ou seja, menos 6 e 2 do número inicialmente previsto. Por essa razão, foi decidido aumentar o número de participantes em outros municípios, como foi o caso do município do Porto Santo e de Santa Cruz, municípios cujas escolas selecionadas tinham um elevado leque de escolha de alunos para realizar a entrevista.

### 2.2.2 Amostra dos EE

Numa fase inicial, o questionário destinado aos EE obteve 192 respostas / participantes. A Tabela 3, a seguir, mostra a distribuição dos pais participantes no inquérito e a sua distribuição pelas escolas envolvidas no projeto.

**Tabela 3**  
*Distribuição dos 192 EE*

<b>Escolas</b>	<b>%</b>	<b>EE</b>
Escola privada Calheta	8.33%	16
Escola pública Calheta	13.54%	26
Escola pública Funchal	8.33%	16
Escola privada Funchal	5.21%	10
Escola privada Porto Santo	13.02%	25
Escola pública Porto Santo	8.85%	17
Escola privada Santa Cruz	18.23%	35
Escola pública Santa Cruz	11.98%	23
Escola privada Santana	9.38%	18
Escola pública Santana	3.13%	6
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>192</b>

O inquérito deste estudo contou com a participação de 192 EE de 84/192 (43,75%) de crianças com cinco anos e do pré-escolar e 108/192 (56,25%) de crianças com oito anos do 3º ano do ensino básico. Nem todas as perguntas foram respondidas pela totalidade dos EE, daí a análise possuir diferentes resultados para as diferentes respostas.

No que diz respeito à amostra dos EE, a mãe é maioritariamente quem exerce esse papel, o que correspondente a 172/192 ocorrências (89,58%). Relativamente à idade, a

maioria dos EE, 105/192 (54,69%) varia entre os 35 a 44 anos, e possuem como grau de escolaridade o ensino secundário, 100/192 ocorrências (52,08%).

Relativamente ao agregado familiar, é possível observar que 138/192 (71,88%) dos filhos destes EE têm irmãos (71,88%); apenas 28,13% são filhos únicos. A grande maioria “tem acesso à internet na sua habitação”, 176/177 o (99,44%). Os EE afirmam também que o seu filho /a sua filha tem acesso para uso exclusivo a um “tablet”, 100/199 (50,25%), “televisão”, com 55/199 ocorrências (27,64%), “telemóvel” com 29/199 ocorrências (14,57%) e “computador” com 5/199 ocorrências (7,54%).

A partir dos 192 EE, foram selecionadas 100 crianças, tendo em conta os seguintes critérios do questionário: mesmo número de crianças de cada ano escolar, género, tipo de escola e localidade; diversidade de nível de escolaridade dos EE e principalmente a referência a vídeos do *YouTube* em PB. Os critérios selecionados têm por base a obtenção de uma amostra mais ampla e que inclua as vastas variáveis sociolinguísticas consideradas para este estudo, para deste modo, obter dados mais concretos e verosímeis.

Os 100 EE das crianças selecionadas para realizar a entrevista, são compostos na maioria por mães, dos 35 aos 44 anos, maioritariamente com o ensino secundário, com mais do que um filho/a.

## **2.3 Instrumentos para Recolha de Dados: Da Aplicação dos Inquéritos ao Estudo Experimental**

A recolha de dados, como será descrita nas duas secções a seguir, está dividida em duas partes: através do questionário aos EE (2.3.1) e realização da entrevista a 100 alunos, selecionados a partir do questionário (2.3.2).

### **2.3.1 Questionários aos EE**

Esta pesquisa tem como um dos seus instrumentos de investigação a realização de um questionário aos EE dos alunos do ensino pré-escolar e do 3º ano do 1º ciclo do ensino Básico de 10 escolas de 5 concelhos da RAM. Este questionário permite obter informações sobre o perfil sociodemográfico dos pais, através do qual se selecionam os alunos que integram o estudo experimental (a realização da entrevista e aplicação dos testes).

O questionário foi distribuído a partir do dia 14 de outubro de 2021 e até ao dia 13 de dezembro de 2021. O mesmo é composto por duas partes: a primeira parte contém a identificação do aluno em questão, a escola que frequenta e o perfil sociolinguístico dos

EE, que permite obter dados relativos à localidade, idade, parentesco (pai, mãe ou outro), grau de escolaridade e agregado familiar, com o número de irmãos do educado.

A segunda parte contempla questões relacionadas com o fenómeno em estudo – o uso de palavras do PB por crianças cuja língua materna é a variedade PE. Esta secção resume-se a questionar se possuem algum dispositivo eletrónico com acesso à internet e se a criança tem acesso exclusivo a esse dispositivo ou não. Nas últimas perguntas, é pretendido observar o conhecimento que os EE julgam possuir sobre o seu educando no que se refere ao uso de materiais digitais, como também a sua opinião sobre a *internet* e os vídeos do *YouTube*. Para além disso, procura-se também saber se os pais estão realmente familiarizados com a exposição dos seus filhos a conteúdos digitais, com o tempo despendido por dia na utilização dos dispositivos de acesso, se sabem quais os conteúdos mais visualizados pela criança, se têm conhecimento dos canais de *YouTube* preferidos, se os filhos utilizam palavras em PB e quais as que utilizam.

O questionário possui diversos objetivos : (i) identificar as crianças que assistem a vídeos do *YouTube* e utilizam palavras em PB, para que possam ser candidatas para o estudo experimental, a entrevista; (ii) observar se existe alguma relação entre o grau de escolaridade dos pais e a exposição dos filhos a conteúdos digitais, nomeadamente a vídeos do *YouTube* em PB (iii) conhecer a perceção dos pais sobre o uso da internet e por fim, (iv), verificar se acompanham os seus educandos, se sabem a que programas brasileiros eles assistem.

### **2.3.2 Estudo Experimental: Entrevistas com as Crianças e Aplicação de Dois Testes**

As entrevistas foram realizadas a partir do dia 11 de novembro de 2021 até 28 de janeiro de 2022.

Na seleção dos alunos, procurou-se respeitar o equilíbrio por género e os níveis de escolaridade dos pais. O critério mais importante para a seleção é a resposta dada à pergunta número 11 do questionário, “Já ouviu o seu educando dizer alguma destas palavras do Português do Brasil abaixo indicadas?”. Os EE que selecionem uma ou mais das opções indicadas são escolhidos imediatamente e os seus filhos fortes candidatos para o estudo experimental.

O primeiro passo consistiu em filtrar os dados na plataforma *online Qualtrics*, para que apareça uma única escola. Em seguida, os dados das respostas do questionário foram descarregados em formato *Excel* e, a partir daí, os dados foram filtrados em função

do ano escolar (pré-escolar vs terceiro ano). Nesta fase, o foco é a pergunta número 11, a partir da qual são selecionados três alunos do gênero masculino e dois do gênero feminino, ou, ao contrário. Os alunos escolhidos devem estar socialmente estratificados; para além das variáveis como gênero, idade e nível de escolaridade, os alunos tinham de estar integrados em ambientes familiares distintos. Para tal, contou-se com a variável graus de escolaridade do EE. Por exemplo, a aluna, FB2STZPu1 foi selecionada, atendendo, em primeiro lugar, à resposta dada à pergunta número 11 pelo seu EE, e de seguida, em função do grau de escolaridade do EE, que no caso dela tem o ensino secundário. A escolha dos restantes alunos segue a mesma metodologia, tendo em conta a escolaridade dos EE, de modo que corresponda a duas das três possibilidades ou às três – ensino básico, ensino secundário e ensino superior. Este processo de seleção é utilizado para todas as turmas das escolas elegidas.

Após a escolha dos alunos, foram realizadas duas entrevistas em cada escola, uma com os cinco alunos da pré-escolar e outra com os cinco alunos do terceiro ano. A entrevista é realizada em duas partes. Na primeira, trata-se de um teste de associação de nove imagens a palavras do PB e, na segunda parte, realiza-se um teste de equivalência lexical de palavras do PB ao PE. Os resultados das produções das crianças estão assim distribuídos por dois conjuntos de dados: palavras do PB aprendidas através dos conteúdos digitais, por um lado, e o conhecimento do equivalente lexical em PE dessas palavras, por outro. Todas as entrevistas são gravadas unicamente por meio de áudio, como forma de manter o anonimato. Neste sentido, também os nomes das crianças foram codificados.

Num primeiro momento, como forma de apresentação, é feita uma breve introdução do estudo, que conta com perguntas de resposta livre, como por exemplo se assistem a vídeos do *YouTube* brasileiros e se conhecem alguma palavra em PB. Seguidamente, para captar a atenção das crianças, é visualizado um pequeno excerto de um vídeo do Lucas Neto, estimulando e orientando assim para o estudo em questão.

Posteriormente, são realizados os dois testes. O primeiro teste é de associação de imagens a palavras do PB, é perguntado a cada criança, uma a uma, o que está representado em cada imagem, no total são nove imagens. Na segunda parte, é feito um segundo teste, de equivalência lexical de palavras do PB ao PE. É pretendido verificar se as crianças conseguem fazer a correta associação das palavras do PB ao seu equivalente no PE. São selecionadas seis palavras do teste de associação a imagens, nomeadamente “Papai Noel”, “Sorvete”, “Celular”, “Suco”, “Meleca” e “Mamadeira”. Numa segunda

parte do segundo teste, através do conteúdo assistido, no *YouTube*, pelos dois anos escolares as palavras selecionadas são para a pré-escolar “Zueira” e para o terceiro ano “Galera”. Da mesma forma, é perguntado a cada um dos alunos se conhece o equivalente da palavra no PE.

## **2.4 Tratamento dos Dados**

Os dados recolhidos do questionário *online* foram tratados através do programa *Qualtrics* e do *Excel*. O programa cria automaticamente uma base de dados e, para cada pergunta, um relatório com todos os resultados descritos, nomeadamente os valores do mínimo, do máximo, da média, do desvio padrão, da variância, a contagem de opção de resposta e a percentagem. O *Qualtrics* dá a opção de descarregar os dados em formato *PDF*, *Word*, *PowerPoint* e *CSV*. Para o cruzamento de dados, foi utilizada a ferramenta “gerenciar filtros”, que permite filtrar as perguntas selecionadas e inserir condições. Foram inseridos 16 filtros e os resultados da aplicação destes filtros foram descarregados para um ficheiro *Excel*, permitindo posteriormente a criação de gráficos. Os dados do questionário foram também representados por tabelas e gráficos, feitos automaticamente pelo *Qualtrics* e manualmente pelo *Excel*.

O tratamento dos dados das entrevistas foi alvo de vários procedimentos. Em primeiro lugar, os nomes dos 100 alunos foram codificados e diferenciados consoante o seguinte processo: F ou M (feminino ou masculino); A ou B (5 ou 8 anos); 1, 2 ou 3 (nível de escolaridade dos EE- ensino básico, ensino secundário ou ensino superior); CLH, FNC, PXO, STZ OU SNT (localidade da escola- Calheta, Funchal, Santa Cruz ou Santana); Pu ou Pr (escola pública ou privada) e por fim um número de um a 100. Um exemplo de uma codificação é “FA2CLHPu45”, ou seja, uma aluna do género feminino, com cinco anos, da escola pública da Calheta, designada pelo número 45, como fator de diferenciação.

Em segundo lugar, foi criada uma base de dados no *Excel* (Anexo VI), para os dois testes que integram a entrevista. Na coluna vertical do lado esquerdo, os 100 alunos codificados e na coluna horizontal superior, as palavras dos dois testes. As respostas são igualmente codificadas para uma fácil análise, o número um significa que o aluno utilizou uma palavra em PB em associação à imagem e o número zero significa que o aluno utilizou uma palavra em PE em associação à imagem (teste um). No teste dois, o número um, significa que o aluno fez a correta associação da palavra em PB para o equivalente em PE e o número zero significa que o aluno não conseguiu fazer a correta associação.

Em seguida, são contabilizadas todas as respostas, segundo cada variável sociolinguística selecionada, calculadas as percentagens e a descrição sob a forma de criação de gráficos.

Posteriormente, no programa *Qualtrics*, foi realizada uma cópia dos dados do questionário e selecionados somente os questionários dos 100 EE, cujos alunos estiveram presentes na entrevista. Os dados produzidos por esta amostra de EE foram comparados com os produzidos pelas crianças durante a entrevista, tendo como finalidade, obter informações sobre as suposições e percepções dos EE e observar se as mesmas se confirmam ou não com as produções das crianças.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo, dedicado à análise dos resultados da investigação, está dividido em duas secções: análise do questionário (3.1) e dos estudos experimentais, realizados através das entrevistas às crianças (3.2). A análise do questionário aos EE será feita em duas partes: uma primeira em que se pretende observar as percepções dos EE e uma análise multivariada sociolinguística, através da qual se procuram cruzar várias variáveis de natureza extralinguística e as respostas dadas pelos participantes às questões que lhes foram colocadas. Com as entrevistas, pretendeu-se aplicar dois testes, o primeiro em que se pretende obter uma associação de palavras do PB a estímulos pictóricos (imagens) e o segundo, designado por equivalência lexical, onde se pretende obter por parte das crianças palavras do PE equivalentes às do PB.

#### 3.1 Percepções dos EE

Através do questionário, procurou-se obter informações sobre os perfis sociais dos EE, do agregado familiar e do ambiente tecnológico, como já referido (cf. 2.2.2). Pretendia-se também saber em que medida os pais têm conhecimento do tempo despendido pelas crianças com conteúdos digitais e 105/192, das suas preferências e das palavras do PB por elas utilizadas.

Em resposta à questão “Quanto tempo o/a seu/sua filho/a despense por dia na utilização destes dispositivos?”, a opção mais seleccionada foi “1 a 2 horas”, com 90/185 ocorrências (48,65%), seguida de “inferior a 1 hora”, com 51/185 ocorrências (27,57%), “só ao fim de semana” com 27/185 ocorrências (14,59%), “2 a 3 horas” com 14/185 ocorrências (7,57%) e “3 horas ou mais”, com 3/185 ocorrências (1,62%).

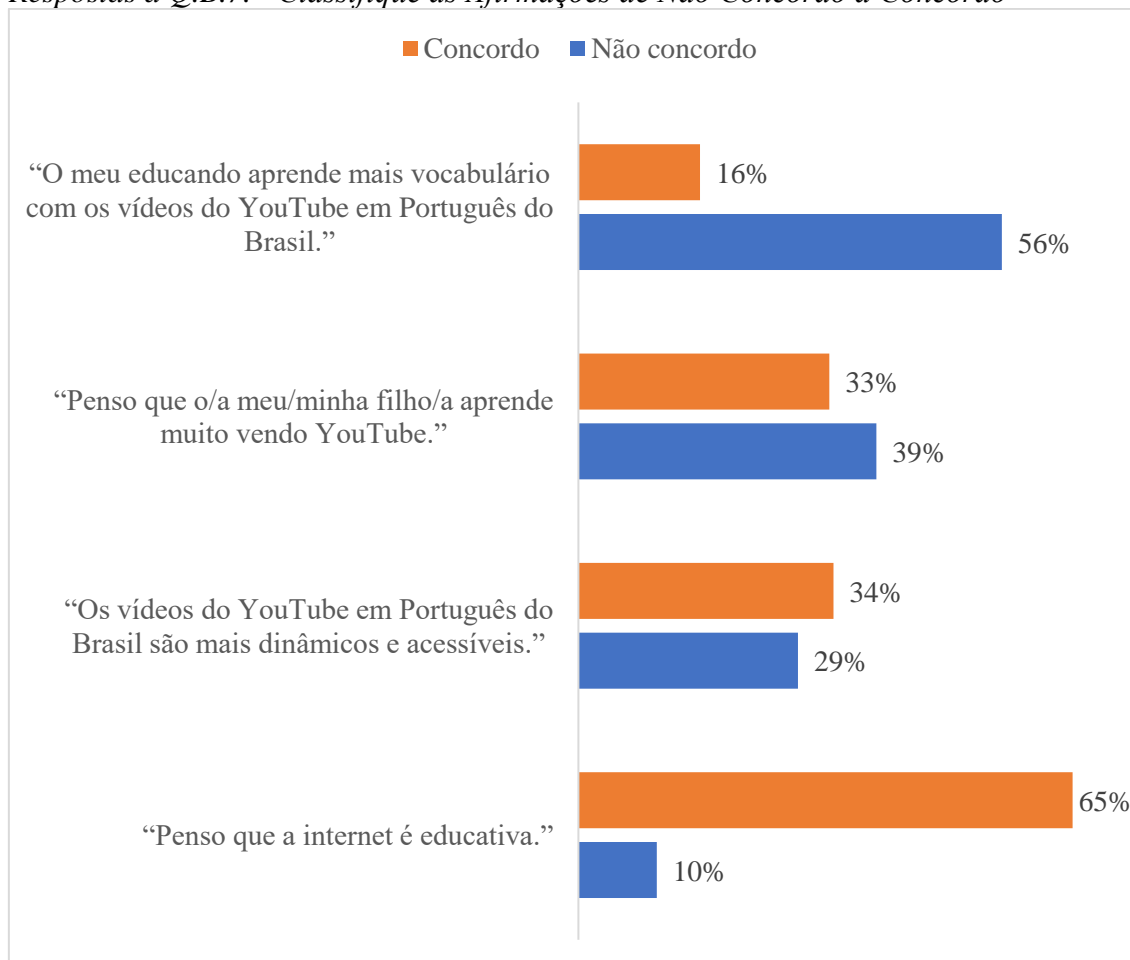
No que se refere aos conteúdos mais acedidos pelas crianças, a opção “*YouTube*”, obteve mais respostas, com 145/341 ocorrências (42,52%), “jogos” com 113/341 ocorrências (33,14%), “séries” e “filmes”, com 44/341 ocorrências (12,90%) e 39/341 ocorrências (11,44%), respetivamente. A respeito da questão número seis, “A criança tem interesse por algum destes conteúdos em Português do Brasil?”, mais uma vez, a resposta “*YouTube*” alcançou o maior número de ocorrências (131/186, ou seja 70,43%), seguida de “jogos” (34/186 ocorrências, ou 18,28%), e “séries” e “filmes” com 12/186 ocorrências, ou 6,45% e 9/186 ocorrências, ou 4,84%), respetivamente.

Como é possível observar a partir do Gráfico 1, com as respostas dadas à questão número sete, a maioria dos EE concorda que “...a internet é educativa” (65%) e que “Os vídeos do *YouTube* em Português do Brasil são mais dinâmicos e acessíveis” (34%). No

entanto, a grande maioria não concorda com “O meu educando aprende mais vocabulário com os vídeos do *YouTube* em Português do Brasil.” (56%), nem com “Penso que o/a meu/minha filho/a aprende muito vendo *YouTube*.” (39%).

### Gráfico 1

Respostas a Q.B.7. “Classifique as Afirmações de Não Concordo a Concordo”



A maioria respondeu afirmativamente, com 141/178 ocorrências (79,21%), à pergunta “O seu educando assiste a vídeos do *YouTube* em Português do Brasil?”.

Em resposta à questão 9, “Quais são os canais de *YouTube* brasileiros a que o/a seu/sua filho/a assiste?”, a maioria respondeu “Luccas Neto”, com 75/238 ocorrências (31,51%) conforme se mostra na tabela 4, a seguir:

**Tabela 4**

*Respostas à Pergunta “Quais são os Canais de YouTube Brasileiros a que o/a seu/sua Filho/a Assiste?”*

#	Opções (Programas em PB do YouTube)	%	Ocorrências
4	Luccas Neto	31.51%	75
5	Felipe Neto	13.45%	32
6	Gato Galáctico	5.46%	13
7	Whindersson Nunes	0.42%	1
8	Planeta das Gêmeas	4.62%	11
9	Luluca	8.40%	20
10	Gi	9.66%	23
11	Outros	26.47%	63
	Total	100%	238

Na opção "outros", foram muitos os canais referidos pelos pais: “Maria Clara e JP”, “Minguado”, “TikTok”, “Sereias”, “XMarcelo”, “Caseirices Kids”, “Kids Diana Show”, “Panda”, Carol e Dudu”, “Canal da Lêlê”, “Tia Fla”, “Renato Garcia”, “TEX HS”, “Beto Gamer”, “Rafa e Luis”, Gaby Gamer”, Limpão Gamer”, “Valentina”, “Fanciny”, “Vinicio Alves”, Minecraft”, entre outros.

As respostas à questão número 11, “Já ouviu o seu educando dizer alguma das palavras do Português do Brasil abaixo indicadas?”, a opção que obtém maior seleção é “papai noel”, como se pode observar na Tabela 5.

**Tabela 5**

*Respostas à pergunta “Já Ouviu o seu Educando Dizer Alguma das Palavras do Português do Brasil Abaixo Indicadas?”*

#	Resposta	%	Contagem
4	Papai Noel	14.22%	32
5	Sorvete	12.44%	28
6	Celular	12.89%	29
7	Banheiro	9.78%	22
8	Meleca	5.78%	13
9	Mamadeira	7.11%	16
10	Suco	10.67%	24
11	Trem	3.56%	8
12	Picolé	9.33%	21
13	Outras	14.22%	32
	Total	100%	225

No que toca à opção "outras", as palavras indicadas pelos EE como sendo mais utilizadas, são “mamãe”, “papai” e “oi”. São também referidas palavras e expressões, como: “trolagem”, “tá falando do brasíu”, “me deixa”, “grama”, “galera”, “ônibus”, “ué”, “pelúcia”, “legal”, “bagunceira”, “tá maluco”, “policial”, “cara”, “marrom”, “geladeira”, “você”, “trolei”, “brincadeirinha”, “né”, “moleque”, “mano”, “buscar eles”, “caraca”, “capim”, “grosso”, “nossa”, “bogou” e “privada.

Após os dados gerais do questionário, são realizados filtros para o possível cruzamento dos dados. Um dos objetivos principais é analisar as diferenças nos resultados, atendendo às variáveis sociolinguísticas selecionadas: a idade e escolaridade das crianças, tipo de escola, escolaridade dos EE e localidade. Os resultados de cada variável são comparados nas questões consideradas mais relevantes.

- **Variáveis Idade e Escolaridade das Crianças: 5 anos e Pré-escolar vs 8 anos e 3º ano**

Em relação aos dispositivos apenas utilizados pelas crianças, é possível observar que o terceiro ano (57%) tem mais acesso autónomo ao tablet do que é pré-escolar (45%),

isto pode traduzir-se na prestação dos mesmos nas entrevistas, tendo em conta que são nos dispositivos tablet e telemóvel que há o mais fácil acesso a vídeos do *YouTube*. As crianças da pré-escolar contam com mais ocorrências no uso da televisão, que possivelmente é o dispositivo que menos tem probabilidade de ser utilizado o *YouTube*.

Ao observar o tempo despendido em frente aos ecrãs, na questão 4, da parte B, os dados seguem a mesma tendência que os dados gerais. Mas, é de notar que a maioria dos EE dos dois anos escolares afirma que os seus filhos passam uma a duas horas em frente a algum ecrã, sendo que o terceiro ano possui uma maior percentagem, de 51% e a pré-escolar de 42%. Isto significa que a maior parte das crianças de ambas as idades utiliza todos os dias os dispositivos mencionados anteriormente. Os seguintes dados vão ao encontro das ideias expostas mencionadas no capítulo da revisão literária. Consoante as crianças crescem, também o tempo de exposição a conteúdos digitais se expande. Assim sendo, as crianças enquadram-se dentro dos parâmetros deste estudo, tendo em conta que os alunos da pré-escolar com cinco anos possuem um menor *screen time* do que as do terceiro ano com oito anos. Contudo, o tempo de exposição à partida é menor do que o estudo feito em crianças britânicas (cinco anos – três horas e meia, oito anos – quatro horas e meia). Porém, não é possível comparar pois a perceção dos EE pode não ser a mais próxima da realidade.

Segundo o questionário, nas questões 5 e 6 da parte B, sobre os interesses por conteúdos gerais e em PB, é possível verificar que se mantém a tendência observada nos dados gerais. Na questão 6, o conteúdo mais selecionado continua a ser o *YouTube* (68% do terceiro ano e 68% da pré-escolar), em seguida “jogos” (23% e 11%), “séries” (8% e 4%) e, por último, “filmes”. É de realçar as diferenças existentes entre os dois anos escolares, o terceiro ano conta com mais ocorrências em todas as opções, menos na opção “filmes” onde conta com 4% e a pré conta com 6%.

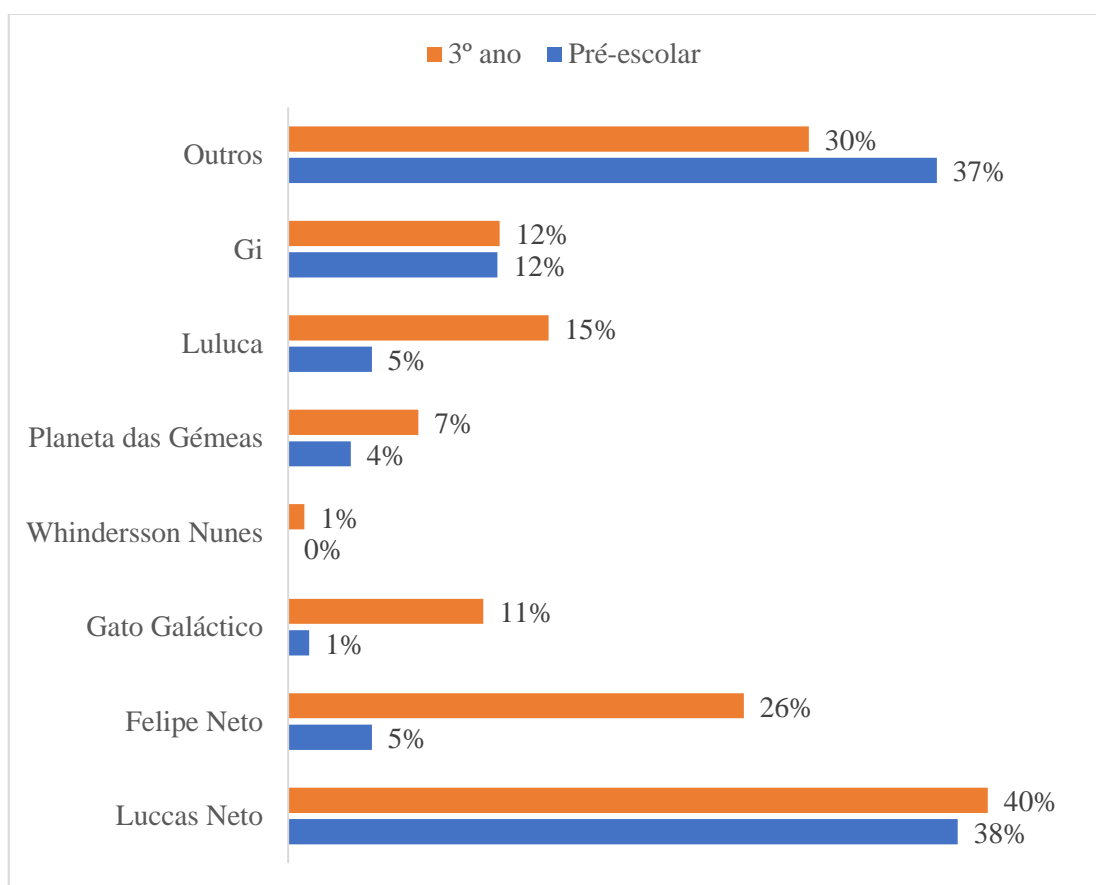
Na visualização de vídeos do *YouTube* em PB, é de notar uma ligeira diferença entre os dois anos escolares. É de realçar o facto de os EE confirmarem estes resultados, ao assinalarem que estes são os que visualizam mais vídeos do *YouTube* em PB, contando com 77% das ocorrências, para o terceiro ano e 69% ocorrências para o pré-escolar.

É também de assinalar as diferenças entre alguns dos canais do *YouTube* em PB visualizados por cada idade (cf. Gráfico 2). O terceiro ano conta com mais ocorrências no geral, segundo os seus EE; enquanto a pré-escolar conta menos ocorrências, com exceção na opção “outros”. Isto quer dizer que os canais mais visualizados pelas crianças do pré-escolar poderão não constar na lista proposta no questionário. Os alunos com oito

anos assistem mais ao “Felipe Neto” (26%), enquanto apenas 5% das crianças de cinco anos o fazem. O mesmo contraste é observado relativamente à visualização do programa “Gato Galáctico”, com 11% de escolhas pelos pais de crianças do terceiro ano e apenas 1% pelos pais de crianças da pré-escolar. Tal ocorre também com o canal do “Luluca”, que apresenta a seguinte distribuição: 15% para alunos do terceiro ano e 5% para a pré-escolar.

## Gráfico 2

Respostas à Q.B.9. “Quais são os canais de YouTube brasileiros a que o/a seu/sua filho/a assiste”



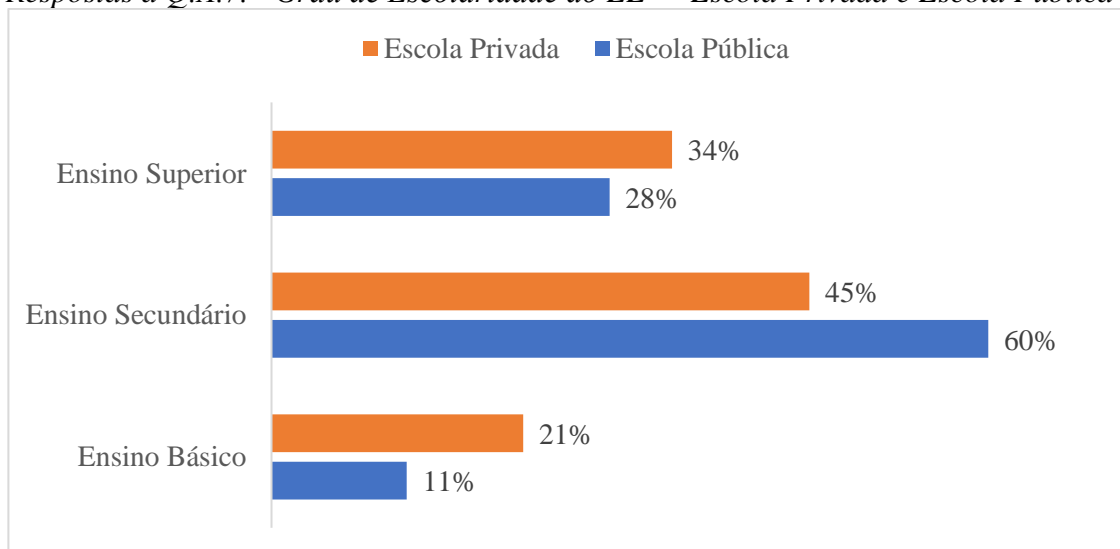
- **Variável Tipo de Escola: Escola Pública vs Escola Privada**

Ao analisar o Gráfico 3, realizado a partir da questão sete, da parte A, é possível verificar que a distribuição do grau de ensino dos EE não é linear com o tipo de escola. Não parece haver nenhuma relação concreta entre o ensino superior e a escolha da escola privada para o seu educando, como partido do pressuposto. Contam-se 34% de ocorrências neste grupo de participantes, valor menor do que o ensino secundário, com 45% de ocorrências e o ensino básico com 21%. Na escola pública, é o ensino secundário

que contem mais ocorrências, com 60%, em seguida o ensino superior com 28% e por último o ensino básico com 11%. Isto quer dizer que ambos os tipos de escola não cumprem o estigma usualmente relacionado com a possível classe social.

### Gráfico 3

Respostas à Q.A.7. “Grau de Escolaridade do EE” - Escola Privada e Escola Pública

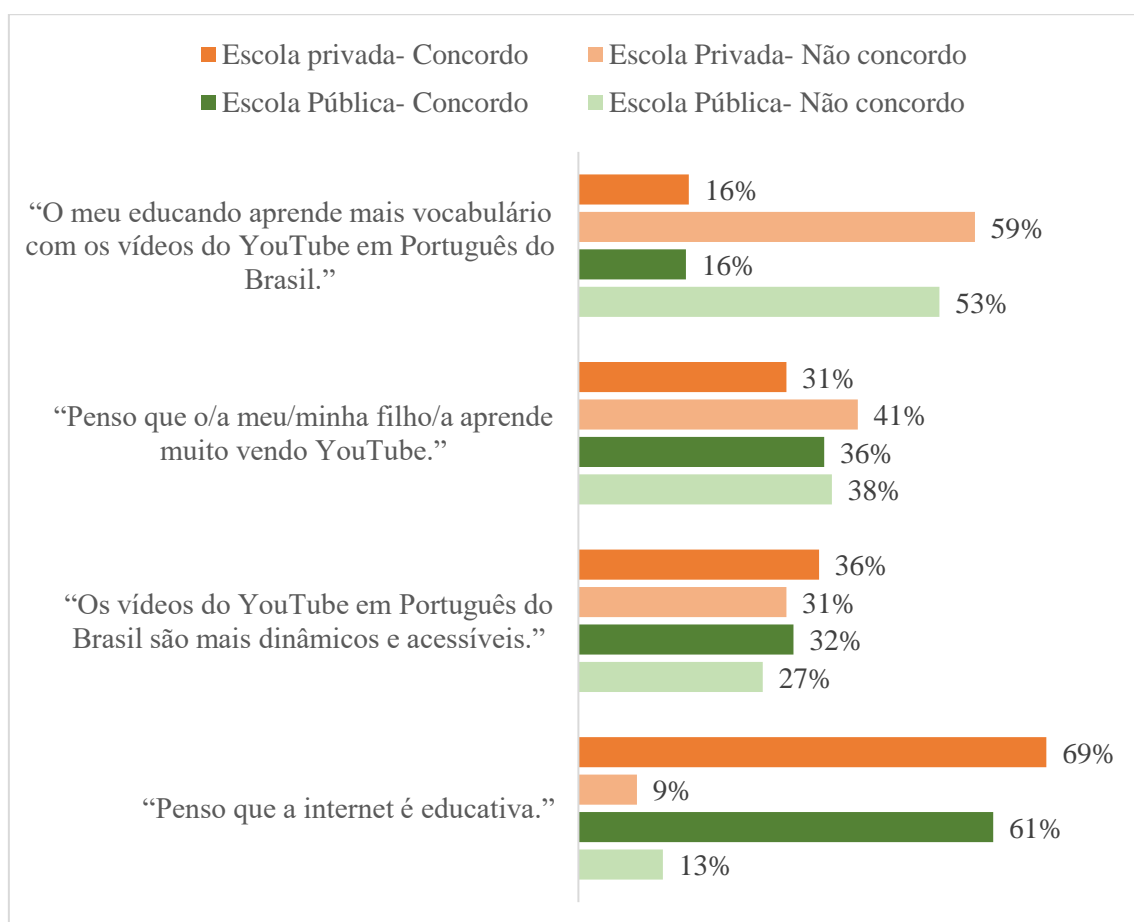


Quanto ao *screen time*, assim como as outras variáveis, a tipologia de escola segue a mesma tendência geral. Nota-se uma ligeira diferença entre a escola privada e a pública na opção mais escolhida, “uma a duas horas”, em que o grupo de pais da escola privada conta com 48% e os da pública com 45%. Na opção “só ao fim de semana” a escola pública possui mais ocorrências com 17% e a privada 12%. Estes valores podem justificar a razão dos dados da entrevista, apresentados no ponto 3.3.

Tendo em conta a avaliação de afirmações (Gráfico 4) pelos EE é possível notar que as opiniões daqueles que têm os filhos na escola pública são ligeiramente diferentes das opiniões dos que são oriundos da escola privada. Os pais da escola privada concordam em maior número que “a internet é educativa” (69%) e que “os vídeos em PB são mais dinâmicos e acessíveis” (36%), do que os pais da escola pública, com 61% e 32%, respetivamente. Quanto à afirmação “Penso que o/a meu/minha filho/a aprende muito vendo YouTube.”, a escola privada discorda em maior número (41%), do que a pública (38%). Os EE convergem unicamente quando concordam, com a mesma percentagem (16%), que o seu “educando aprende mais vocabulário com os vídeos em PB”, apenas discordam com percentagens ligeiramente diferentes.

#### Gráfico 4

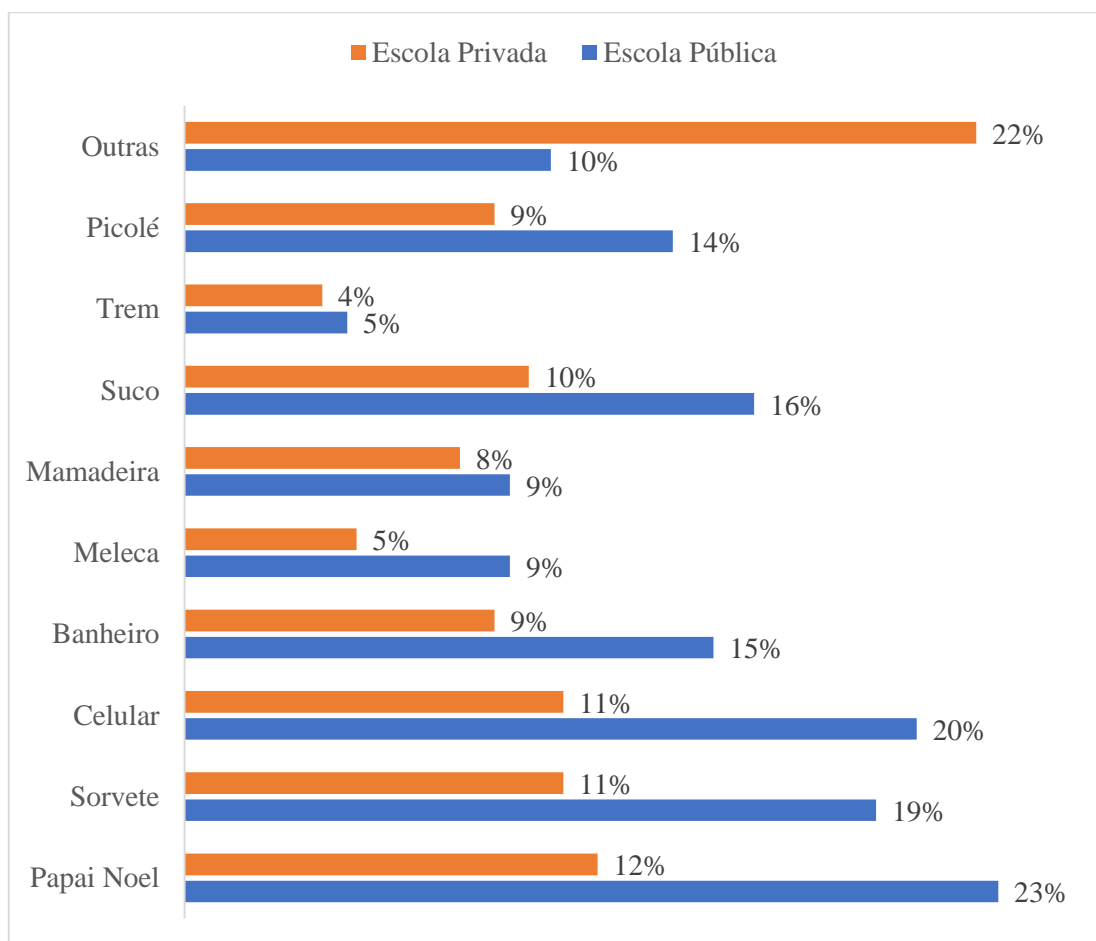
Respostas à Q.B.7 “Classifique as Afirmações de Não Concordo a Concordo” – Escola Privada e Escola Pública



Segundo o Gráfico 5, os encarregados da escola pública são da opinião que os “seus filhos utilizam mais palavras do PB” do que os EE de alunos da escola privada. Os EE reconhecem que os seus filhos conhecem mais palavras do PB, na escola pública, do que aqueles que têm os filhos na escola pública. Por exemplo na opção “papai noel”, a escola pública conta com 23% e a privada com 12%. Nas restantes opções constata-se a mesma situação.

### Gráfico 5

Respostas à Q.B.11. “Já Ouviu o seu Educando Dizer Alguma das Palavras do PB?” - Escola Privada e Escola Pública

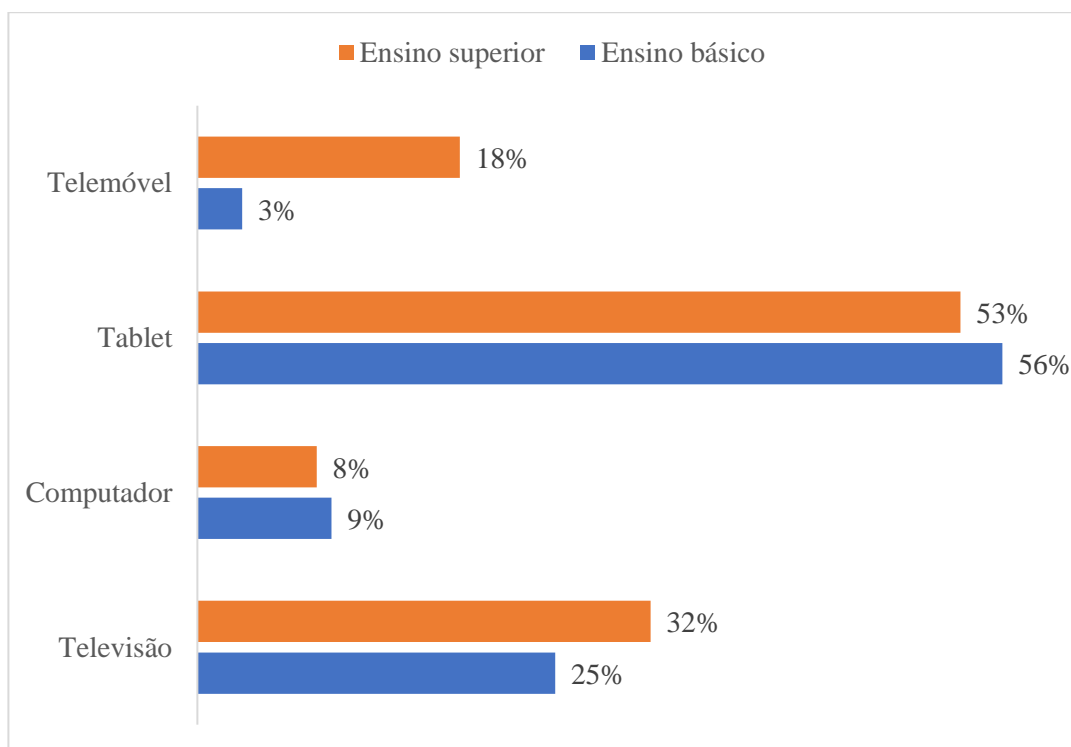


- **Variável Escolaridade dos EE: Ensino Básico vs Ensino Superior**

Existem diferenças visíveis quando se considera outras variáveis, tais como o facto de “os dispositivos [serem] apenas utilizados pelas crianças” ou não, e “o grau de escolaridade dos pais” (com ensino básico vs com o ensino superior). Segundo o Gráfico 6, os educandos, filhos de EE com o ensino superior, possuem mais acesso livre e autónomo ao telemóvel, 18% e à televisão, 32%, do que os educandos com EE com o ensino básico (3% e 25%, respetivamente).

### Gráfico 6

Respostas à Q.B.3. “Algum destes dispositivos é apenas utilizado pela criança? Se sim, quais?” - Ensino Superior e Ensino Básico

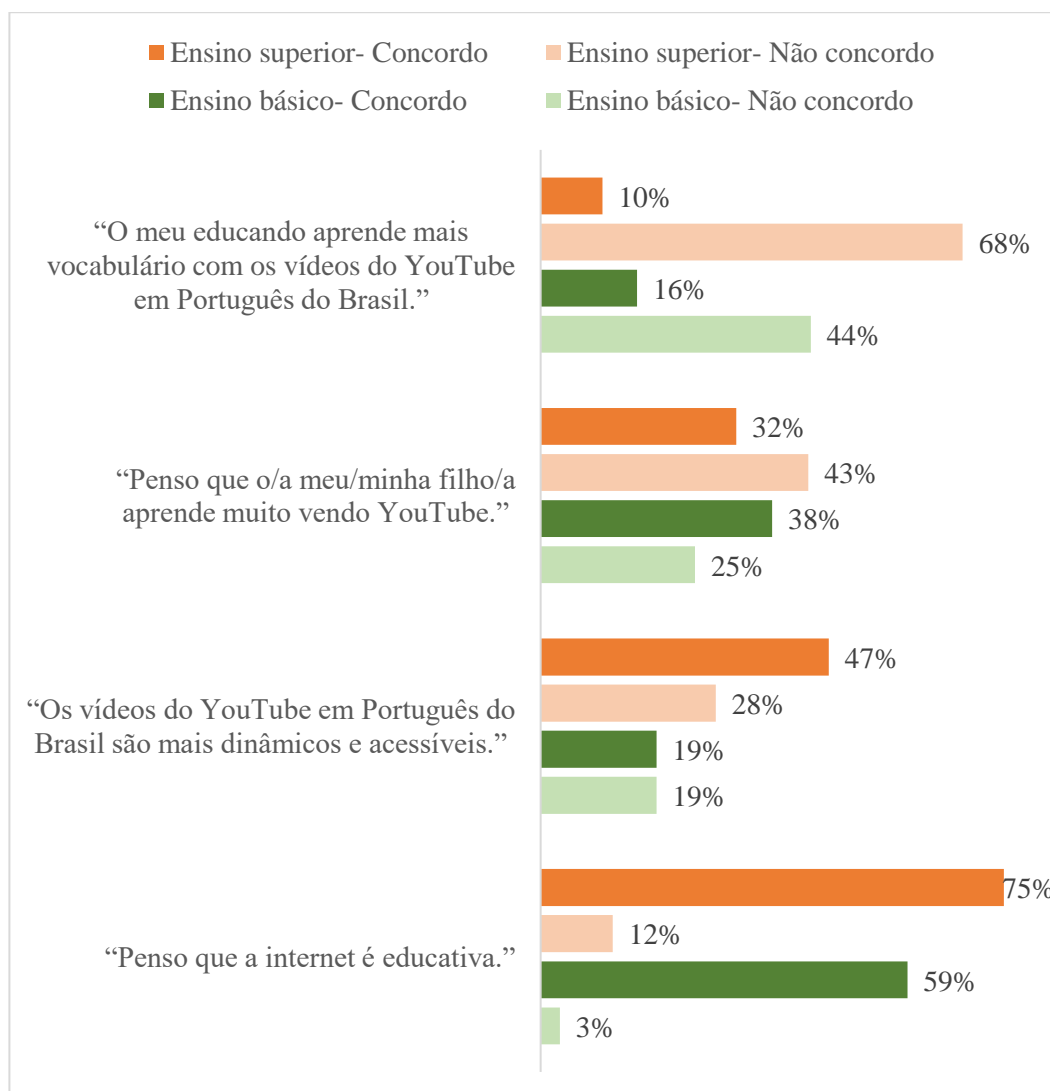


Tendo em conta o *screen time*, os dados somente apresentam uma ligeira diferença entre os dois graus de ensino, sendo que os alunos com pais que possuem ensino superior parece têm menos tempo em frente aos ecrãs.

No Gráfico 7, verifica-se que as opiniões dos EE com ensino básico e com ensino superior são também divergentes. Os EE com ensino superior concordam em maior número que “os vídeos em PB são mais dinâmicos” (47%) e que “a internet é educativa” (75%), em comparação com os pais com ensino básico, que contabilizam 19% e 59%, respetivamente. Por outro lado, a maioria dos EE com o ensino superior não concorda, em maior escala, com as afirmações “O meu educando aprende mais vocabulário com os vídeos do *YouTube* em Português do Brasil.” (68%); observa-se um decréscimo de aprovações junto daqueles têm ensino básico, que concordam apenas 44%. O mesmo acontece na afirmação “Penso que o/a meu/minha filho/a aprende muito vendo *YouTube*.”, em não concordam 43% dos pais com formação superior e 25% dos que têm ensino básico.

### Gráfico 7

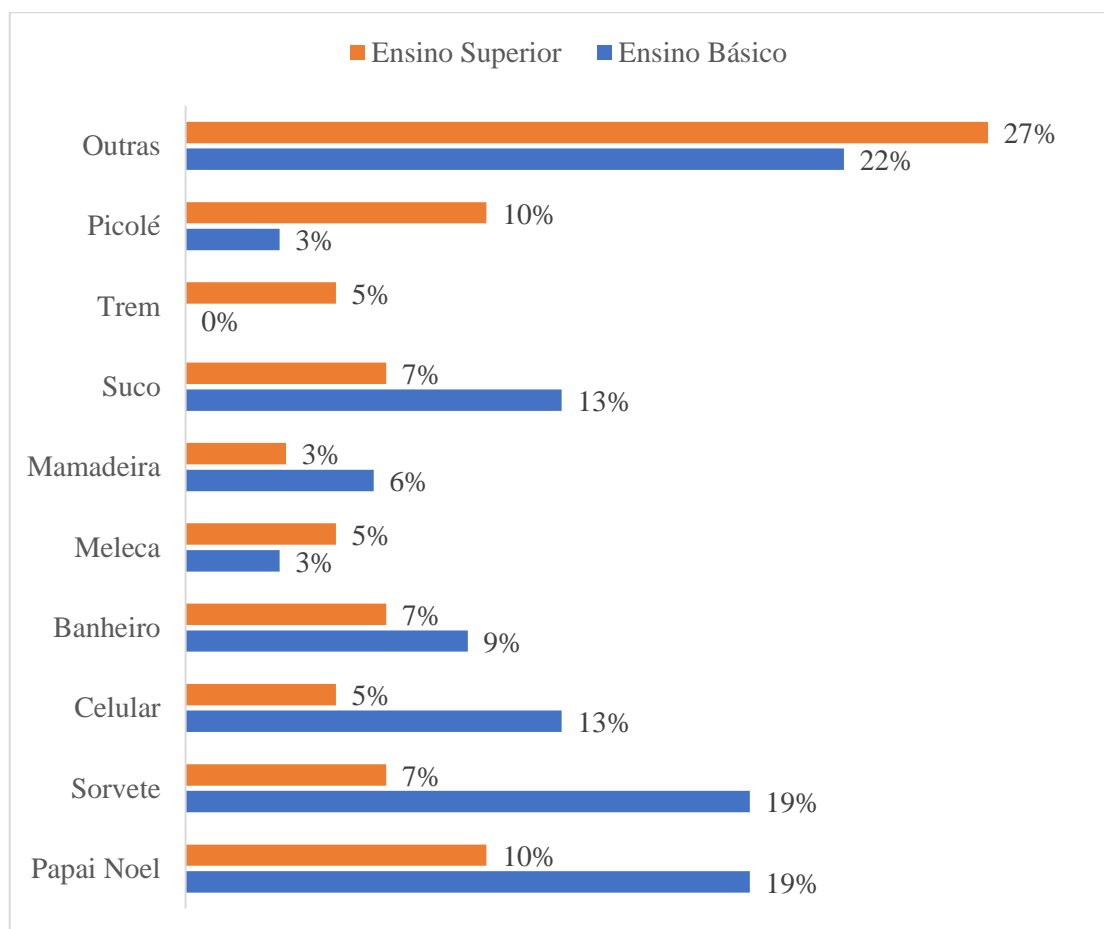
Respostas à Q.B.7. “Classifique as Afirmações de Não Concordo a Concordo” - Ensino Superior vs Ensino Básico



De forma geral, os EE com o ensino básico afirmam que os seus educandos dizem mais palavras em PB do que os EE com ensino superior. Exemplificando, no Gráfico 8, na opção “sorvete”, os primeiros selecionaram 19%, reconhecendo que os seus filhos conhecem esta palavra, mas apenas 7% dos pais com ensino superior o fazem. O mesmo ocorre com a palavra “celular”, 13% selecionada por pais com o ensino básico e 5% por aqueles com ensino superior. Somente em duas opções, os pais com ensino superior selecionaram mais vezes do que os pais com ensino básico. Trata-se da opção “trem”, em que ensino superior contabiliza 5% e o ensino básico nenhuma seleção. Na opção “outras” palavras, o ensino superior também contabilizou mais ocorrências (27%) do que o ensino básico (22%).

### Gráfico 8

Respostas a Q.B.11. “Já Ouviu o seu Educando Dizer Alguma das Palavras do PB?” – Ensino Superior e Ensino Básico

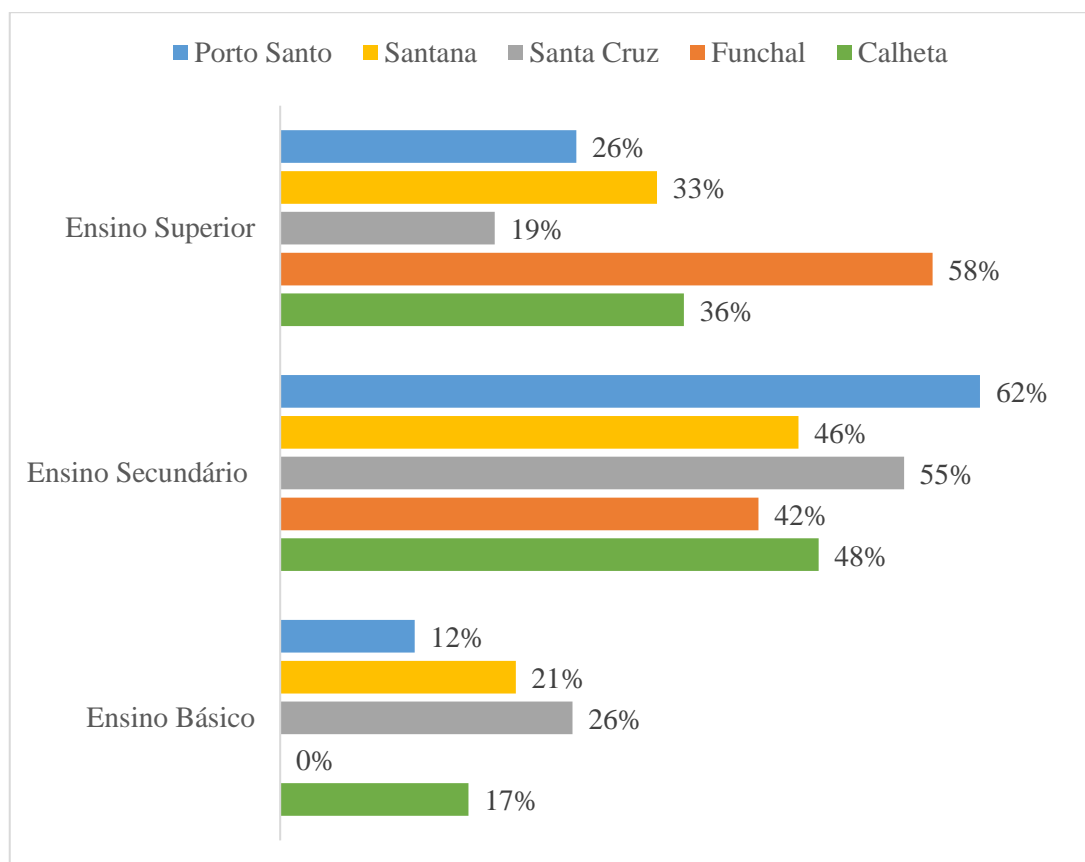


- **Variável grau de escolaridade dos encarregados de educação e variável Localidade (Municípios do Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta)**

Os EE com o ensino superior (Gráfico 8) estão localizados sobretudo nos municípios do Funchal (58%), Calheta (36%) e Santana (33%). Os pais com ensino secundário são em maior número no Porto Santo (62%), Santa Cruz (55%) e Calheta (48%) e com o ensino básico, existem mais ocorrências em Santa Cruz (26%), Santana (21%) e Calheta (17%).

### Gráfico 9

Respostas à Q.A.3. “Grau de Escolaridade do EE” – Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta



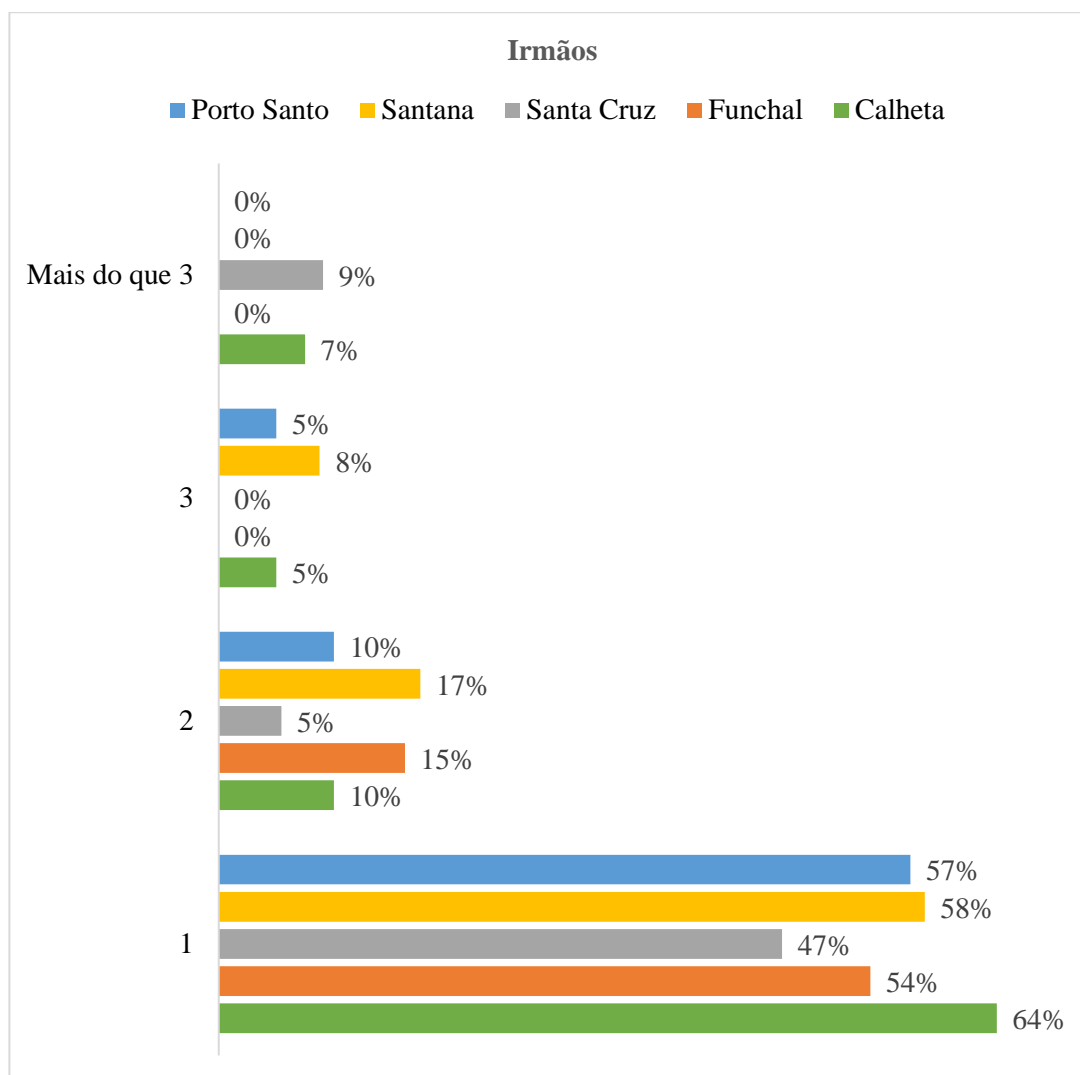
Merece destaque também referir que no município do Funchal, de todas as respostas recolhidas no questionário, 0% dos EE possuem o ensino básico. Estes dados sugerem que os EE se encontram mais em zonas menos urbanas e mais rurais.

- **Variável agregado familiar (nº de irmãos) e variável localidade (Municípios do Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta)**

Quanto ao número de irmãos em cada município (Gráfico 10), de um modo geral, é possível verificar que em todas as localidades, as crianças envolvidas neste projeto de investigação têm maioritariamente um irmão, seguida de dois, três e, por último, mais do que três. Os municípios da Calheta e Santana são aqueles em que o agregado dos participantes neste estudo é mais numeroso, ou seja, em que as crianças contabilizam mais irmãos. O município em que as crianças da amostra têm menos irmãos é o do Funchal. Neste município, as opções “três” e “mais do que três irmãos” contabilizam 0%. Assim sendo, observa-se que o agregado familiar é maior no meio “rural” do que no Funchal.

### Gráfico 10

Respostas à Q.A.9. “Se o Educando tem Irmãos Indique Quantos” – Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta

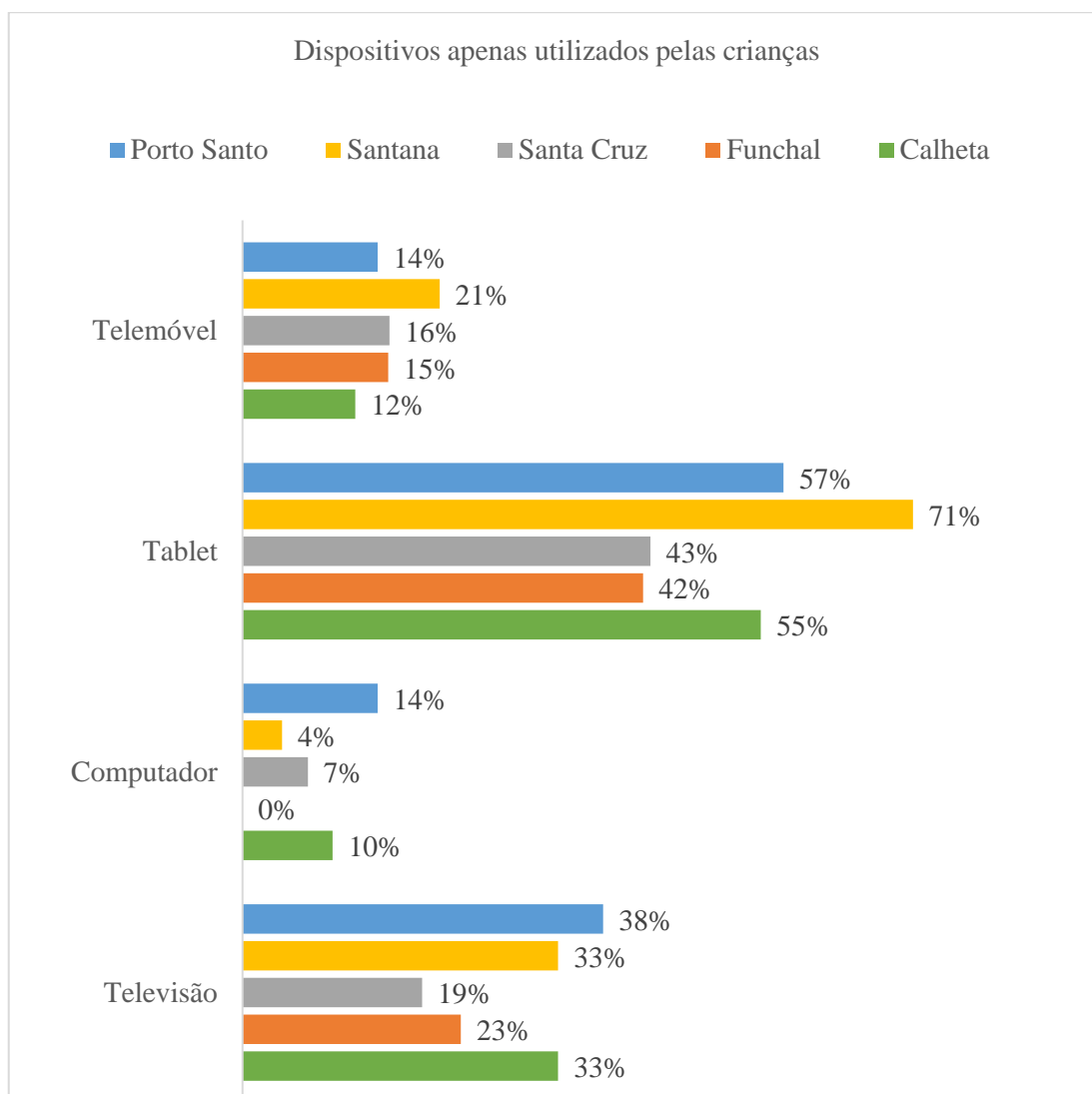


- **Variável *dispositivos utilizados pelas crianças* e variável *localidade* (Municípios do Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta)**

Ao analisar o Gráfico 11, sobre os dispositivos apenas utilizados pelas crianças, observa-se que independentemente da sua localização, todos os lares estão rodeados de tecnologia e de acesso à internet. Alguns Municípios destacam-se. É de realçar Santana, que possui a maior percentagem no uso do tablet (71%) e no uso do telemóvel (21%). Também o Porto Santo, em todas as opções apresenta valores similares, 57% no tablet, 38% na televisão e 14% no telemóvel e no computador.

### Gráfico 11

Respostas à Q.B.3. “Algum destes dispositivos é apenas utilizado pela criança? Se sim, quais?” - Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta



O Funchal apresenta valores mais baixos em todas as opções e, na opção computador, é o único município com valor nulo.

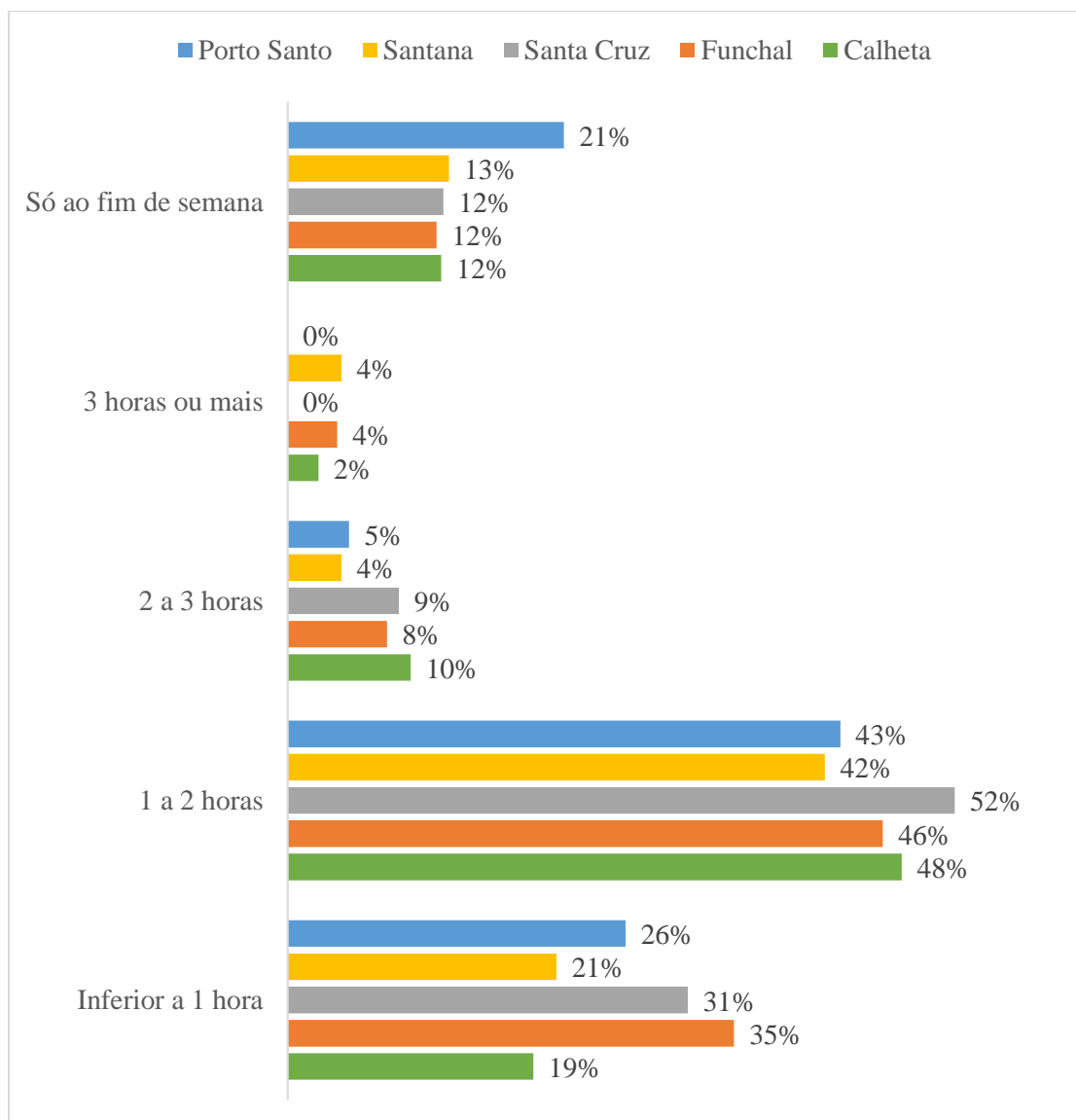
- **Variável *screen time* da criança e variável *localidade* (Municípios do Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta)**

No que diz respeito ao tempo em que as crianças passam em frente aos ecrãs (Gráfico 12), os valores entre todos os municípios são semelhantes, mas o de Santa Cruz destaca-se, por ser a localidade com maior *screen time*, com o valor de 52%, na opção “de 1 a 2 horas”, assim como na opção “de 2 a 3 horas”, onde possui o segundo valor

mais alto, 9%. Em seguida, a Calheta surge com 48% em “1 a 2 horas”, 10% “de 2 a 3 horas” e 2% “de 3 ou mais horas”.

### Gráfico 12

Respostas à Q.B.4. “Quanto tempo o/a seu/sua filho/a despende por dia na utilização destes dispositivos?” - Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta



As crianças das escolas do Funchal passam aparentemente menos tempo em frente aos ecrãs, pois esta localidade tem o valor mais alto, 35%, na opção inferior a 1 hora.

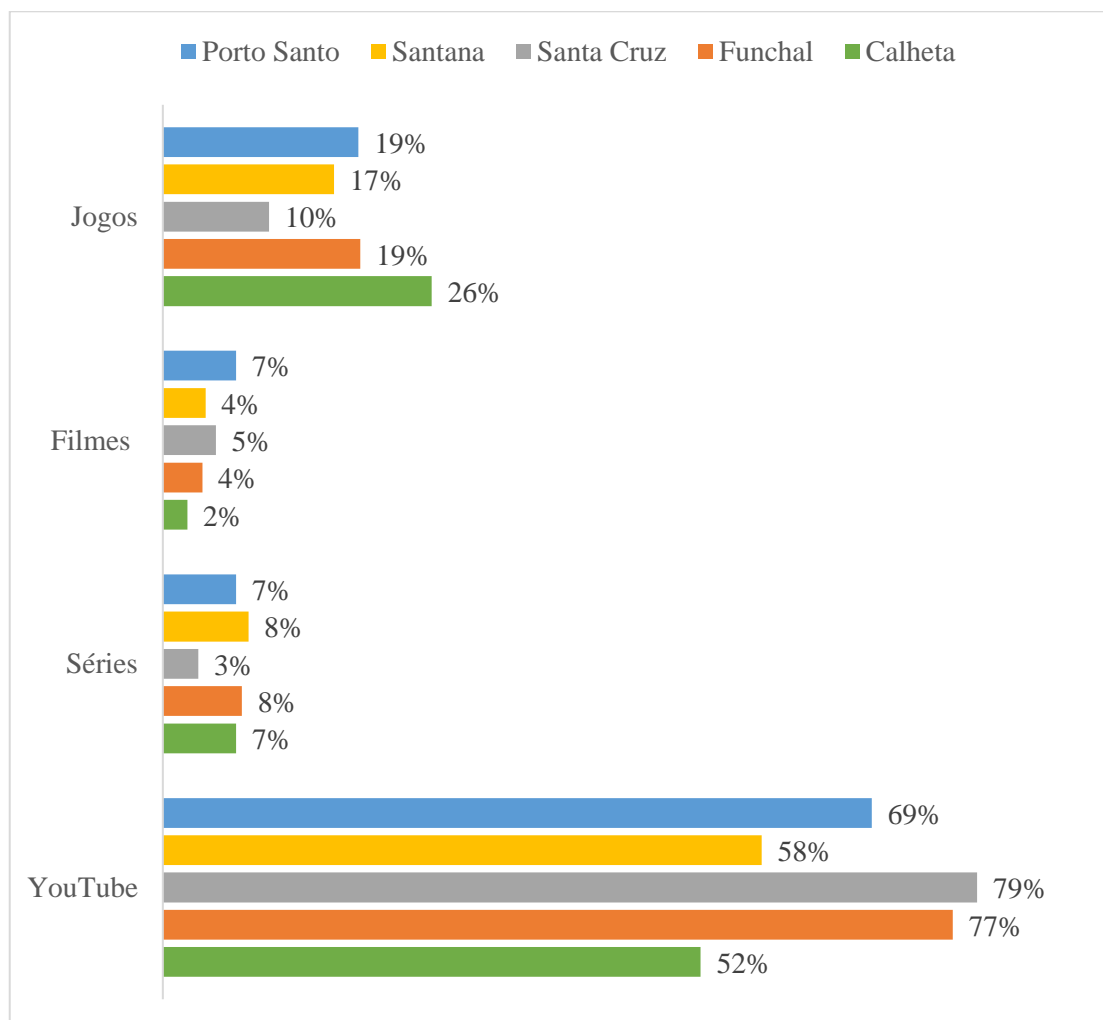
- **Variável *screen time* da criança e variável *localidade* (Municípios do Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta).**

As localidades em que os EE afirmam que os seus educandos têm mais interesse nos vídeos do *YouTube* em PB (Gráfico 13) são Santa Cruz (79%), o Funchal (77%) e o

Porto Santo (69%). Aquelas que surgem com os valores mais baixos, nesta questão, são Santana com 58% e Calheta com 52%.

### Gráfico 13

Respostas à Q.B.6. “A criança tem interesse por algum destes conteúdos em PB?” - Porto Santo, Santana, Santa Cruz, Funchal e Calheta



Assim sendo, segundo os dados dos EE obtidos através do questionário, o município de Santa Cruz salienta-se pelo facto de possuir o maior tempo de uso de ecrãs e o maior interesse por vídeos do *YouTube* em PB.

Os dados previamente descritos demonstram que, de forma geral, atendendo à percepção dos EE, a maioria das crianças realmente passa muito tempo em frente a ecrãs, a assistir vídeos na plataforma *YouTube*. Tendo o terceiro ano, um maior acesso autónomo ao tablet e por conseguinte uma maior visualização de conteúdos em PB, estando em concordância com os estudos referidos. Atendendo às diferenças entre os tipos de escola, as crianças da escola privada passam mais uma pequena percentagem a assistir a conteúdos digitais do que os da escola pública. Segundo a percepção dos EE, as crianças

da escola pública utilizam mais palavras em PB, do que a escola privada. Tendo em conta o nível de escolaridade dos EE, com ensino superior, estão maioritariamente localizados no Funchal, com ensino secundário, estão em maior número no Porto Santo e com o ensino básico em Santa Cruz. Ao analisar a localidade, o município de Santa Cruz, possui os valores mais altos de *screen time*, assim como o maior interesse em vídeos do *YouTube* em PB.

### 3.2 Estudos Experimentais com Crianças do Pré-escolar e do 3º ano

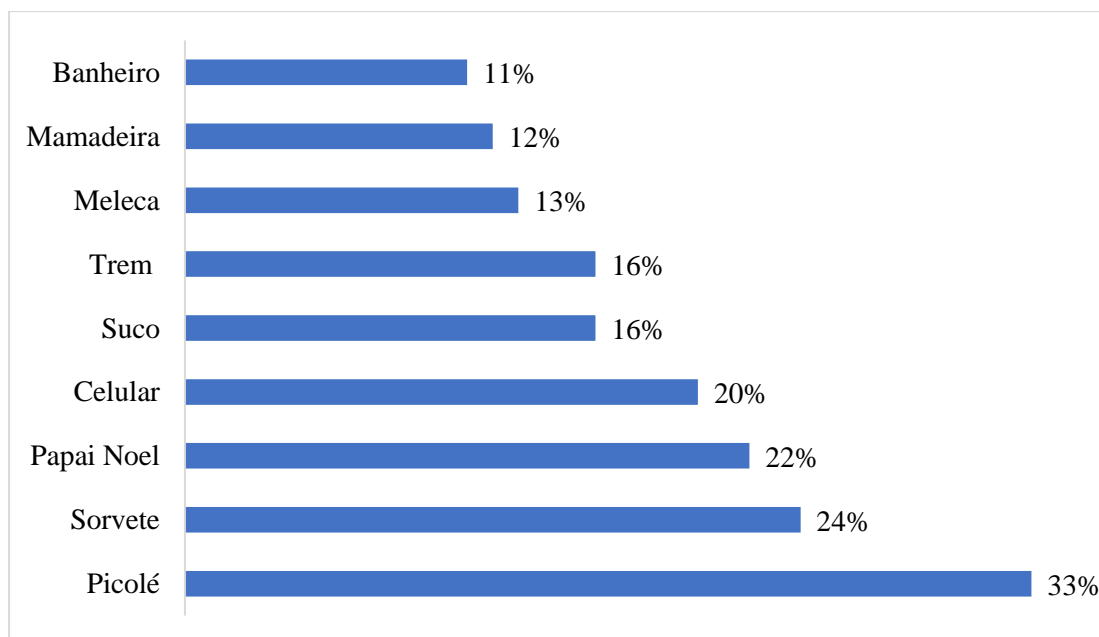
Nesta secção, são analisados os resultados das crianças nos dois testes em que participaram: o Teste Nº1 - Associação a Imagens (3.2.1) e o Teste Nº 2 – Equivalência lexical (3.2.2).

#### 3.2.1 Teste Nº1- Associação a Imagens

Todas as palavras em PB correspondentes ao estímulo visual foram reconhecidas pelas crianças. As percentagens totais (das 100 crianças do pré-escolar e do terceiro ano do ensino básico) no Teste 1 encontram-se no Gráfico 14. A palavra “picolé”, com 33%, é a mais conhecida, seguida de “sorvete”, com 24% e “papai noel”, com 22% e as menos sabidas são “banheiro” (11%), “mamadeira” (12%) e “meleca” (13%).

#### Gráfico 14

Resultados gerais: Palavras em PB ditas no Teste Nº1



A seguir, estes resultados serão analisados atendendo às variáveis idade / escolaridade (5 anos/pré-escolar vs 8 anos / 3º ano do ensino básico) e género (masculino

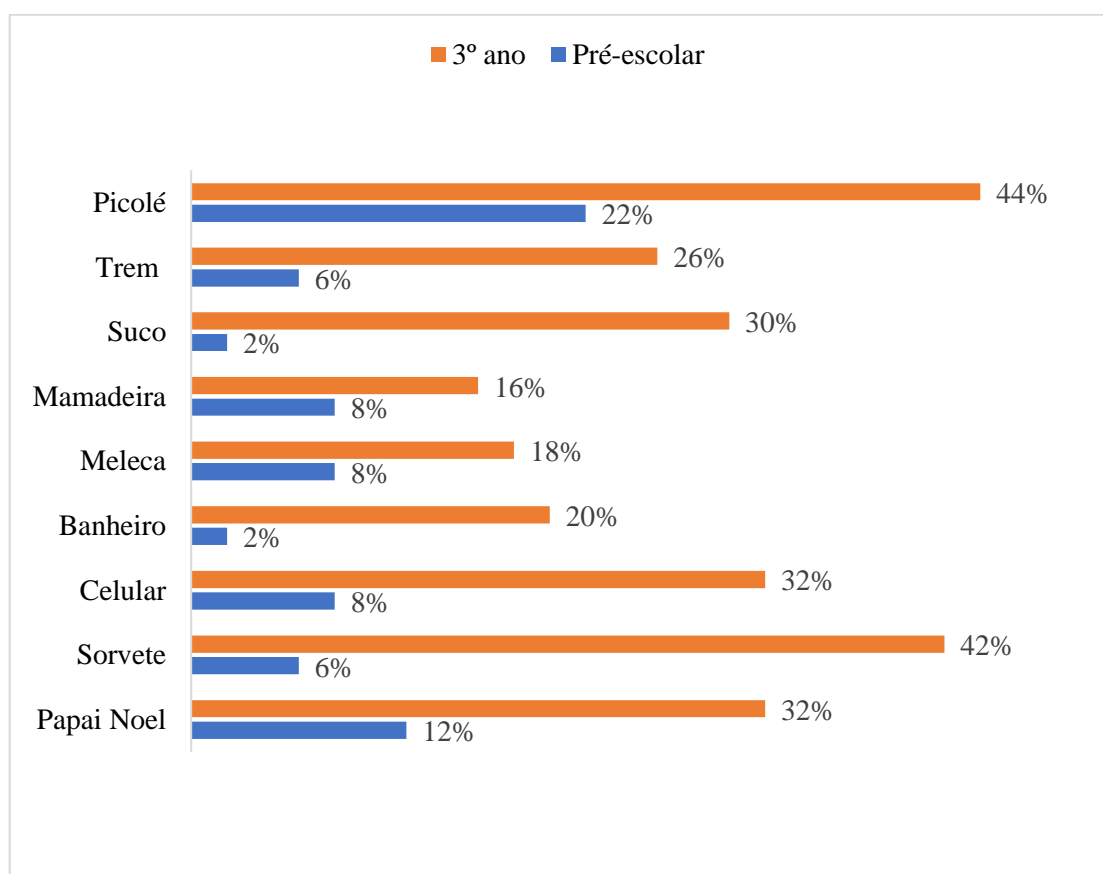
vs feminino) das crianças, o tipo de escola (Pública vs Privada) e a localidade onde estudam e o grau de escolaridade dos seus EE.

- **Variáveis Idade e Escolaridade das Crianças**

Ao contrário do esperado, é visível, no Gráfico 15, que o terceiro ano utiliza mais palavras em PB do que as crianças do pré-escolar. Em todas as palavras incluídas no Teste nº1, o terceiro ano possuiu uma melhor produção em PB. Assim, neste Teste, ao analisar, por exemplo, a figura 7, em anexo, à qual corresponde a palavra em PB “sorvete”, o terceiro ano conta com 42% das ocorrências e a pré-escolar com 6%. Na associação imagem - palavra “suco”, o terceiro ano obtém 30% e a pré-escolar 2%; no caso da palavra “celular” também é possível notar uma grande diferença, 32% para o primeiro grupo, do 3º ano e 8% para os alunos com cinco anos, da pré-escolar. Nestes exemplos, assim como nos restantes valores do gráfico, são verificadas grandes diferenças existentes entre os dois anos escolares.

### **Gráfico 15**

*Teste Nº1- Resultados das crianças (Pré-Escolar e do Terceiro Ano)*



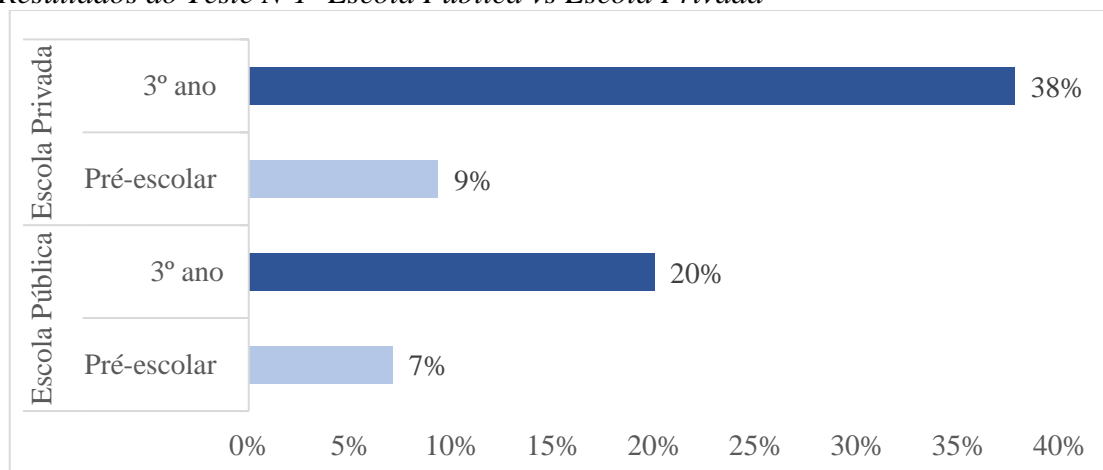
Esta diferença de valores pode ser relacionada com as respostas ao questionário pelos EE do terceiro ano, referidas anteriormente. Nestas respostas é possível confirmar que o terceiro ano tem mais acesso autónomo a dispositivos que são seus, como também um maior tempo de ecrã, maior visualização e interesse por conteúdos em PB, especialmente de vídeos na plataforma *YouTube*. Na questão referente aos canais de *YouTube*, são os mesmos que, em maior percentagem, comparando com as crianças do pré-escolar, respondem a todas as opções indicadas.

- **Variável Tipo de Escola: Pública e Privada**

Novamente, ao analisar o Gráfico 16, é de notar que as hipóteses mencionadas no início deste ensaio não se confirmam: a escola privada apresenta maiores percentagens de respostas do que a pública, em ambos os anos. Como é possível verificar, o terceiro ano possui mais ocorrências em ambos os tipos de escola, 38% na escola privada e 30% na escola pública, já a pré-escolar apresenta 9% na escola privada e 7% na escola pública. Assim sendo, mesmo que a diferença entre as ocorrências não seja muito grande, é a suficiente para permitir uma distinção entre as duas tipologias de escolas.

### Gráfico 16

Resultados do Teste N°1- Escola Pública vs Escola Privada



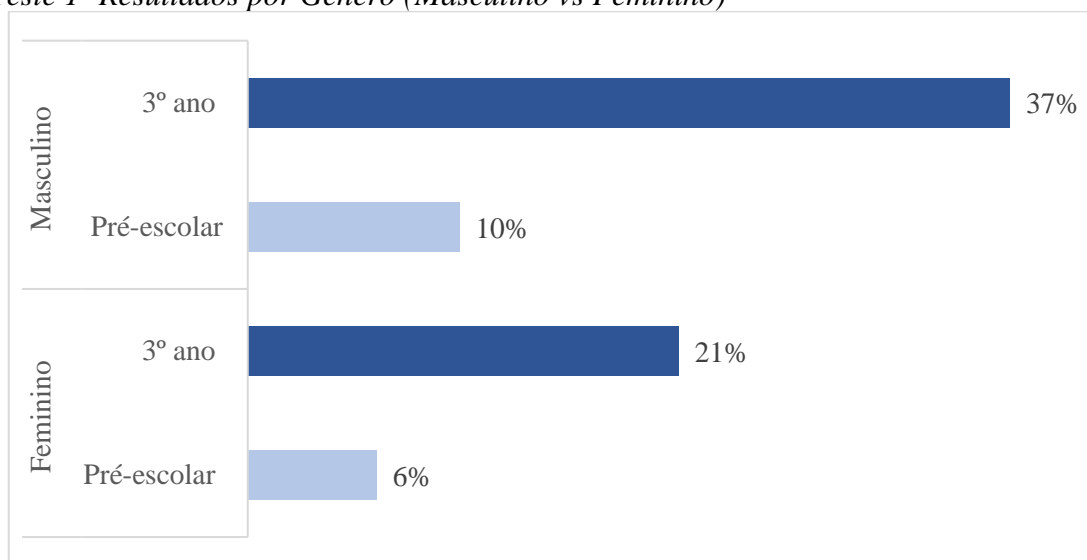
Por outro lado, quando confrontados os resultados das crianças no Teste N° 1 com os resultados das respostas dos seus EE ao questionário, observam-se divergências. Os EE da escola pública pensam que os seus educandos utilizam mais palavras em PB do que na verdade o fazem, já em relação aos pais da escola privada, acontece o contrário. Tanto num caso como no outro, as suposições dos EE não são semelhantes à realidade da produção linguística dos seus filhos. Esta questão será de novo abordada, mais adiante, num ponto em que se procura fazer uma análise comparativa deste tipo.

- **Variável Gênero: Masculino e Feminino**

Tendo em conta a literatura, enquanto o gênero feminino é mais conservador e mais marcado pelo uso de formas da língua mais tradicionais e de prestígio, o gênero masculino utiliza formas mais inovadoras e estigmatizadas. Neste caso, o uso do PB, muitas vezes é alvo de estigma por não corresponder a uma variedade do PE. Ao observar o Gráfico 17, verifica-se que os dados seguem a literatura, pois em ambos os anos escolares, são as crianças do sexo masculino que contabilizam mais uso de palavras em PB, ou seja 37% do total de produções no terceiro ano e 10% na pré-escolar. As crianças do sexo feminino são responsáveis por 21% no terceiro ano e 6% na pré-escolar.

**Gráfico 17**

*Teste 1- Resultados por Gênero (Masculino vs Feminino)*



- **Variável Escolaridade dos EE: Ensino Básico e Ensino Superior**

O grau de escolaridade dos EE é uma das variáveis a considerar neste estudo. Parte-se da hipótese da relevância desta variável na variação linguística, de acordo com a literatura. Tal como esta variável condiciona a produção linguística dos pais, e é esperado, por exemplo, que aqueles que tem uma escolaridade de nível superior utilizem formas mais padrão da língua, supõe-se que ela terá também influência no desenvolvimento e desempenho linguístico das crianças. Ao analisar os dados do Teste 1, são encontradas ligeiras diferenças, que não parecem corroborar as hipóteses propostas no início da dissertação. Ao contrário do pressuposto, os alunos com encarregados que possuem o ensino superior utilizaram mais palavras do PB (terceiro ano com 36% e pré-escolar com 2%), do que os alunos cujos EE têm ensino básico (terceiro ano com 31% e pré-escolar com 2%).

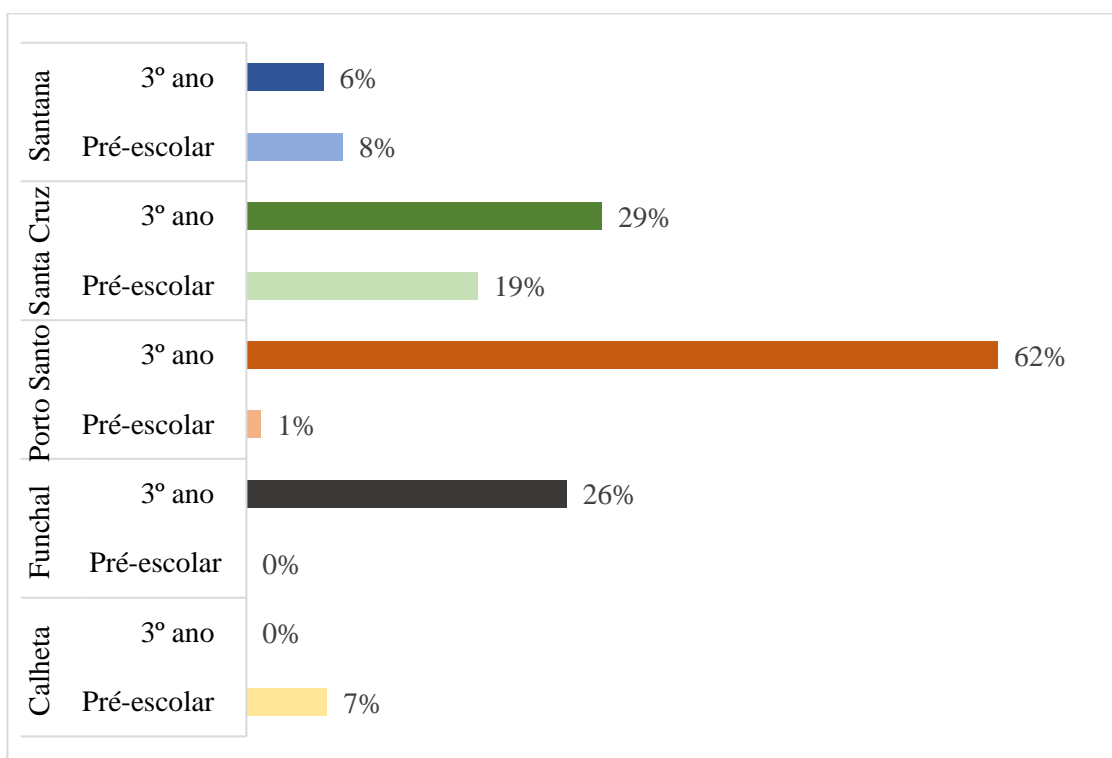
Relacionando estes dados, com os dados do questionário, é visível a relação entre um maior uso do PB e uma condição social alta, pois os educandos com pais com ensino superior utilizam mais o telemóvel de forma autónoma e como dispositivo unicamente pessoal. Este facto é um revelador de pertença a uma classe social que não ostenta dificuldades económicas, uma vez que as crianças dispõem do seu próprio telemóvel. No questionário, como já referido, os EE com ensino básico supõem que os seus educandos utilizam mais palavras em PB do que na realidade o fazem e o contrário ocorre com os EE que possuem o ensino superior, que têm a ideia de que os seus educandos utilizam muito menos palavras em PB, o que é possível de comprovar através dos resultados das entrevistas realizadas às crianças.

- **Variável Localidade: cinco Municípios da RAM**

Nos dados do Teste N°1, apresentados no Gráfico 18, divididos por cinco municípios da RAM, onde estão localizadas as escolas que integram o estudo, destacam-se os municípios do Porto Santo, Santa Cruz e Funchal, por um lado, e os de Santana e Calheta, por outro. Precisamente as localidades consideradas mais “rurais”, as mais afastadas dos centros urbanos, são as que se encontram relacionadas com uma menor produção de palavras do PB. Por exemplo, no terceiro ano da Calheta não foi registada nenhuma ocorrência e as crianças pré-escolar apenas contribuíram com 7%; o terceiro ano de Santana regista 6% e a pré-escolar 8%. No polo oposto, o dos Municípios mais produtivos, os alunos do Porto Santo foram os que utilizaram mais palavras em PB neste teste N°1, realçando os do terceiro ano, com 62% em contraste com as crianças da pré-escolar com apenas 1%. As crianças das escolas de Santa Cruz também fizeram uso de muitas palavras em PB, 29% pelas do terceiro ano e 19% pelas da pré-escolar.

## Gráfico 18

### Teste 1- Resultados dos Municípios



Comparando os resultados deste Teste N°1 com as respostas dos EE ao questionário, é possível estabelecer correlações entre os dados, nomeadamente, o facto dos municípios do Porto Santo e Santa Cruz contabilizarem mais ocorrências de usos de palavras do PB do que os restantes. Este resultado poderá estar relacionado com as variáveis relacionadas com o ambiente digital e social, ou seja, as do “uso autónomo de dispositivos com acesso a conteúdos em PB”, “a quantidade de tempo passado em frente aos ecrãs” e o grande interesse “por vídeos do *YouTube* com conteúdo em PB”. O facto de a Calheta não apresentar muitos usos do PB pode estar relacionado com o tamanho do agregado familiar, que segundo o questionário, se apresenta maior que as outras localidades, assim como também com a localidade, pelo facto de apresentar menos interesse em conteúdos do *YouTube* em PB.

Recapitulando os dados do Teste 1, o terceiro ano utilizou mais recurso a palavras do PB do que a pré-escolar, como consequência de ser o ano que passa mais tempo em frente aos ecrãs. Ao contrário do pressuposto, tendo em conta estudos realizados sobre uma melhor prestação das escolas privadas, devido ao seu estatuto económico, os alunos da escola privada superaram os da escola pública, na utilização de palavras do PB. Em

conformidade com Labov (1972), o género masculino utiliza variantes mais inovadoras, mesmo estas sendo estigmatizadas, deste modo, superou a utilização do género feminino.

Contrariamente, os alunos com EE que possuem ensino superior recorrem mais a palavras do PB, mesmo havendo a ideia de que os pais com mais escolaridade possam proporcionar um outro estímulo linguístico aos seus filhos. As localidades com valores mais altos são Santa Cruz, Porto Santo e Funchal. As primeiras podem ser consideradas localidades rurais pois, supostamente, possuem menos recursos, estímulos e oportunidades, como por exemplo menos atividades lúdicas após o período escolar. Todos estes fatores aumentam a possibilidade das crianças, inseridas nestas regiões, possuírem um maior tempo de exposição aos ecrãs e consequentemente utilização do PB.

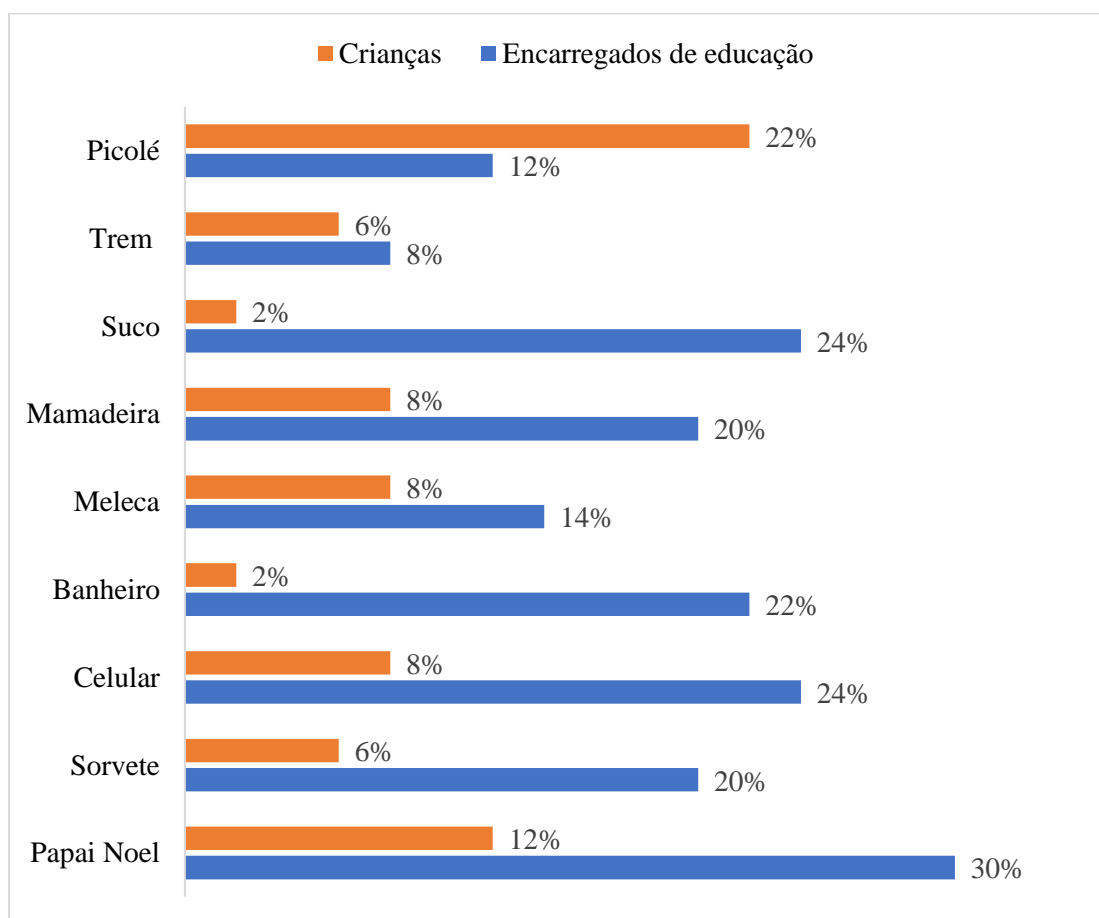
- **Perceções dos EE sobre os usos de Palavras em PB e Produções das Crianças**

Neste ponto, procura-se estabelecer uma comparação entre as crenças e atitudes, através das perceções dos EE extraídas do questionário e as produções das crianças realizadas no Teste N°1. Foi constituída uma amostra com as respostas dos 100 EE dos 100 alunos participantes na fase experimental do estudo, para estabelecer esta comparação.

Ao observar o Gráfico 19, referente aos dados da pré-escolar, é visível que as perceções dos EE não correspondem aos resultados produzidos pelas crianças. Os pais acreditam que os seus educandos utilizam mais palavras em PB do que realmente acontece. Das nove opções de palavras em PB, oito delas, têm uma maior percentagem por parte dos pais, como é o exemplo de “papai noel”, com 30% dos pais a apenas 12% de produções pelas crianças e “suco”, com 24% dos pais e 2% de uso por parte dos alunos. Em unicamente uma das nove opções, “picolé”, as crianças (22%) superaram as perceções dos pais (12%). Por esta razão, comprova-se que as expectativas que os EE possuem nunca vão ao encontro do que efetivamente os seus educandos fazem.

### Gráfico 19

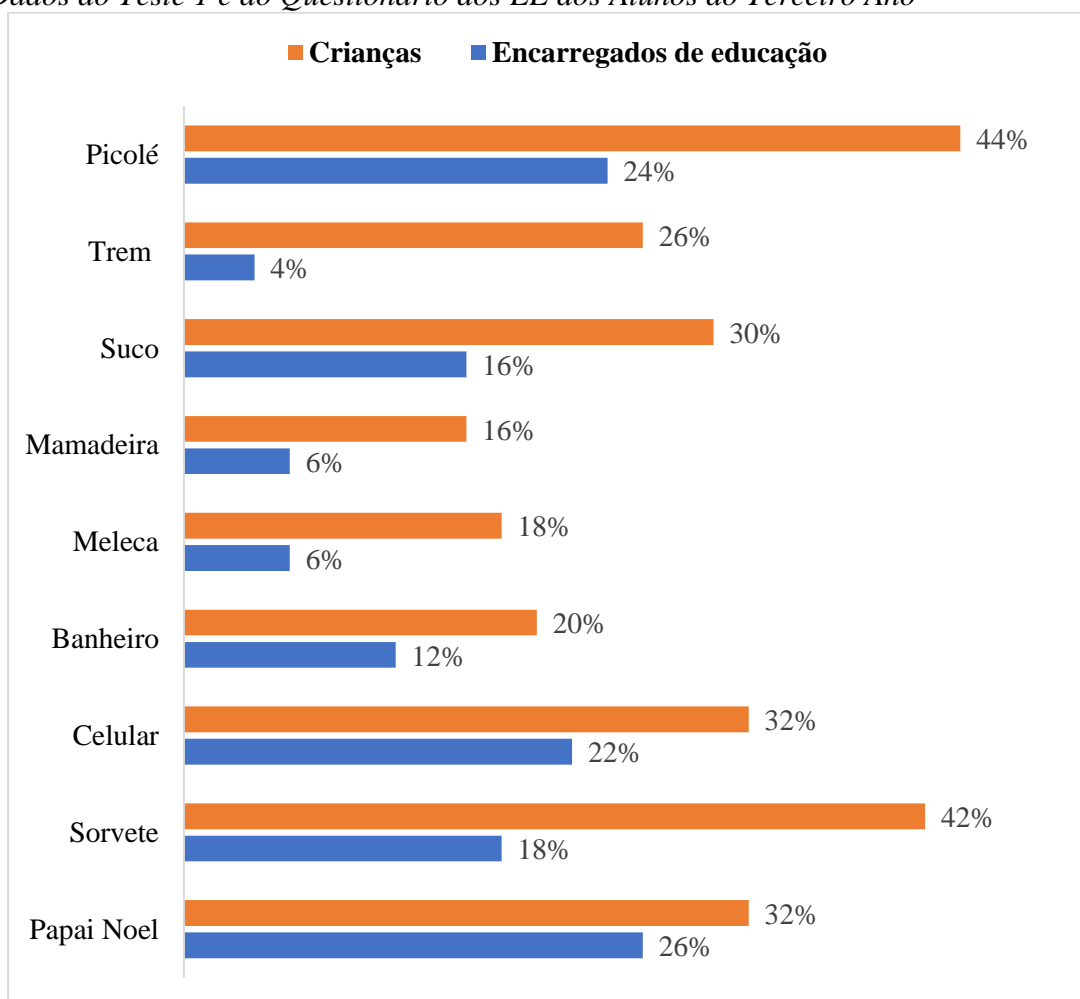
Dados do Teste 1 e do Questionário dos EE dos Alunos da Pré-escolar



Quando se estabelece a mesma relação para o terceiro ano e os seus EE, observa-se a mesma tendência, mas de maneira divergente. Neste caso, as produções dos educandos são superiores às percepções dos EE, em todas as opções de palavras em PB. Ao observar o Gráfico 20, a palavra “picolé”, por exemplo, obteve 44% das produções das crianças e 24% das percepções dos pais, assim como “trem”, 26% por parte dos alunos e 4% no âmbito das crenças pelos EE expressas no questionário. Todas as outras palavras seguem esta mesma tendência: as crenças dos parentes não correspondem às atitudes das suas crianças.

## Gráfico 20

Dados do Teste 1 e do Questionário dos EE dos Alunos do Terceiro Ano

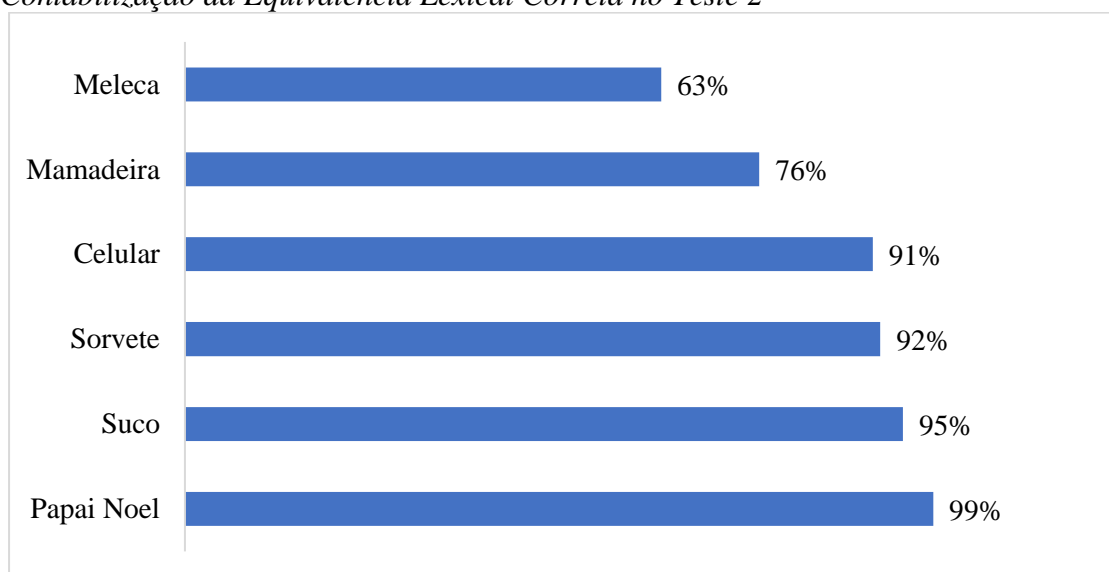


### 3.2.2 Teste N°2 - Equivalência Lexical

No Teste 2, são mantidas algumas palavras do teste anterior e adicionadas duas palavras extra: “zueira”, apenas para as crianças do pré-escolar e “galera” apenas para a amostra de alunos de terceiro ano. O Gráfico 21 não contabiliza as novas palavras pois diz respeito apenas aos dados das produções dos dois anos em conjunto. É possível notar que neste teste, de equivalência lexical, ao contrário do Teste N°1, de associação de imagens a palavras do PB, as produções foram mais do que o dobro. Nota-se que, mesmo quando os alunos não associam algumas imagens a palavras do PB, reconhecem o significado da maioria dessas mesmas palavras e conseguem encontrar uma palavra correspondente na sua língua materna (PE).

### Gráfico 21

Contabilização da Equivalência Lexical Correta no Teste 2

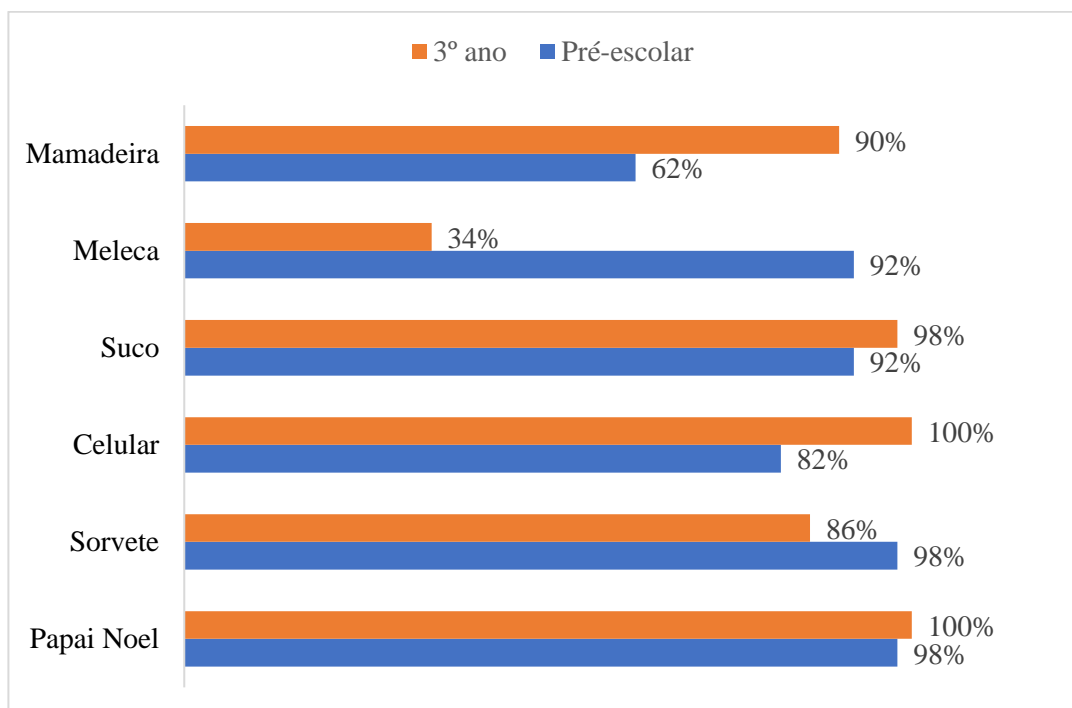


- **Variáveis Idade e Escolaridade das Crianças Pré-escolar e 3º ano**

Tal como no primeiro teste, no Teste N°2, de equivalência lexical, o terceiro ano obteve, na maior parte das opções, um maior número de equivalências corretas do PB para o PE (Gráfico 22), à exceção das palavras “meleca” e “sorvete” em que as crianças do pré-escolar obtiveram melhores resultados, 92% e 98%, respetivamente, contra 34% e 86% e “sorvete”, conseguidos pelos alunos do terceiro ano.

## Gráfico 22

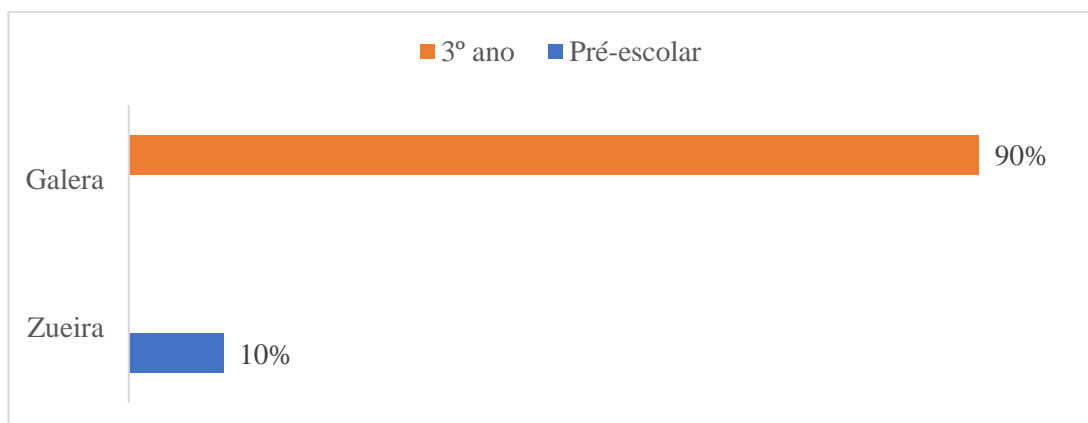
Teste 2- Resultados da Pré-escolar e do Terceiro Ano



Ao separar 50 alunos da pré-escolar de 50 alunos do terceiro ano, é possível notar no Gráfico 23, que os alunos do terceiro ano foram capazes de encontrar uma palavra correspondente para “galera” em PE, contanto com 90% de equivalências corretas. Já os alunos da pré-escolar, mesmo sendo para uma palavra diferente, sentiram alguma dificuldade, o que se notou nos resultados, unicamente 10% dos 50 alunos conseguiram fazer a associação correta. Com este segundo teste, é de notar que as crianças do terceiro ano se destacam pelo seu uso e conhecimento do PB, sendo as variáveis idade e escolaridade de grande importância, indicando que à medida que as crianças crescem têm mais consciência linguística.

### Gráfico 23

Teste 2- Resultados da Pré-escolar e do Terceiro Ano às Palavras Galera e Zueira

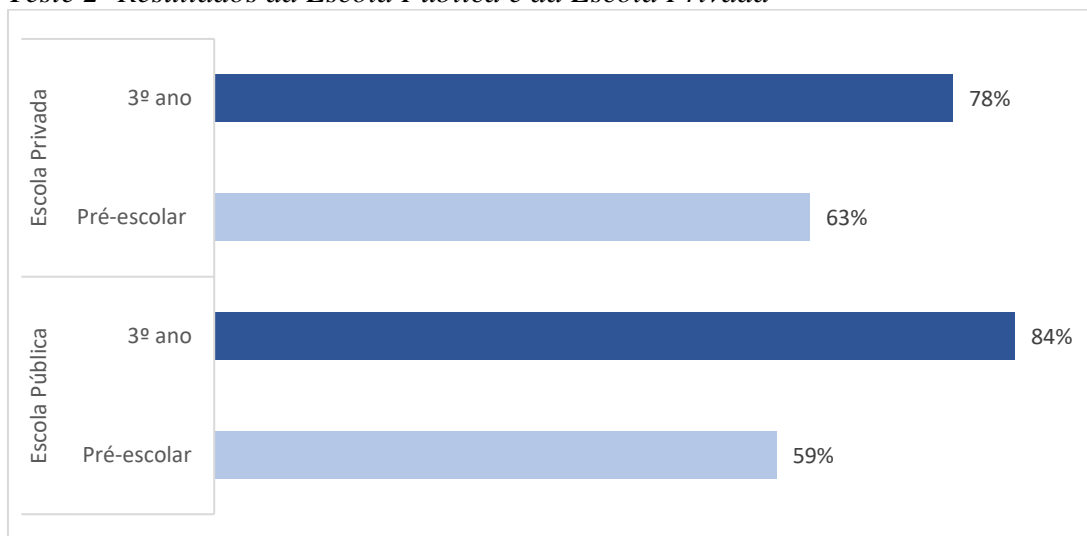


- **Variável Tipo de Escola: Escola Pública e Privada**

Contrariamente ao primeiro teste, neste segundo teste, o terceiro ano da escola pública consegue uma maior percentagem de equivalências corretas (84%). Deste modo, segundo o Gráfico 24, é possível verificar que enquanto a escola privada tem uma maior percentagem no teste de associação de palavras do PB a imagens, a escola pública tem uma maior percentagem no teste de equivalência lexical. Como referido anteriormente, neste caso, os alunos da escola pública, mesmo não identificando palavras em PB, conseguem perceber o seu significado e estabelecem correspondências com o seu equivalente em português.

## Gráfico 24

Teste 2- Resultados da Escola Pública e da Escola Privada

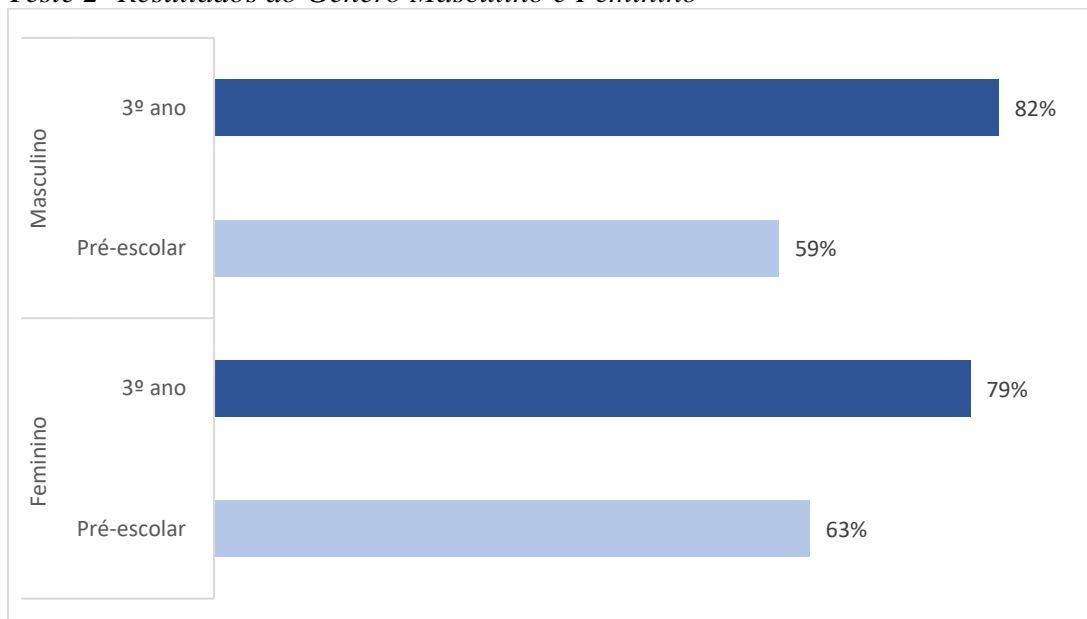


- **Variável Gênero: Masculino e Feminino**

Comparando os gêneros das crianças (cf. Gráfico 25), a tendência muda novamente quando se compara os resultados com os do primeiro teste. As crianças do sexo feminino da pré-escolar produzem uma porcentagem ligeiramente superior (63%), do que as do sexo masculino (59%) de resultados corretos. Contudo, as crianças do sexo masculino do terceiro ano (82%) mantem-se com um número de equivalências corretas superior às do sexo feminino do mesmo ano (79%).

## Gráfico 25

Teste 2- Resultados do Gênero Masculino e Feminino



- **Variável Escolaridade dos EE: Ensino Básico e Ensino Superior**

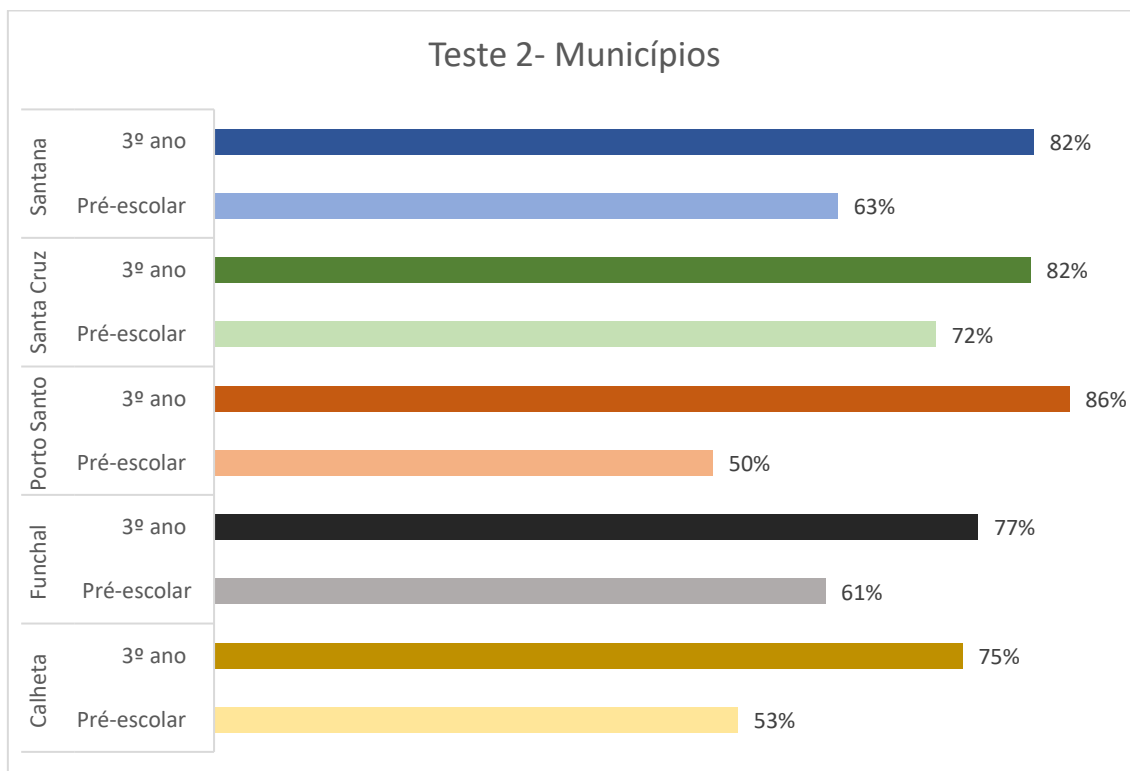
Quanto ao nível de escolaridade dos EE, a tendência é a mesma do primeiro teste. Os alunos que têm EE com ensino superior, tanto no terceiro ano como na pré-escolar, apresentam um maior número de correspondências corretas de palavras do PB à sua equivalência no PE, do que os alunos que têm EE como ensino básico.

- **Variável Localidade: Cinco Municípios da RAM**

Ao avaliar o gráfico 26, é de notar a diferença entre o teste anterior e este. Os municípios, como a Calheta, Santana e Funchal, que no Teste N°1 apresentavam percentagens que contrastavam com os dos restantes municípios. No Teste N°2, observa-se ou uma equivalência ou mesmo valores superiores entre estes dois grupos de localidades. Como é o caso de Santana, com 82% do terceiro ano e 63% da pré-escolar, que ultrapassa os valores do Funchal, com 77% do terceiro ano e 61% da pré-escolar. Os municípios com os valores superiores são os de Santa Cruz (82% e 72%), Santana e Funchal. O município com percentagens menos elevadas continua a ser o da Calheta, com 75% do terceiro ano e 53% da pré-escolar.

### **Gráfico 26**

*Teste 2- Resultados dos Municípios*



Seguindo a mesma linha que o Teste número 1, o Teste número 2 obteve resultados semelhantes. As crianças do terceiro ano, tal como os alunos com EE com ensino superior, foram capazes de realizar uma melhor associação de palavras em PB com o seu equivalente em PE. Ao contrário do primeiro teste, no segundo, a escola pública conseguiu obter uma percentagem de equivalências melhor que a privada, assim como o género feminino, da pré-escolar, que obteve valores superiores ao género masculino do mesmo ano. Os valores das localidades, neste segundo teste, aumentam, pois, as crianças conseguiram fazer a equivalência lexical com uma maior facilidade.

### **3.3 Amostra de 18 Crianças cujos EE afirmam não visualizar conteúdos do *YouTube* em PB**

Ao analisar os dados do questionário e da entrevista, foi necessário separar as repostas dos 100 EE das crianças seleccionadas para a entrevista, para ser possível realizar uma relação entre a questão oito da parte B, “O seu educando assiste a vídeos do *YouTube* em PB?” e os dos dois testes da entrevista. Foram seleccionadas 18 crianças do conjunto das entrevistas, a partir do critério “não assistem a vídeos do *YouTube* em PB”, segundo informação transmitida pelos seus EE no preenchimento dos questionários no Teste Nº1, algumas utilizam palavras em PB, como na pré-escolar, 27%, e no terceiro ano, 29%. No Teste 2, 100% dos 18 alunos, tanto da pré-escolar, como do terceiro ano, reconhecem pelo menos 2/7 das palavras em PE equivalentes ao PB. É possível verificar que, mesmo que os EE afirmem que os seus educandos não assistem a vídeos do *YouTube* em PB, os mesmos são capazes de produzir e reconhecer palavras em PB. Mais uma vez, as percepções que os EE têm dos seus educandos não correspondem às suas produções.

## CONCLUSÃO

Esta investigação procura analisar a influência dos conteúdos digitais do PB, a nível da fala, em crianças madeirenses cuja língua materna é uma das variedades do PE. Procura-se, então, verificar se ao visualizar estes conteúdos em PB, as crianças utilizam palavras desta variedade do português ou não. Através do questionário e das entrevistas, são retirados os dados necessários para a análise deste fenómeno recente.

É possível confirmar o objetivo proposto no início desta investigação. É um facto que existe uma relação entre a exposição das crianças aos vídeos do *YouTube* brasileiros e a utilização de vocábulos do PB. Através do questionário e das entrevistas foi possível relacionar as possíveis razões por de trás do desempenho exibido pelos 100 alunos entrevistados. Os fatores extralinguísticos selecionados, a idade, a escolaridade, o género da criança, a localidade de residência e a classe social onde se integra, em função da escolaridade dos pais, são considerados de grande relevância, pois permitem interligar todos os dados e constituem uma forma de esclarecimento.

No termo deste estudo, é possível responder às questões de investigação inicialmente delineadas:

1. “Observar se, com uma maior escolarização, as crianças têm mais consciência da variação linguística e deste modo fazem menos recurso a léxico do PB;”

Ao contrário do suposto no início da investigação, as crianças do terceiro ano, utilizam léxico do PB, devido essencialmente ao facto de possuírem uma maior consciência linguística da variabilidade dos estilos de uso e um maior tempo de exposição a conteúdos em PB.

2. “Investigar se o recurso a palavras do PB é mais notório em crianças do género feminino do que no género masculino;”

Não, o uso do PB foi mais notório em crianças do sexo masculino, estando de acordo com a bibliografia, uma vez que os falantes do género masculino geralmente utilizam formas mais inovadoras do que os do género feminino, mesmo que estas sejam consideradas informais ou desadequadas.

3. “Averiguar se existe uma relação entre o grau de escolaridade dos pais e o uso de termos do PB pela criança;”

Sim, observa-se uma tendência para o estabelecimento desta relação, pois os educandos cujos EE possuem o ensino superior utilizam mais palavras do PB. Tendo em conta as respostas ao questionário, as crianças com pais com ensino superior possuem mais acesso autónomo ao telemóvel e à televisão e por esta razão não possuem tanto controlo por parte dos pais no conteúdo assistido. Como consequência, as crianças com pais que possuem o ensino superior utilizam também mais léxico do PB do que as crianças com EE com escolaridade básica.

4. “Apurar se a dicotomia rural e urbano, ou seja, se a localização da escola nos dois ambientes / contextos tem influência ou não no desempenho das crianças.”

Sim, os resultados diferem tendo em conta a localização da escola. Os municípios de Santa Cruz e do Porto Santo destacam-se como sendo localidades onde as crianças fazem mais recurso a palavras do PB. Ambas podem ser consideradas como tendo ambientes rurais, onde as atividades pós-escolares são menores e consequentemente as crianças possuem um *screen time* maior. Pelo contrário, as crianças do município do Funchal, considerado como uma localidade urbana, obtêm menores percentagens em ambos os testes.

5. “Confirmar se existem diferenças de natureza linguística entre os alunos das escolas públicas e das escolas privadas, relacionando com a classe social;”

Sim, os alunos da escola privada, ao contrário do esperado, utilizam mais léxico do PB, pelo facto de ambas as tipologias escolares já não estarem tão centralizadas nas suas ideologias, ou por nela se concentrarem crianças com estatuto social mais elevado (cf. questão 3).

6. “Avaliar se existe uma conexão entre o acesso autónomo e o tempo de exposição a dispositivos com acesso ao *YouTube* e o uso de expressões do PB;”

Os resultados mostram que há uma correlação entre o acesso autónomo e o uso de expressões do PB. O mesmo é observado em outros estudos, nos quais as crianças com mais autonomia e maior tempo de exposição tendem a proferir o discurso que mais ouvem durante o dia a dia.

7. “Examinar se a perceção dos pais é adequada sobre a prestação dos seus filhos.”

Ao analisar os dados do questionário e das entrevistas, é possível verificar que as crenças dos EE não estão em conformidade com as produções dos seus educandos.

Os pais da pré-escolar têm a percepção de que a produção de palavras em PB dos seus educandos é superior à realidade, enquanto os alunos do terceiro ano têm a produção superior à percepção dos seus EE.

De forma geral, o *screen time* das crianças analisadas neste estudo é alto, sendo o *YouTube* a plataforma mais utilizada através do tablet e telemóvel. O terceiro ano tem maior acesso autónomo ao tablet e por conseguinte uma maior visualização de conteúdos em PB, estando em concordância com os estudos referidos, que apontam que à medida que as crianças crescem, o seu tempo de exposição também aumenta. Atendendo às diferenças entre os tipos de escola, as crianças da escola privada possuem um maior *screen time*, do que os da escola pública. Segundo a percepção dos EE, as crianças da escola pública utilizam mais palavras em PB, do que a escola privada. Tendo em conta o nível de escolaridade dos EE, com ensino superior, estão maioritariamente localizados no Funchal, com ensino secundário, estão em maior número no Porto Santo e com o ensino básico em Santa Cruz. Ao analisar a variável localidade, observa-se que o município de Santa Cruz possui os valores mais altos de *screen time*, assim como o maior interesse em vídeos do *YouTube* em PB.

Ao realizar as entrevistas, foi possível concluir que o terceiro ano utilizou mais palavras do PB do que as crianças do pré-escolar. Relacionando este facto com a bibliografia, tudo indica que as crianças deste ano possuem mais consciência linguística e por esse motivo têm um vocabulário mais alargado, diversificado e utilizado diferentemente de acordo com a formalidade das situações de comunicação (mais formais, na escola, menos formais, na família ou com pares, a brincar, por exemplo). É também este grupo que passa mais tempo a visualizar conteúdos antes mencionados. Como anteriormente referido, as crianças têm a tendência de reproduzir aquilo que mais ouvem. A escola privada superou os valores da escola pública. Quanto ao género, as crianças do género masculino superaram a utilização de palavras do PB (Teste 1), tal como as que têm EE com ensino superior e as que residem nos municípios de Santa Cruz e Porto Santo.

É possível verificar que, mesmo que os EE afirmem que os seus educandos não assistem a vídeos do *YouTube* em PB, os mesmos são capazes de produzir e reconhecer palavras em PB. Tendo em conta, a relação entre as percepções dos EE e as produções dos seus educandos, é visível que as percepções e crenças não correspondem à realidade.

Verificando os dados do segundo teste, em que as crianças devem estabelecer equivalências lexicais entre o PB e o PE, é de notar que todas os valores de cada palavra

umentam. Assim sendo, é de notar que a maioria das crianças reconhece o significado das palavras em PB e é capaz de as associar ao seu equivalente em PE.

Após o término da presente investigação, são colocadas hipóteses e melhorias para investigações futuras, tais como as que se encontram listadas a seguir:

- Utilização de uma amostra mais alargada, incluindo todos os municípios da RAM;
- Realização das entrevistas em grupos mais pequenos, de modo a não haver tendência a uma cópia de respostas;
- Uma distribuição de número de alunos mais igualitária por escola e localidade, selecionando escolas com maior número de alunos;
- Observar e analisar como é que brincam as crianças com cinco e oito anos;
- Aprofundar o conhecimento do agregado familiar, como idades dos irmãos, interações com os pais e irmãos;
- Analisar a classe social, através do tipo de trabalho e rendimento anual do agregado familiar e práticas sociais como viajar, acesso e posse de bens culturais, etc.
- Observar a vida social das crianças, a forma como estudam e participam em atividades extracurriculares, como clubes, desportos, música, aulas extracurriculares;
- Analisar a escrita das crianças;
- Medir a interação entre os pais e o seu envolvimento no desenvolvimento escolar dos seus filhos.

Este estudo tornou-se numa investigação com interesse, pois é um fenómeno recente e que não foi até ao momento objeto de estudo aprofundado. A utilização dos media pelas crianças e as suas consequências já são objeto de estudo, por se tratar de uma realidade nos dias de hoje. No entanto, este fenómeno recente na sociedade portuguesa, a visualização de vídeos do *YouTube* em PB pelas crianças e o uso de expressões lexicais brasileiras por crianças portuguesas não foi estudado no âmbito da sociolinguística. Esta dissertação pretende preencher esta lacuna e contribuir para um melhor conhecimento deste fenómeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alroqi, H. S. (2018). *The Relationship between Screen Media Exposure and Early CLanguage Development*. Tese de Doutorado. University of Manchester, Reino Unido.
- Andrada, M. da G. (1989). *Risco Perinatal e Desenvolvimento da Linguagem na Criança*. Dissertação de Doutorado. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Araújo Freitas, L. M., Freitas, P. M. de e Rocha, C. M. (2021). Aquisição da linguagem: evidências de diferenças desenvolvimentais entre crianças de 4 a 8 anos. *Revista Integrativa Em Inovações Tecnológicas Nas Ciências Da Saúde*, 1(01-02). <https://doi.org/10.46635/revise.v1i01-02.1634>
- Araujo, C. e Reszka M. F. (2016). O Brincar, as Mídias e as Tecnologias Digitais na Educação Infantil. *Universo Acadêmico, Taquara*, 9 (1), 175-191.
- Barbu, S., Nardy, N., Chevrot, J-P. e Juhel, J. (2013). Language evaluation and use during early childhood: Adhesion to social norms or integration of environmental regularities?. *Linguistics*, 51 (2), 381 - 411. 10.1515/ling-2013-0015. hal-00717998v4.
- Barbu, S., Nardy, A., Chevrot, J. P., Guellaï, B., Glas, L., Juhel, J., & Lemasson, A. (2015). Sex differences in language across early childhood: Family socioeconomic status does not impact boys and girls equally. *Frontiers in Psychology*, 6, 1874.
- Barcelos A. M. F. (2007). Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 109-138.
- Bazenga, A. e Andrade, C. (2016). Sintaxe. In *Aprender Madeira*. Disponível em: [https://www.academia.edu/32482988/sintaxe\\_Ilha\\_da\\_Madeira\\_Portugal\\_](https://www.academia.edu/32482988/sintaxe_Ilha_da_Madeira_Portugal_)
- Bazenga, A. (2014). Corpus of Madeira Island, a Spoken Variety of European Portuguese», comunicação apresentada no CILC06 (6th International Conference on Corpus Linguistic), Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, 22-24 de Maio de 2014, disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/273203396\\_Corpus\\_of\\_Madeira\\_islan](https://www.researchgate.net/publication/273203396_Corpus_of_Madeira_islan)

d\_A\_Spken\_Variety\_of\_European\_Portuguese\_Linguistic\_Universidad\_de\_Las\_Palmas\_de\_Gran\_Canaria\_Spain\_May\_2014.

- Bazenga, A. (2018). Aspectos interdisciplinares e linguísticos na construção da identidade madeirense. *Pensardiverso: revista de estudos lusófonos*, 6, 90-94.
- Botassini, J. O. M. (2015), A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística, *Signum: Estudos da Linguagem* 18(1), 102-131. DOI: 10.5433/2237-4876.2015v18n1p102
- Cachapuz, R. F., & Halpern, R. (2006). A influência das variáveis ambientais no desenvolvimento da linguagem em uma amostra de crianças. *Rev. AMRIGS*, 50 (4), 292-301.
- Calvert, S. D. & Wilson B. J. (eds) (2008). *The Handbook of Children, Media, and Development*. Blackwell Publishing Ltd.
- Carvalho, M. da C. (2016). *A importância do brincar na construção de conhecimentos de crianças na pré-escola*. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa, Porto.  
[https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6928/1/DM\\_Marianne%20de%20Carvalho.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6928/1/DM_Marianne%20de%20Carvalho.pdf)
- Casey, T. (2010). *Inclusive Play: Practical Strategies For Children From Birth To Eight* (Second ed.). *SAGE Publications Ltd*.
- Chambers, J. (2003). *Sociolinguistics*. 2a. ed. *Oxford: Blackwell*.
- Chambers, J.K. & Schilling, N. (eds)., (2013). *The Handbook of Language Variation and Change*. (2ª ed.). John Wiley & Sons, Inc.
- Christakis, D. A., Zimmerman, F. J., DiGiuseppe, D. L. & McCarty, C. A. (2004). Early television exposure and subsequent attentional problems in children. *Pediatrics*. 113(4):708-13. doi: 10.1542/peds.113.4.708. PMID: 15060216.
- Cintra, L. F. L (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, XXII, 81-116. Republicado em Cintra, Luís Filipe Lindley (1983) *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 117-164. [www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/novaproposta.pdf](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/novaproposta.pdf)

- Cintra, L. F. L. & Rei, F. (1992). Mapa dos Dialectos Portugueses e Galegos. In *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses/IN-CM/União Latina.
- Clark, E.V. (1993). *The lexicon in acquisition communicative competence*. Oxford: Blackwell. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, D. e Gontijo, C. (2011). A Linguagem Oral como Elemento Integrante da Brincadeira. *Cadernos de Pesquisa*. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000100014>
- Cruz, C., Franco, C., Anunciação, F. & Cunha, M.J. (2020). A domesticação de ecrãs na infância: usos e mediação parental em meios citadino e rural. *Comunicação e sociedade*, 37, 71-92. URL: <http://journals.openedition.org/cs/2366>
- Cunha, N. (2007). *Brinquedoteca: Um mergulho no brincar*. São Paulo: Editora Aquariana.
- Dias, P. & Brito, R. (2018). *Happy kids. Aplicações seguras e benéficas para crianças felizes. Perspetiva dos pais*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Dronkers, J. & Robert, P. (2007). Differences in Scholastic Achievement of Public, Private Government-Dependent, and Private Independent Schools. *Educational Policy*, 22(4), 541–577. <https://doi.org/10.1177/0895904807307065>
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Evans, B. G. & Tomé Lourido, G. (2019). Effects of Language Background on the Development of Sociolinguistic Awareness: The Perception of Accent Variation in Monolingual and Multilingual 5- to 7-Year-Old Children. *Phonetica*, 76 (2-3), 142-162.
- Ferronha, A. L. A. et al. (org.) (1992). *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses, União Latina.
- Freitag, R. M. K. (2011). O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais *Revista Diadorim*, 8, 43-58. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2011.v8n1a7958>

- Freitag, R. M. Ko (2000). Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, 6 (11), 105–121. <https://doi.org/10.5935/rl&l.v6i11.875>.
- Foulkes, P., Docherty, G. J., & Watt, D. (2005). Phonological variation in child-directed speech. *Language*, 81(1), 177-206.
- Galego-Portugueses. In J. E. Franco (coord.). *Cultura Madeirense*. Temas e Problemas.
- Gorski Severo, C. (2006). O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. *Revista de Letras*, 8. <https://doi.org/10.3895/rl.v0n8.2229>.
- Green, L., Holloway, D., Stevenson, K., Leaver, T. & Haddon, L. (eds) (2021). *The Routledge Companion to Digital Media and Children*. Routledge Taylor & Francis Group.
- Haddar, S. G. M. (2008). *Percepções, estereótipos e atitudes linguísticas albicastrenses: um estudo de dialectologia perceptual*. Dissertação de mestrado em Linguística e Ensino (Linguística Aplicada). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Hart, B. & Risley, T. (1995). *Meaningful differences: in the everyday experience of Young American children*. Baltimore: Paulh Brookes.
- Hoff, E. (2003). The specificity of environmental influence: socioeconomic status affects early vocabulary development via maternal speech. *Child Development* 74(5). 1368–1378.
- Kerswill, P. (1996). Children, adolescents, and language change. *Language Variation and Change* 8 (2). 177–202.
- Köksalan, B., Aldım, U. F., & Göğebakan, Ş. (2022). Media consuming in children: child development, babyhood (0-2), early childhood, interests. In *Research Anthology on Pediatric and Adolescent Medicine* (pp. 533-551). IGI Global.
- Labov, W. (1964). Stages in the acquisition of Standard English. In R. Shuy (ed), *Social Dialects and Language Learning* (pp. 77-104). Champaign, III: National Council of Teachers of English.
- Labov, W. (1972). *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press: Philadelphia.

- Labov, W. (1974). Estágios na aquisição do Inglês Standard. In Fonseca, M. Neves, M. (orgs.), *Sociolinguística* (pp. 49-85). Rio de Janeiro: Eldorado.
- Labov, W. (1981). What can be learned about change in progress from synchrony descriptions. In Sankoff, D., Cedergren, H. (ed.), *Variation Omnibus. Carbondale* (pp.177-199). Edmonton: Linguistic Research.
- Labov, W. (1982). Building on Empirical Foundations. In Winfred, L. Malkiel, Y. (ed.), *Perspectives on Historical Linguistics* (pp. 17-92). Amsterdam: John Benjamins.
- Labov, W. (1994). *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell.
- Labov, W. (2007). Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, 5 (9), disponível em [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br), [Consultado a: 25/02/2022].
- Lemay, M. (2006). *Que tem a família para oferecer à criança?* Lisboa: Climepsi Editores.
- Liebeskind, Kara, 2013, *The home literacy environment: Exploring how media and parent-child interactions are associated with children's language production*, *Journal of Early Childhood Literacy*, 1.
- Lieven, E. (2008). Building Language Competence in First Language Acquisition. *European Review*, 16(4), 445–456.
- Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Comissão para a Comemoração.
- Manzano, M.G. (1988). *A criança e a leitura*. Coleção Crescer. Porto: Porto Editora. O Papel das Interações dos pais.
- Mateus, M. H. & Cerdeira, E. (2007). *Norma e Variação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mattos e Silva, R. V. (2013). O Português do Brasil, In Raposo, E. et al. (orgs.) *Gramática do Português*, Vol. 1 (pp. 145-156). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nardy, A., Chevrot, J.-P. e Barbu, S. (2013). The acquisition of sociolinguistic variation: looking back and thinking ahead. *Linguistics*, 51(2), 255-284
- Ofcom (2011). *UK children's media literacy*. Research document. London: Ofcom.
- Papalia, D., Feldman, R. & Olds S., (2001). *O Mundo da Criança*. São Paulo: Editora Mcgraw-Hill.

- Peixoto, V. (2007). *Perturbações da Comunicação – a importância da detecção precoce*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Pereira, I. S. (2017). *O Brincar e o Desenvolvimento Linguístico de Crianças na Educação Infantil. Trabalho de Conclusão de Curso* (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, Brasil. <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15143>
- Ponte, C. & Vieira, N. (2008). Crianças e internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In M. L. Martins & M. Pinto (Eds.), *Comunicação e Cidadania*. Actas do 5o Congresso da SOPCOM (pp. 2732-2741). Braga: CECS.
- Ponte, C., Simões, J., Batista, S. Castro, T. & Jorge, A. (2017). *Crescendo entre ecrãs. Usos dos média por crianças de 3 a 8 anos – relatório final*. Lisboa: ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Porto Editora – bala no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-04-30 14:17:34]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/balazimmmme>
- Rebelo, H. & Nunes, N. (2016). Regionalismos madeirenses. In *Aprender Madeira*. [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33173/1/2015\\_Regionalismos\\_Madeirenses\\_Helena%20Rebelo%20e%20Naidea%20Nunes.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33173/1/2015_Regionalismos_Madeirenses_Helena%20Rebelo%20e%20Naidea%20Nunes.pdf)
- Rideout, V. (2017). *The Common Sense Census: Media Use by Kids Age Zero to Eight*. San Francisco, CA: Common Sense Media.
- Rigolet, S. (2000). *Os Três P – Precoce, Progressivo, Positivo – Comunicação e Linguagem para uma pela Expressa*. Porto: Porto Editora.
- Rombert, J. (2013). *O gato comeu-te a língua?*, Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Sancllemente, M. Rondal, J-A., Wiig, E., Busquets, A. & Giné, C. (2000). *Evaluación del lenguaje*. Barcelona: Elsevier Masson.
- Sanders, M. R. & Morawska, A. (2019). *Handbook of Parenting and Child Development Across the Lifespan*. Springer.
- Santos, C. R. M. (2014). Diferenças léxico-semânticas do Português do Brasil e de Portugal. *Revista Philologus Virtual*, 7.

- Saxton, M. (2017). *Child Language: Acquisition and Development* (2nd ed.). SAGE Publications Ltd.
- Segura, L. (2013). Geografia da Língua Portuguesa, In Raposo, E. et al. (orgs.) *Gramática do Português*, Vol. 1 (pp.71-81). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Segura, L. (2013). Variedades dialetais do português In Raposo. E. et al. (orgs.) *Gramática do Português*, Vol. 1 (pp.85-142). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Segura, L. e Saramago, J. (2001). Variedades dialectais portuguesas. In Mateus, M. H. M. (org.) (2001), *Catálogo da Exposição Caminhos do Português* (pp. 221-237). Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vigotski, L. S. (2001). *A Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vinha, S. A. R. A. (2012). *Entre o Público e o Privado: a escolha da escola pelos pais*. Dissertação de mestrado em Ciências de Educação – Especialização em Administração Escolar. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Weigel, D., Martin, S. & Bennett, K. (2006). Mothers' literacy beliefs: connections with the home literacy environment and pre-school children's literacy development. *Journal of Early Childhood Literacy*, 6, 191-211.
- Zimmerman, F. J., Christakis, D. & Meltzoff, A. N. (2007). Associations between content types of early media exposure and subsequent attentional problems. *Pediatrics* 120, 986–992. doi: 10.1542/peds.2006-3322.

## **Anexos**



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA  
GOVERNO REGIONAL  
SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

Direção Regional de Educação GGAR		
SAÍDA	PROCESSO(s)	DATA
Cf: 1 798	5.13.0.0	30/09/2021

Exma. Senhora  
Dr<sup>a</sup> Joana Ferreira

joanarrfer@live.com.pt

ASSUNTO: **Autorização para realização de estudo em escolas da RAM**

Na sequência da V. solicitação relacionada com o assunto em título, informa-se Vossa Excelência de que, por despacho do Diretor Regional, de 27-09-2021, foi autorizada a recolha de dados nas escolas solicitadas por estarem reunidas as condições ético-legais e metodológicas exigíveis à aplicação de estudos em meio escolar da RAM, de acordo com o parecer que abaixo se transcreve:

“Por requerimento, com entrada na Direção Regional de Educação (DRE), n.º 4880, de 30/07/2021, subscrito por Joana Ferreira, é solicitada autorização para a recolha de dados na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar , na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar e Creche na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar e na Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar e creche através da aplicação de questionários aos encarregados de educação das crianças do pré-escolar e dos alunos do 3.º ano de escolaridade e de entrevistas a algumas dessas/es crianças/alunos, no âmbito de um estudo de mestrado intitulado “Aspetos sociolinguísticos da exposição a conteúdos digitais brasileiros em crianças dos 5 e 7 anos: estudo de uma amostra de 100 crianças de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira”, cinco escolas públicas e cinco escolas privadas.

Este estudo de mestrado, em Linguística: Sociedades e Culturas, da Universidade da Madeira, é orientado pela Professora Doutora Aline Maria Pinguinha França Bazenga que assina a declaração em anexo.

O estudo tem como objetivos: observar se existe ou não uma correlação entre a exposição das crianças aos vídeos do *Youtube* brasileiros e a utilização de vocábulos do português do Brasil e interpretar os resultados de acordo com os fatores da ordem sociolinguística.

Na resposta indicar a «Nossa Referência». Em cada ofício tratar só de um assunto





REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA  
GOVERNO REGIONAL  
SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

Metodologicamente, o estudo será realizado com recurso à aplicação de um inquérito por questionário aos encarregados de educação constituído por duas partes: a primeira analisa o perfil sociolinguístico e a segunda contempla questões relacionadas com as variáveis em estudo. Serão, também, realizadas entrevistas a cinco alunos do pré-escolar e cinco do 3.º ano, de cada uma das escolas participantes, onde serão aplicados dois testes: um teste de associação de algumas imagens a palavras do Português do Brasil e um segundo teste de equivalência lexical de palavras do Português do Brasil ao Português Europeu (instrumentos de inquirição em anexo ao requerimento).

A participação na referida investigação, faz-se mediante o consentimento informado (em anexo ao requerimento) dos encarregados de educação, enquanto participantes da investigação e enquanto representantes legais dos seus educandos participantes da investigação, ficando assegurados o anonimato e a confidencialidade dos dados fornecidos, nos termos e para os efeitos do disposto no Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho de 27 de abril, executado, na ordem jurídica nacional, pela Lei n.º 58/2019, de 8 de agosto.

Em conformidade com o que se acaba de expor, e ao abrigo do Decreto Regulamentar Regional n.º 20/2020/M, de 6 de março, diploma que aprova a orgânica da DRE e no qual se estabelecem as competências do Diretor Regional, pode o estudo ser autorizado, uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos legais e procedimentais necessários à aplicação de instrumentos de inquirição em meio escolar, devendo, no entanto, atender-se às observações seguintes:

a) A realização do estudo em meio escolar fica sujeita à autorização das direções das seguintes escolas: Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar , Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar , Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar e Creche do , Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar e Escola Básica do 1.º Ciclo com Pré-escolar e creche a contactar para o efeito. Autorizada a realização do estudo pelas direções das escolas, fica ao critério dos encarregados de educação, enquanto participantes da investigação e enquanto representantes legais dos seus educandos, e das crianças/alunos aceitar ou não participar na investigação;

b) O modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados deverá fazer-se em estreita articulação com os inquiridos e com as direções das escolas a quem compete a gestão dos recursos humanos e a salvaguarda do direito da confidencialidade dos dados pessoais dos alunos, nos termos do n.º 1 do Artigo 7.º do





**REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA**  
GOVERNO REGIONAL  
SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
**DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO**

Decreto Legislativo Regional n.º 21/2013/M, de 28 de junho, que estabelece o Estatuto do Aluno e Ética Escolar da RAM;

c) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos implicados, confidencialidade, proteção e segurança dos dados. Considerados os documentos que foram anexados, e para efeitos de proteção dos dados pessoais a recolher junto dos inquiridos, em cumprimento da legislação em vigor (Lei n.º 58/2019, de 8 de agosto, que assegura a execução, na ordem jurídica portuguesa, do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção de pessoas singulares no que diz respeito à proteção de dados pessoais e à sua livre circulação), resultam obrigações que a responsável se propõe cumprir. Destas, deve dar conhecimento a todos os inquiridos e a quem intervenha na recolha e tratamento de dados pessoais. É obrigatório recolher as declarações de consentimento informado e esclarecido a utilizar junto dos inquiridos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes das declarações de consentimento informado;

d) A autorização expressa deve vincular-se em exclusivo à aplicação dos instrumentos de inquirição e não a quaisquer outros atos ou medidas da inteira responsabilidade da requerente ou de terceiros.

e) Reunidas todas as condições expressas nas alíneas anteriores, a realização do estudo em meio escolar fica sujeita à evolução do atual estado pandémico e consequentes restrições impostas, quer pelas autoridades regionais, quer pela Direção da escola.”

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor de Serviços de Investigação,  
Formação e Inovação Educacional

  
(Bernardo Lage Valério)

BV/PF

Imp.03.06



|| Rua D. João, n.º 57, Quinta Olinda • 9054-510 Funchal

|| Tel.: (+351) 291 705 860

|| [www.madeira-edu.pt/dre](http://www.madeira-edu.pt/dre) • [dre@edu.madeira.gov.pt](mailto:dre@edu.madeira.gov.pt)

|| NIPC: 671 000 497

3

**I- Declaração de Consentimento Informado dos Encarregados de Educação enquanto Participantes na Investigação**

A recolha e tratamento de dados pessoais, no âmbito do estudo em causa, está de acordo com a legislação em vigor, nomeadamente, a Lei n.º 58/2019 de 8 de agosto, que assegura a execução, na ordem jurídica nacional do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito à livre circulação desses dados.

No âmbito de um Projeto de Dissertação, pretende-se desenvolver o tema: *Aspetos sociolinguísticos da exposição a conteúdos digitais brasileiros em crianças dos 5 e 8 anos: estudo de uma amostra de 100 crianças de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira*. Este estudo é realizado no seguimento do mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, na Universidade da Madeira, sendo a estudante responsável Joana Raquel Rodrigues Ferreira (joanarrfer@live.com.pt). A referida estudante encontra-se sob orientação da Profª Doutora Aline Maria Pinguinha França Bazenga, docente da Universidade da Madeira.

Os dados pessoais, após o tratamento, destinam-se a auxiliar o estudo em causa de uma forma a ter evidências documentadas do fenómeno a estudar. Estes apenas serão conservados até ao ano de 2022, mais especificamente até à apresentação do estudo em epígrafe.

Durante o estudo, serão recolhidos dados através de um questionário. Está assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos e todos os procedimentos éticos serão respeitados. A sua participação é inteiramente voluntária, podendo mesmo recusar-se a colaborar, retificar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem que tal implique algum tipo de consequência.

**Assinatura:**

---

(Joana Ferreira- responsável pela realização do estudo)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela responsável do estudo. Foi garantida a possibilidade de, em qualquer altura, retirar o consentimento de participar neste estudo, sem comprometer a licitude do tratamento efetuado com base no consentimento previamente dado. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados, que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Tem o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo (Comissão Nacional de Proteção de Dados: <http://www.cnpd.pt>).

Nome (educando): \_\_\_\_\_

Nome (encarregado de educação): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Este documento é composto por 1 página e feito em duplicado: uma via para a investigadora e outra para o sujeito que consente.

**II- Declaração de Consentimento Informado dos Encarregados de Educação enquanto Representantes Legais dos Educandos que serão entrevistados**

A recolha e tratamento de dados pessoais, no âmbito do estudo em causa, está de acordo com a legislação em vigor, nomeadamente, a Lei n.º 58/2019 de 8 de agosto, que assegura a execução, na ordem jurídica nacional do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito à livre circulação desses dados.

No âmbito de um Projeto de Dissertação, pretende-se desenvolver o tema: *Aspetos sociolinguísticos da exposição a conteúdos digitais brasileiros em crianças dos 5 e 8 anos: estudo de uma amostra de 100 crianças de 10 escolas da Região Autónoma da Madeira*. Este estudo é realizado no seguimento do mestrado de Linguística: Sociedades e Culturas, na Universidade da Madeira, sendo a estudante responsável Joana Raquel Rodrigues Ferreira (joanarfer@live.com.pt). A referida estudante encontra-se sob orientação da Profª Doutora Aline Maria Pinguinha França Bazenga, docente da Universidade da Madeira.

Os dados pessoais, após o tratamento, destinam-se a auxiliar o estudo em causa de uma forma a ter evidências documentadas do fenómeno a estudar. Estes apenas serão conservados até ao ano de 2022, mais especificamente até à apresentação do estudo em epígrafe.

Durante o estudo serão recolhidos dados através de uma entrevista, realizada ao seu educando, gravada unicamente por meio de áudio. Está assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos e todos os procedimentos éticos serão respeitados. A participação do seu educando é inteiramente voluntária, podendo mesmo recusar-se a colaborar, a retirar ou a retificar o consentimento a qualquer momento, sem que tal implique algum tipo de consequência.

Assinatura:

---

(Joana Ferreira- responsável pela realização do estudo)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela responsável pelo estudo. Foi garantida a possibilidade de, em qualquer altura, retirar o consentimento da participação do meu educando neste estudo, sem comprometer a licitude do tratamento efetuado com base no consentimento previamente dado. Desta forma, aceito a participação do meu educando neste estudo e permito a utilização dos dados recolhidos através da entrevista, que de forma voluntária, autorizo o meu educando a fornecer, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Tem o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo (Comissão Nacional de Proteção de Dados: <http://www.cnpd.pt>).

Nome (educando): \_\_\_\_\_

Nome (encarregado de educação): \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Este documento é composto por 1 página e feito em duplicado: uma via para a investigadora e outra para o sujeito que consente.

## Anexo IV – Questionário realizado aos EE, na plataforma *Qualtrics*

### Perfil sociolinguístico

1. Escola do educando

2. Ano do educando

Pré-escolar

3º ano

3. Nome do educando

4. Localidade do educando

5. Encarregado de educação do educando

Pai

Mãe

Outro (avó/a/bô/tio/tia)

6. Idade do encarregado de educação

- Menos de 18 anos
- 18 a 24 anos
- 25 a 34 anos
- 35 a 44 anos
- 45 a 54 anos
- Mais de 54

7. Grau de escolaridade do encarregado de educação

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Pós-Graduação
- Mestrado
- Doutoramento

8. O educando tem irmãos?

- Sim
- Não

9. Se respondeu sim à pergunta anterior por favor indique quantos

- 1
- 2
- 3
- Mais do que 3

**Estudo da variável Sociolinguística**

1. Tem acesso à internet na sua habitação?

- Sim
  - Não
-

2. Possui acesso a algum destes dispositivos eletrônicos?

Televisão  
Computador  
Tablet  
Telemóvel

3. Algum destes dispositivos é apenas utilizado pela criança? Se sim, quais?

Televisão  
Computador  
Tablet  
Telemóvel

4. Quanto tempo o/a seu/sua filho/a despende por dia na utilização destes dispositivos?

Inferior a 1 hora  
1 a 2 horas  
2 a 3 horas  
3 horas ou mais  
Só ao fim de semana

5. Geralmente o que vê o/a seu/sua filho/a?

YouTube  
Séries  
Filmes  
Jogos

6. A criança tem interesse por algum destes conteúdos em Português do Brasil?

YouTube  
Séries  
Filmes  
Jogos

7. Classifique as seguintes afirmações de 1 a 5.

	1= Discordo totalmente	2 =Não concordo	3= Não sei	4=Concordo	5= Concordo totalmente
Penso que a Internet é educativa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os vídeos do YouTube em Português do Brasil são mais dinâmicos e acessíveis.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Penso que o/a meu/minha filho/a aprende muito vendo YouTube.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O meu educando aprende mais vocabulário com os vídeos do YouTube em Português do Brasil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

8. O seu educando assiste a vídeos do YouTube em Português do Brasil?

- Sim
- Não

9. Quais são os canais de YouTube brasileiros a que o/a seu/sua filho/a assiste?

- Luccas Neto
- Felipe Neto
- Gato Galáctico
- Whindersson Nunes
- Planeta das Gêmeas
- Luluca
- Gi
- Outros:

10. Se escolheu a opção "outros" indique quais os canais.

11. Já ouviu o seu educando dizer alguma das palavras do Português do Brasil abaixo indicadas?

- Papai Noel
- Sorvete
- Celular
- Banheiro
- Meleca
- Mamadeira
- Suco
- Trem
- Picolé
- Outras

12. Se escolheu esta opção "outras", por favor indique quais as palavras.

Anexo V – Imagens utilizadas na Entrevista realizada às crianças



Imagem 1 - "Banheiro"



Imagem 2 - "Meleca"



Imagem 3 - "Mamadeira"



Imagem 4 - "Papai Noel"



Imagem 5 - "Suco"

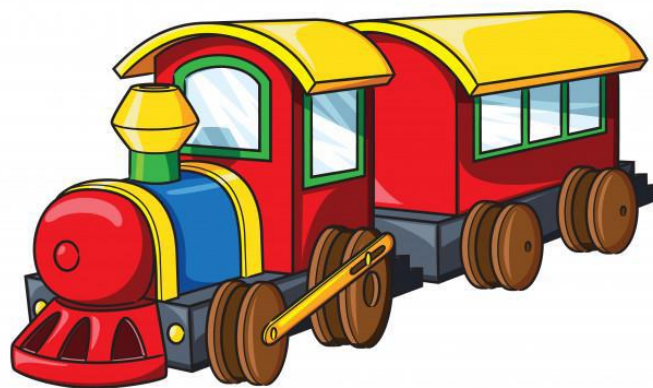


Imagem 6 - "Trem"



Imagem 7 - "Sorvete"



Imagem 8 - "Picolé"

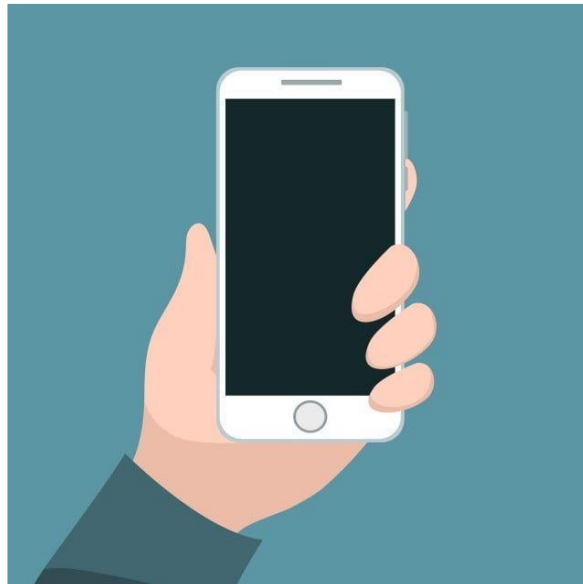


Imagem 9 - "Celular"

Anexo VI – Exemplo de contabilização dos dados da entrevista

Escolas	Alunos	Teste 1										TOTAL TESTE	Equ			
		Imagens > Palavras em PB											papai noel/ pai natal	sorvete/ gelado	celular/ telemóvel	suco/ su
		banheiro	meleca	mamadeira	papai noel	suco	trem	sorvete	picolé	celular						
Pública Santa Cruz	FA3STZPu1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	
	FA2STZPu2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	
	FA1STZPu3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	
	MA2STZPu4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	
	MA2STZPu5	0	1	1	0	0	1	1	0	1	5	1	1	1	1	
	MA2STZPu6	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	
	MA2STZPu7	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	1	1	1	1	
	MA2STZPu8	0	1	1	0	0	0	1	0	0	3	1	1	1	1	
	MA2STZPu9	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2	1	1	1	1	
	FB2STZPu10	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	
	FB2STZPu11	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	
	MB2STZPu12	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	
	MB1STZPu13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	
	MB1STZPu14	1	0	1	0	0	0	1	1	1	5	1	1	1	1	
	MB1STZPu15	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	1	1	
Privada Santa Cruz	FA2STZPr16	1	0	0	1	1	0	0	0	0	3	1	1	1	1	
	MA3STZPr17	0	0	0	1	0	0	0	1	0	2	1	1	1	1	
	FA2STZPr18	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	
	FA3STZPr19	0	0	0	1	0	0	0	1	0	2	1	1	1	1	
	MA2STZPr20	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	
	FB3STZPr21	0	1	0	1	1	0	1	1	1	6	1	1	1	1	
	MB1STZPr22	0	0	0	1	1	1	1	0	1	5	1	1	1	1	
	MB2STZPr23	0	1	0	1	1	0	0	0	1	4	1	1	1	1	
	MB1STZPr24	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	1	1	1	
	FB1STZPr25	0	0	0	1	0	0	0	1	1	3	1	1	1	1	
	FA1STNPu26	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	

